

**Quando
tudo
não é o
bastante**

HAROLD KUSHNER

Nobel

HAROLD S. KUSHNER

QUANDO TUDO NÃO É O BASTANTE

Tradução Elizabeth e Djalmir Mello

Publicado originalmente sob o título:

When All you 've Ever Wanted Isnt 't Enough

Revisão: Gislaine Maria da Silva e Judith Ferreira Pinto Capa: Sérgio Madureira

Impressão: Paym Gráfica e Editora Ltda.

Reimpressão: 2004

1986 by Kushner Enterprise, Inc. Curtis Brown, Ltda.

1986 AMPUB Comercial Ltda.

Direitos desta edição reservados à

AMPUB Comercial Ltda.

(Nobel é um selo editorial da AMPUB Comercial Ltda.) Rua Pedroso
Alvarenga, 1046 - 9o andar - 04531-004 - São Paulo - SP

Fone: (11) 3706-1466-Fax: (11) 3706-1462

www.editoranobel.com.br E-mail: ednobel@editoranobel.com.br Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kushner, Harold S.

Quando tudo não é o bastante / Harold S. Kushner ; tradutores Elizabeth Mello e Djalmir Mello. - São Paulo : Nobel, 1999.

K98q

ISBN 85-213-0508-7

1. Aconselhamento pastoral (Judaísmo) 2. Bíblia. A. T. Eclesiastes - Meditações
3. Kushner, Harold S. 4. Vida

CDD -296.74 -242.5 -296.61

87-2161 -296.61092

índices para catálogo sistemático:

1. Aconselhamento pastoral : Judaísmo 296.61
2. Eclesiastes : Antigo Testamento : Meditações 242.5
3. Prática religiosa : Judaísmo 296.74
4. Vida e prática religiosa : Judaísmo 296.74
5. Rabinos : Biografia e obra 296.61092

É PROIBIDA A REPRODUÇÃO

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida, copiada, transcrita ou mesmo transmitida por meios eletrônicos ou gravações, sem a permissão, por escrito, do editor.

Os infratores serão punidos pela Lei n° 9.610/98.

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

APRESENTAÇÃO

Este livro é para o leitor que em meio ao “corre-corre” da vida consegue questionar-se “Por que? Por que estou correndo?” Muitos indivíduos, sufocados pela rotina, não chegam a formular esta indagação sobre o significado da vida; contudo, se abafada a pergunta que toca o âmago de nossa existência, estaremos bloqueando a chance de um amadurecimento.

O autor deste livro acredita na capacidade do ser humano de crescer na busca. Neste livro ele nos encoraja a perguntar o que realmente conta na nossa existência.

É verdade que ele não nos deixa algumas de nossas desculpas tranquilizadoras, mas em contrapartida ele nos anima a enfrentar a questão da razão de viver.

Diferentemente de outros guias que nos deixam em meio ao caminho, ou nos apresentam respostas prontas, ele caminha conosco desmatando o acesso que nos leva a crescer como seres humanos. Na difícil arte de viver ele nos conduz à reflexão.

O rabino Harold Kushner nos acompanha na busca sem medo de se expor. A semelhança dos sábios do Talmud, cujos discípulos ouviam e conviviam com o mestre, o autor nos permite entrever sua vivência como pessoa sem fazer deste livro uma autobiografia.

Eis aqui um livro, caro leitor, que estimula a sede de viver, mas não sorva o seu conteúdo em uma leitura ávida. Cada etapa merece ser analisada. Assim como na vida não se pode saltar certas etapas do crescimento, também aqui vale a pena não tomar atalhos, mas evoluir ao longo dos diferentes capítulos, olhar para a face do abismo e perseverar na busca.

Aqui está um livro para os que buscam a razão de viver.

Rabino Dr. Michael H. Leipziger Conselho de Fraternidade Cristão-Judaico

SUMÁRIO

1. O Que Devo Fazer da Minha Vida? 9
2. O Livro Mais Perigoso da Bíblia 19
3. A Solidão da Busca pelo Sucesso 26
4. Quando Sentir Dói Demais 38
5. Nenhuma Dor, Nenhuma Alegria 49
6. Mas o Tolo Caminha na Escuridão 58
7. Quem Receia Temer a Deus? 65
8. Vai e Come Teu Pão com Alegria 78
9. Porque Não Tenho Medo da Morte 87
10. Uma Pergunta Sem Resposta 100

PREFACIO

Somos todos, por definição, eternos aprendizes. Insaciáveis em nossa procura, transformamos nossas respostas em sempre novas perguntas. A presente obra Quando tudo não é o bastante de Harold S. Kushner, que a Editora Nobel oferece ao público brasileiro, comprova esplendidamente esta verdade. Já o seu próprio título é dos mais sugestivos.

A grande indagação filosófica que percorre estas páginas é se vale a pena o esforço para lutar na vida e atingir determinadas metas. O autor, bebendo em Jung, sentiu a necessidade de adentrar-se analiticamente na mente humana em busca de respostas, que por sua vez despertam outras perguntas. Todo o cabedal de observações e experiências vem reelaborado à luz do critério objetivo de levar

as pessoas a viverem como seres humanos que não desperdiçam suas vidas. Fugindo à enfadonha repetição de lugares-comuns

e de receitas prontas de felicidade humana, Kushner mostra-se exigente em sua pesquisa e obriga o leitor a repensar os seus conceitos adquiridos.

Original quanto ao conteúdo, o material que este livro traz à tona de nossa reflexão é sob múltiplos aspectos instigante, e envolve-nos graças ao estilo ágil e fluente do autor, que recheia a exposição de suas idéias com numerosos casos e exemplos ilustrativos, tirados de sua vivência pessoal.

A cada passo o leitor encontra nesta obra um dado concreto, visto sob novo enfoque.

Facilmente acompanha a análise de Kushner, e revê suas idéias concernentes a temas de permanente interesse para o espírito humano. Um desses temas é, sem dúvida, a onipresente indagação religiosa.

No âmago das representações primordiais coletivas que residem na base de todas as posturas religiosas encontram-se os conteúdos arquétipos da alma humana. Esta constatação junguiana perpassa o pensamento de Kushner, conduzindo a certeza da existência na estrutura profunda da mente humana de uma potencialidade inata que impulsiona o ser humano para Deus. O diálogo religioso, que aproxima pessoas de diferentes afirmações de fé para um intercâmbio fecundo de idéias e valores comuns, vem alimentar esse impulso existencial, orientando-o de uma maneira justa, acertada e sadia.

Descendo às raízes psicológicas de nossa fenomenologia religiosa, o livro de Kushner traz uma rara contribuição ao diálogo entre religiões. Todos, judeus e não-judeus, somos seres atormentados por não saber. O mistério jamais é plenamente possuído, mas apenas adivinhado. O autor deste livro quer oferecer um sentido novo a essa procura universal.

Padre Humberto Porto.

Comissão Nacional do Diálogo Católico-Judaico do Brasil.

1. O QUE DEVO FAZER DA MINHA VIDA?

Pergunte a qualquer pessoa o que é mais importante: ganhar dinheiro ou dedicar-se à família? Praticamente todos responderão “família”, sem hesitação. Mas note a maneira pela qual a maioria das pessoas vive, na verdade. Veja onde cada pessoa realmente investe seu tempo e sua energia e você perceberá que ela não vive realmente de acordo com aquilo em que diz acreditar. Ela se deixou convencer de que, saindo de casa para o trabalho mais cedo e voltando mais cansada à noite, está provando sua devoção à família, esforçando-se e fatigando-se para lhe proporcionar a posse de todas as coisas que viram nos anúncios comerciais.

Pergunte a qualquer pessoa o que vale mais para ela: a aprovação dos estranhos ou a afeição daqueles que lhe são mais caros, e ela nem mesmo compreenderá a razão de tal pergunta. É óbvio que nada significa mais para ela que a família e os amigos mais chegados. No entanto, quantos de nós reprimimos nossos filhos, ou esmagamos sua espontaneidade, por medo do que os vizinhos ou estranhos possam pensar? Quantas vezes já descarregamos nossa raiva nos que nos são mais achegados apenas porque tivemos um dia difícil no trabalho ou porque alguma outra pessoa fez qualquer coisa que nos irritou? E quantos de nós já nos tornamos irritadiços com nossos parentes porque estávamos de dieta, para ficarmos mais atraentes para gente que não nos conhece o suficiente e que não enxerga além das aparências?

Pergunte a qualquer pessoa o que ela quer da vida e a resposta provavelmente será: “Tudo que eu quero é ser feliz”. E eu acredito. Acredito que a maioria das pessoas quer ser feliz. Creio que as pessoas se esforçam muito para isto. Compram livros, freqüentam escolas, mudam seu estilo de vida, tudo num esforço permanente para encontrar aquele estado fugidio chamado felicidade.

9

Mas, apesar de tudo isso, suspeito de que a maioria das pessoas, a maior parte do tempo, não é feliz.

Por que o sentimento da felicidade tem de ser tão fugaz, escapar tanto das pessoas que conseguem o que querem da vida, quanto das que não o conseguem? Por que é que gente com tantas razões para ser feliz sente, de maneira tão intensa, que lhe falta alguma coisa? Estaremos querendo demais da vida quando dizemos: “Tudo que eu quero é ser feliz?” Será que a felicidade, como a juventude eterna ou o moto perpétuo, é um objetivo que estamos destinados a não alcançar, por maiores que sejam nossos esforços? Ou será que é possível ser feliz? só que estamos tentando da maneira errada?

Oscar Wilde escreveu uma vez: “Neste mundo só há duas tragédias uma é não se conseguir o que se quer, a outra é conseguir”. Ele estava tentando nos avisar que, por

mais que nos esforcemos para obter o sucesso, ele não nos satisfará. Quando conseguimos chegar lá, sacrificando tantas coisas para alcançá-lo, descobrimos que o sucesso não era bem o que queríamos. As pessoas que têm dinheiro e poder sabem de uma coisa que você e eu não sabemos e, se nos dissessem, talvez não acreditássemos.

O dinheiro e o poder não satisfazem aquela fome sem nome que temos na alma. Até mesmo os ricos e poderosos se descobrem desejando ardentemente alguma outra coisa.

Costumamos ler a respeito dos problemas familiares das pessoas ricas e famosas, ou ver na televisão seus conflitos descritos em forma de ficção, mas nunca entendemos a mensagem. Continuamos pensando que, se tivéssemos o que eles têm, seríamos felizes. Não importa o grau de esforço que fazemos para sermos populares, queridos, e não importa o êxito que obtemos neste esforço, parece que nunca atingimos o ponto onde podemos relaxar e dizer que “chegamos lá”. Se o sentimento de nossa identidade depende da popularidade e da opinião que as outras pessoas têm de nós, estaremos sempre sujeitos a essas outras pessoas. A qualquer momento, elas poderão puxar o tapete sob nossos pés.

Lembro-me de ter lido, um dia, a história de um jovem que deixou sua casa para perseguir a fama e a fortuna em Hollywood. Tinha três sonhos: ver seu nome escrito no néon, comprar um Rolls-Royce e se casar com uma rainha de beleza. Aos trinta anos, já tinha realizado os três e era um homem profundamente deprimido, incapaz de trabalhar criativamente, apesar de (ou, talvez, devido a ter transformado em realidade todos os seus sonhos. Aos trinta anos, não tinha mais objetivos. O que faria com o resto de sua vida?

Muitos autores contemporâneos têm escrito a respeito do “fenômeno da impostura”, descrevendo o sentimento de muita gente, aparentemente bem-sucedida, cujo sucesso é imerecido e, mais tarde ou mais cedo, essas pessoas

10
farão cair a máscara revelando a fraude. Apesar de todos os sinais exteriores de sucesso, eles se sentem ociosos. Nunca podem relaxar e desfrutar suas realizações.

Precisam

de um sucesso após outro. Necessitam da constante reafirmação alheia para aquietar a voz interior que vive dizendo; “Se os outros conhecessem você como eu conheço, todos saberiam como você é falso”.

Assim, a mulher, cujo sonho era o casamento com um bem-sucedido médico ou executivo e morar numa bela casa num bairro elegante, pode estar bem-casada e morando na casa de seus sonhos e, de repente, não entender por que se pergunta toda manhã: “Será que a vida é só isto? Tem que haver alguma coisa a mais”. Ela almoça com as amigas, trabalha para levantar fundos para campanhas de caridade, talvez abra uma boutique, na esperança de que, ocupando as horas de seu dia, vá preencher também o faminto vazio de sua alma. Mas, por mais que se mantenha ocupada, nada sacia sua fome interior.

Nossas almas não estão sedentas de fama, conforto, propriedades ou poder. Estes valores criam muitos problemas quando alcançados. Nossas almas têm fome do significado

da vida, ou de aprendermos a viver de tal forma que nossa existência tenha importância, capaz de modificar o mundo ao menos um pouquinho, pela nossa passagem por

ele.

Um dia, eu estava lendo o livro *O Homem Moderno à Procura de Uma Alma*, de Carl Jung, quando encontrei vários trechos que me espantaram pela agudeza de sua percepção.

Tive a sensação de que um homem que havia vivido antes do meu nascimento me conhecia melhor do que eu próprio. O primeiro trecho foi: “O problema de cerca de um terço de meus pacientes não é diagnosticado clinicamente como neurose, mas resulta da falta de sentido de suas vidas vazias. Isto pode ser definido como a neurose geral de nossa época”.

Fui forçado a admitir que ele estava certo. Tão certo a respeito da década de 80, quanto a respeito das décadas de 20 e 30, quando havia escrito aquelas linhas. O que nos frustra e rouba a alegria de nossas vidas é esta ausência de significado.

Nossa vida continua, dia após dia. Pode ser bem ou malsucedida, cheia de prazeres ou de preocupações. Mas será que ela significa alguma coisa?

Haverá alguma coisa mais na vida do que simplesmente estar vivo comer, dormir, trabalhar e ter filhos? Não seremos diferentes dos insetos e dos outros animais, a não ser porque fomos amaldiçoados com a capacidade de perguntar: “O que significa a vida?”, enquanto, pelo que sabemos, as outras criaturas não têm este problema?

São perguntas difíceis de responder mas, mais ainda, de evitar. Por alguns anos, talvez, possamos postergar as respostas, enquanto 11

estivermos ocupados com a educação, com a carreira e com as decisões sobre o casamento. Nas primeiras décadas de nossa vida, os outros têm mais a nos dizer do que nós

mesmos. No entanto, mais cedo ou mais tarde, nos deparamos face a face com estas perguntas. Que devo fazer da minha vida? De que forma devo viver, para que minha vida signifique algo mais que um simples lampejo de existência biológica, que logo desaparecerá para sempre?

O diretor de um museu de entomologia de South Wales me mostrou uma vez a “mariposa sem boca”, que não tem sistema digestivo e, pois, nenhuma forma de absorver comida, morrendo de inanição poucas horas depois de pôr seus ovos. A Natureza destinou a esta mariposa apenas a reprodução, isto é, deposita seus

ovos e transmite a vida da espécie. Uma vez feito isto, ela não tem mais qualquer razão para continuar vivendo e está programada para morrer. Seremos assim também? Viveremos apenas para produzir filhos, para perpetuar a espécie humana? E, uma vez feito isto, será nosso destino desaparecer para deixar lugar para a próxima geração? Ou terá a nossa existência um propósito além do simples existir? O fato de estarmos vivos tem importância? Nosso desaparecimento deixaria o mundo mais pobre ou apenas menos povoado?

Como Jung corretamente percebeu, não são perguntas abstratas, próprias para conversas de reuniões sociais em torno de coquetéis. São perguntas desesperadamente urgentes.

Ficamos doentes, solitários e com medo se não as pudermos responder.

Uma tarde, um homem sentou-se diante de mim em meu escritório. Havia marcado o encontro com antecedência, parecendo agitado e dizendo apenas que tinha uma questão religiosa a discutir comigo. No meu trabalho, uma “questão religiosa” pode significar qualquer coisa da dúvida quanto à relação entre Deus e o Mal até a dúvida

sobre a posição que os pais do noivo devem ocupar na cerimônia do casamento. Depois de algumas observações vagas sobre sua infância e sua educação religiosa, ele me disse o que o preocupava:

- Há duas semanas, pela primeira vez na vida, fui ao enterro de um homem que tinha a mesma idade que eu. Eu não o conhecia muito bem mas trabalhávamos juntos, falávamos

de vez em quando, tínhamos filhos da mesma idade. Ele morreu de repente, no fim-de-semana. Um grupo do escritório foi comigo ao funeral, cada um de nós pensando: “podia ter sido eu”. Isto foi há duas semanas. Ele já foi substituído no trabalho.

Ouvi dizer que sua mulher está se mudando para outro estado, para morar com os pais. Quinze dias atrás ele estava trabalhando a dez metros de mim e agora é como se ele nunca tivesse existido. É como uma pedra que cai numa lagoa. Durante alguns segundos há uma agitação na superfície e logo a lagoa volta a ser exatamente como era antes mas a pedra não está. mais lá. Mal consegui dormir desde então, Rabino.

Não consigo deixar de pensar que podia ter acontecido comigo, que um dia vai acontecer comigo e

12

poucos dias mais tarde eu estarei esquecido como se nunca tivesse vivido. Será que a vida de um homem não deve ser mais que isto?

Se uma árvore cai na floresta e não há nenhum ouvido próximo para escutar, ela deixa de fazer barulho? Se uma pessoa vive e morre e ninguém se dá conta, se o mundo continua como sempre foi, será que a pessoa realmente viveu? Estou convencido de que o medo da morte, do fim da vida, que povoa nossos pesadelos, é menor que o pavor de uma vida sem importância, para o mundo. O que falta a nossas vidas, não importa o que conseguimos, é este sentimento de significar alguma coisa.

Podemos alcançar todos os itens de nossa lista de desejos, e ainda assim nos sentirmos vazios. Podemos ter atingido o ápice de nossa profissão e, mesmo assim, sentir

que nos falta alguma coisa. Podemos saber que os amigos e conhecidos nos invejam e ainda perceber a ausência de um contentamento verdadeiro em nossas vidas. Então talvez tenhamos que recorrer à terapia para ajudar a preencher o vácuo e ancorar nossas vidas em águas seguras. Recordemos que o significado original, literal, da palavra “psicoterapia” é “tratamento e cura da alma”

- e é precisamente nossa alma que necessita de tratamento. Já me beneficiei pessoalmente com a terapia, em ocasiões de minha vida em que me senti saturado de problemas

e necessitei de um observador externo e treinado para me dizer de que forma eu estava tornando as coisas mais difíceis para mim mesmo. Foi preciso que me dissessem que eu estava evitando encarar certas verdades. Além disto, já usei os insights da Psicologia e da Psicoterapia para esclarecer meus sermões e para aconselhar membros de minha congregação em dificuldades. Sei que a terapia é importante e sei que ela tem seus valores. Mas estes valores da abordagem terapêutica tendem a ser valores de ajustes ao que existe e não visões de um mundo ainda por existir. Um terapeuta habilidoso pode desmanchar alguns dos nós emocionais com que nos amarramos. Pode remover alguns obstáculos que nos separam da felicidade. Pode nos fazer menos infelizes mas não pode nos tornar felizes. Na melhor das hipóteses, pode nos trazer de volta ao zero, a partir

de uma situação emocionalmente negativa. Pode desbloquear nossa capacidade de viver de modo significativo, mas isto é o máximo que pode

fazer por nós.

Quando os membros de minha congregação recorrem a mim com seus problemas emocionais, faço questão de lhes dizer que não sou um terapeuta formado. Não sei fazer muitas

das coisas que um terapeuta profissional faz. Mas posso lhes oferecer uma coisa que o terapeuta não pode: uma definição do que é viver certo ou errado; uma liberdade para julgar suas ações e lhes dizer que alguma coisa está errada, moralmente errada, que não se trata apenas de uma disfunção e que algum outro tipo de atitude seria

melhor.

13

Há um velho provérbio iídiche que diz: “Para o verme num rabanete, o mundo inteiro é um rabanete”. Ou seja, se não conhecermos nenhuma alternativa, presumimos que a maneira pela qual estamos vivendo, com todas as suas frustrações, é a única maneira de viver. Chegamos ao ponto de acreditar que a vida sempre teve congestionamentos

de trânsito e poluição do ar. A psicoterapia pode nos ajudar a encarar o fato de que o mundo em que vivemos é um rabanete. Pode nos curar de expectativas irrealistas a respeito do mundo. Pode nos indicar um ajustamento a este mundo, de forma que ele nos deixe menos frustrados. Mas não pode nos falar a respeito de um mundo que nunca vimos ou experimentamos. A Psicologia pode nos ensinar a ser normais, mas precisamos procurar em outra fonte a ajuda de que necessitamos para sermos humanos.

A questão da existência de um significado para nossa vida, da vida de cada indivíduo apresentar ou não uma diferença real, é uma questão religiosa, não porque trate

de assunto de fé ou envolva o comparecimento a cerimônias religiosas, mas porque refere-se a valores e preocupações fundamentais. É religiosa porque trata do que há ainda para enfrentar quando você já aprendeu tudo que tinha para aprender e resolveu todos os problemas que poderiam ser resolvidos. A religião focaliza a diferença

entre os seres humanos e todas as outras espécies e procura um objetivo significativo capaz de tornar nossas vidas significativas por se voltarem para ele.

A Constituição americana garante a cada um o direito de perseguir a própria felicidade. Mas, por ser um documento político e não religioso, não nos adverte quanto

às frustrações trazidas pelo exercício deste direito, porque a perseguição da felicidade é o objetivo errado. Você não passa a ser feliz perseguindo a felicidade.

Você se torna feliz vivendo uma vida que signifique alguma coisa. As pessoas

mais felizes que você conhece provavelmente não são as mais ricas ou mais famosas, provavelmente

não são aquelas que mais se esforçam para serem felizes, lendo os artigos, comprando os livros ou seguindo a moda. Desconfio que as pessoas mais felizes que você

conhece são aquelas que se esforçam para serem generosas, prestativas e confiáveis e a felicidade entra de mansinho em suas vidas enquanto elas estão ocupadas com este esforço. Você não se torna feliz perseguindo a felicidade. Ela é sempre um subproduto, nunca um objetivo primário. É como uma borboleta - quanto mais você tenta

caçá-la, mais ela foge e se esconde. Mas se parar a perseguição, guardar sua rede e se ocupar com coisas diferentes, mais produtivas que a caça à felicidade pessoal, ela virá pelas suas costas e pousará no seu ombro.

Citando Jung outra vez: “Não notamos o fato essencial de que as recompensas que obtemos da sociedade são alcançadas às custas de uma diminuição da personalidade.

Muitos dos aspectos da vida que deveriam ser experimentados 14

acabam ficando no depósito das memórias empoeiradas”. Olhei para esta frase, quando a li, e tive a sensação de que estava frente a uma verdade que sempre conhecera e sempre me esforçara para não admitir. Somente então, já próximo dos 50 anos, estava preparado para enfrentá-la. Como tanta gente, tornei-me muito bom em certos aspectos de meu trabalho mas às custas de uma distorção de minha personalidade.

Minha família, meu próprio sentimento de integridade pagaram o preço, mas a sociedade como um todo aprecia tanto este desequilíbrio que acabei não percebendo o que

estava fazendo. Os aplausos, as palavras de elogio e apreciação abafaram a vozinha quieta que, dentro de mim, dizia que eu estava esquecendo algo.

Lembro-me das incontáveis noites em que me deixei convencer de que participar de uma reunião de comitê (pela terceira vez na mesma semana) era mais importante do que ficar em casa com minha família e que o comitê jamais

funcionaria sem minha presença. (Somente anos mais tarde ouvi de um religioso amigo meu: “Deus pode usar você mas não precisa de você”.) A frase de Jung me fez lembrar das vezes em que marquei encontros de aconselhamento para horas que eram convenientes para os outros mas que me fizeram ficar sem jantar. Há alguns anos fui convidado a discursar para uma classe de formandos de um seminário judaico. Disse àqueles jovens, prestes a abraçar uma carreira como a minha: “Haverá noites de sextas-feiras em que vocês apressarão a família para que termine logo o jantar e não se atrase para um sermão sobre o sábado - um dia a ser passado todo ele com a família. Haverá dias em que vocês deixarão em casa um filho doente, ou um filho estudando para uma prova, para correr ao Templo e ensinar valores religiosos a um grupo de jovens. Haverá domingos em que vocês cancelarão o piquenique com a família para officiar num funeral e elogiar o falecido como um homem que nunca permitiu que suas atividades profissionais interferissem em suas obrigações para com a família. E, pior que tudo, vocês

nem estarão conscientes do que estão fazendo”.

Lembro-me de uma entrevista que li, dada por um dos maiores vendedores de carros dos Estados Unidos, em que ele revelava o segredo de seu sucesso: “Trato qualquer um que entre em minha loja como se fosse meu melhor amigo. Descubro seus interesses principais, o que ele faz para viver e, seja o que for, finjo que estou muito interessado e peço-lhe que me conte tudo a respeito. Quando acabo, tudo que ele quer na vida é me comprar um carro”. Pensei comigo como deve ser triste ganhar a vida desse jeito, fingindo gostar das pessoas a ponto de esquecer o que é gostar genuinamente da companhia de alguém como amigo, não como um freguês em potencial.

A emoção artificial (como é que eu devo sentir agora?) substitui a emoção de verdade (como é que me sinto em relação a esta pessoa?) até o ponto em que a capacidade

de se identificar os sentimentos verdadeiros desaparece. Talvez seja esta a razão da existência de tanta

15

cordialidade forçada e tão pouca amizade genuína na vida dos americanos de hoje.

O pior de tudo é que a sociedade aplaude este desequilíbrio, honrandonos pelo sucesso financeiro e nos elogiando pelo auto-sacrifício. “As recompensas da sociedade são obtidas às custas de uma diminuição da personalidade”. As forças da sociedade não nos permitem ser pessoas inteiras porque somos mais úteis para elas quando uma parte de nós é superdesenvolvida. Como cães de caça que são treinados para trazer a ave morta na boca sem a morder, tornamo-nos úteis à sociedade pela negação de nossos instintos saudáveis.

Este livro não trata de como ser feliz ou como ser popular. Há muitos outros que tratam dessas coisas. Trata de como ter sucesso mas não no sentido que a maioria das pessoas dá a esta palavra. Trata, na realidade, de como ser humano e de como viver com o sentimento de que você é mais que uma mariposa que vive por um instante e desaparece. Trata de saber se você vive como um ser humano deve viver, sem desperdiçar sua vida. Trata de dar um sentido à sua vida, um sentimento de que você usou bem o seu tempo na Terra e não o desperdiçou, de que o mundo será diferente porque você passou por ele. É um livro escrito por um homem que chegou à meia-idade, que lhe diz algumas das coisas que agora sabe e que gostaria de as ter sabido quando era mais moço.

Meu livro anterior. Quando Coisas Ruins Acontecem às Pessoas Boas , foi escrito para ajudar as pessoas a suportarem as tragédias pavorosas que dividem a vida em duas partes - antes e depois daquele momento terrível. Uma tragédia deste tipo - a morte de alguém que você ama, um acidente que resulta em invalidez, o diagnóstico de uma doença sem cura - faz com que a mente se concentre. Você não pode deixar de enfrentar o problema, de tentar organizar sua vida diante das alterações trazidas pelo acontecimento. Este livro foi escrito para ajudar as pessoas a lidarem com outra espécie, mais sutil, de tragédia: a doença do tédio, da falta de sentido, o sentimento de futilidade e de falta de um propósito da existência. De certa forma, é um problema mais perigoso, porque nem sempre percebemos que está acontecendo conosco. Ele tem maneiras de se intrometer em nossa vida, de mansinho, esvaziando a alegria e a energia de viver até que, quando percebemos o que está acontecendo, já é tarde demais para fazer qualquer coisa. Este livro tenta nos ajudar a enfrentar o temor de que vamos

viver e um dia morrer, sem que nem uma coisa nem a outra

faça qualquer diferença para o mundo.

Comecei a escrever um livro muito diferente, um livro frio e distante sobre os problemas das outras pessoas e cheio de conselhos a respeito de como os resolver.

Escrevi um pouco e descobri que faltava alguma coisa. Descobri que tinha 16

de escrever um livro a partir de meus próprios problemas e confusões, não os das outras pessoas. Tinha de fazer deste livro um trabalho muito pessoal, como foi o anterior, não escrevendo de maneira abstrata sobre a busca do homem pelo significado, mas descrevendo a minha própria busca, com todos os seus erros e frustrações.

Três coisas aconteceram comigo, nos últimos cinco anos, que mudaram minha maneira de ver a vida. Primeiro, escrevi um livro sobre a morte de nosso filho de catorze anos, de uma doença incurável, e sobre como descobri a forma de aceitar esta morte e sobreviver a ela. Escrevi pela minha própria necessidade de contar a história, sem nenhuma expectativa de que pessoas fora de um pequeno grupo de amigos jamais viessem a lê-la. Para minha surpresa (e para surpresa de duas editoras que o examinaram

e rejeitaram), o livro se transformou num “best-seller” internacional. Depois de alguns anos, ainda recebo cartas elogiosas de gente que se sentiu ajudada e confortada

por ele. O sucesso do livro me trouxe um pouco de fama e fortuna, me deixou absurdamente ocupado por alguns anos e atrapalhou muito minha saúde, minha família e minhas outras atividades. Mas o que ele fez, mais que qualquer outra coisa, foi me forçar a separar o desejável do indesejável em meio a tanto brilho. Muitas e muitas vezes tive de me perguntar: é isto o que eu realmente quero da vida? As vezes a resposta era um enfático “sim”, outras um “não” relutante. Mas de uma forma ou de outra tive de enfrentar a questão com uma frequência e uma urgência até então desconhecidas por mim. Tive que decidir como queria usar o tempo e a energia, ambos limitados, de que dispunha e como e por qual razão eu queria ser lembrado. Os erros que cometi e as lições que aprendi tentando responder a tais perguntas são os fundamentos deste livro.

A segunda coisa que me aconteceu foi a morte de meu pai, pouco antes de completar oitenta e quatro anos, que me forçou ao confronto com a questão da mortalidade, tanto dele quanto minha. Tive que absorver a idéia de que mesmo a mais longa e bem-sucedida das vidas um dia chega ao fim. Não houve um dia em minha vida sem que tivesse meu pai por perto e agora eu era forçado a inventariar toda a história de sua vida e ver o que fora deixado. Meu pai fora um homem muito ativo e bem-sucedido durante muitos anos e agora eu tinha que verificar quais de seus êxitos morriam e desapareciam com ele e quais permaneciam, para lhe dar um pouco de imortalidade.

A morte de meu pai significava que agora eu era da geração mais velha, o próximo na linha de sucessão, por assim dizer, e que era hora de começar a pensar sobre quais os aspectos de minha vida que iriam sobreviver e manter vivos meu nome e minha memória, quando eu morresse.

Finalmente, enquanto trabalhava neste livro cheguei aos cinqüenta anos 17

de idade. Quando jovem, nunca tive o pavor de chegar ao trigésimo ou quadragésimo aniversário e deixar de ser jovem, que muita gente tem. Afinal, descendo de uma tradição judaica que respeita a sabedoria e a maturidade mais que o frescor e o vigor da juventude. Achei que quarenta anos era uma boa idade para alguém que fazia sermões sobre como se deve viver. Mas cinqüenta anos parecia uma idade terrivelmente avançada, lamentavelmente mais perto do fim que do começo da vida. Nada do que

havia lido me tinha preparado para a surpresa de chegar aos cinqüenta anos. Foi tão fácil! Descobri que estava muito mais assentado, com um sentimento muito mais claro de quem eu sou, do que ao chegar aos marcos anteriores. Aos trinta, e mesmo aos quarenta, tinha dúvidas sobre como seria minha vida. Aos trinta, minha esposa e eu ainda estávamos no processo de planejar a família e ter filhos. Não tinha ainda ultrapassado o estágio de aprendiz em minha carreira, servia como rabino-assistente

de uma grande congregação suburbana. Aos trinta e cinco, eu era ambicioso e inquieto, dividido entre as necessidades conflitantes de meu trabalho-e minha família.

Aos quarenta, eu me recusava a aceitar o fato de que alguns de meus sonhos pessoais e profissionais nunca se realizariam. Repelia a injustiça da vida, me

negando a aceitá-la. Mas agora tenho cinqüenta anos. A maioria das principais questões de minha vida já tiveram respostas, algumas satisfatórias para mim, outras nem tanto.

Estou confiante em que ainda haverá surpresas para mim. Espero não ter parado de crescer. Mas as tempestades e incertezas que explodiam dentro de mim quando era jovem parecem ter se acalmado.

A necessidade do significado não é uma necessidade biológica, como a necessidade de ar e de alimento. E não é também psicológica, como as necessidades de auto-estima e apreciação. É uma necessidade religiosa, uma sede fundamental de nossas almas.

Assim, é para a religião que nos devemos dirigir se quisermos encontrar as respostas.

2. O LIVRO MAIS PERIGOSO

DA BÍBLIA

A procura pela boa vida, pela vida significativa e satisfatória, é um dos mais antigos temas religiosos. Desde os tempos mais remotos, a religião tem tentado ligar as pessoas a Deus, para tornar menos ameaçador este vasto e incontrolável mundo. Tem tentado unir as pessoas, para que ninguém tenha que comemorar ou chorar sozinho.

E, tão logo as pessoas perceberam que a vida era mais que a simples sobrevivência, procuraram a religião como seu guia para uma boa vida. No Judaísmo, no Cristianismo e em vários dos sistemas orientais de fé, as pessoas às vezes se referem à religião como o Caminho, a vereda para uma vida em harmonia com o universo, o guia que ensina a viver a vida como ela deve ser vivida.

Mas, hoje em dia, nos desapontamos, com muita freqüência, quando tentamos encontrar este guia nas páginas de nossas tradições religiosas. Há nelas muitas coisas sábias e verdadeiras mas há também uma certeza que muitas vezes não compartilhamos.

Elas nos falam com tanta confiança da existência de um Deus que controla o universo e nos revela Sua vontade. Prometem-nos a felicidade se seguirmos Seu caminho e nos ameaçam de desgraça se não o fizermos. Lemos tudo isto e gostaríamos de acreditar mas descobrimos que é difícil. A Bíblia e os livros dela derivados parecem escritos para gente capaz de ouvir a voz de Deus com clareza e de ver Sua mão em todas as coisas. Não parecem escritos para a atribulada alma moderna, para o cético, o cheio de dúvidas, o confuso. Os fiéis dizem sempre: “leia a Bíblia que lá você encontrará

as respostas”. Mas os inquietos, os que estão em dúvida, os céticos, a lêem e encontram apenas um livro remoto, que fala de coisas distantes de seus interesses.

A realidade da Bíblia não parece ser a mesma realidade dos leitores e suas respostas não parecem corresponder às suas perguntas. E então eles se sentem ainda pior,

ao descobrir que uma coisa que tanto ajuda aos outros não parece se aplicar a eles.

19

Um dos livros da Bíblia, contudo, é único, diferente dos demais. Eu quero lhe apresentar o mais incomum de todos os livros da Bíblia. Se fosse mais conhecido, poderia ser também o mais perigoso livro de toda a Bíblia. Já houve gente que se referiu a ele como tal. É o Livro do Eclesiastes. É um livro pequeno, pouco mais que uma dúzia de páginas em algumas edições, empurrado bem para o final da Bíblia Hebraica, em um lugar até onde poucos leitores costumam chegar. Mas quem chega até ele e o lê se espanta com o que diz. Não há nada parecido em todas as Escrituras. É obra de um homem revoltado, cínico e céptico, que duvida de Deus e questiona

o valor de se fazer o bem. “Para que o homem deve trabalhar?”, pergunta ele nas primeiras linhas de seu livro. “Uma geração passa e é sucedida por outra mas o mundo permanece para sempre o mesmo” (Ecl. 1: 4). “O homem não é superior aos animais, pois ambos nada significam. Como morre um, morre o outro e ambos têm o mesmo destino”

(Ecl. 3:19). “Em minha própria e curta vida aprendi isto: o homem bom morre apesar de sua bondade e o homem mau sobrevive apesar de sua maldade, portanto não se esforce para ser particularmente bom, pois você pode ser surpreendido” (Ecl.

7:15-16).

Alguém mais na Bíblia fala assim? Praticamente a metade das páginas da Bíblia insiste em dizer que cada ato nosso, por menor que seja, é importante. Lemos que Deus

se importa com o que comemos, com quem dormimos, como ganhamos e gastamos o dinheiro. O Eclesiastes de repente nos diz que Deus não se importa realmente com qualquer

destas coisas. O rico e o pobre, o sábio e o tolo, o puro e o pecador são todos a mesma coisa ante Seus olhos. Vivam como viverem, todos envelhecem e morrem e são logo esquecidos. A maneira pela qual viverem não parece fazer qualquer diferença. A tradição judaica nos diz que quando os sábios se reuniram para estabelecer o Cânon, para decidir quais dos livros ancestrais deveriam fazer

parte da Bíblia e quais

deveriam ser deixados de fora, houve violenta discussão sobre o Livro do Eclesiastes. Muitos o julgavam ofensivo e ameaçador à sua fé. Não apenas queriam deixá-lo

fora da Bíblia, queriam bani-lo completamente, para evitar que leitores jovens e inocentes fossem induzidos por ele à heresia. Mas de algum jeito, da mesma maneira que superaram seu constrangimento quanto ao erotismo do Cântico dos Cânticos e ao ambiente das Mil e Uma Noites do Livro de Ester, eles abriram espaço para o cinismo e o ceticismo do Eclesiastes.

O que é este livro, que tanto perturbou os antigos sábios e que tanto surpreende o leitor moderno que o encontra? É um livro difícil de acompanhar e compreender.

Há nele uma unidade de tom mas não há enredo ou linha central, nem mesmo o desenvolvimento constante de um tema. O autor pula de um assunto para o outro e às vezes

se contradiz, dizendo uma coisa aqui e seu oposto na página seguinte. Alguns trechos do livro são familiares: “Nada há de novo sob 20

o Sol”; “Tudo tem seu tempo certo, há um tempo para nascer e um tempo para morrer”; “O Sol também se levanta”; “Lança o teu pão sobre as águas”. Mas o livro como um todo não é de fácil compreensão.

Não se sabe muito a respeito da pessoa que o escreveu. Nem mesmo se sabe seu nome ou em que época, no período bíblico de mil anos, ela viveu. Porque se descreve como um descendente do Rei Davi e um dos governantes de Jerusalém, a tradição costuma identificá-la como o Rei Salomão, o mais sábio dos homens da Bíblia. Consta de uma tradição judaica que Salomão é o autor de três livros bíblicos. Quando era jovem e estava apaixonado, escreveu os poemas de amor do Cântico dos Cânticos.

Na maturidade e preocupado em ganhar a vida, escreveu a sabedoria prática do Livro dos Provérbios. Na velhice, teria dado voz aos sentimentos de cinismo que encontramos no Eclesiastes. Alguns estudiosos acham que foi a suposta autoria do Rei Salomão que persuadiu os sábios ancestrais a incluírem na Bíblia o Eclesiastes, apesar de suas dúvidas.

Até mesmo o nome Eclesiastes (Kohelet, em hebraico) é obscuro. Ao que se sabe, nenhuma outra pessoa jamais teve este nome. Gramaticalmente, soa mais como um título que como nome de alguém (o que não chega a ser surpresa, pois os autores da época quase nunca colocavam o nome em suas obras). Seu significado é geralmente descrito como “aquele que convoca uma reunião, que chama as pessoas para que se juntem”.

Pode ter sido um professor ou um homem sábio que ganhava a vida preparando os filhos dos ricos para os problemas práticos da vida. Seu livro, certamente, apesar de todo o pessimismo, caracteriza alguém que gostava de dividir sua experiência com os jovens, não lhes dando apenas instrução, mas também conselhos.

Se o autor do livro foi ou não o Rei Salomão (a linguagem parece pertencer a uma época muito mais recente), está claro que o homem que conhecemos por Eclesiastes era um homem sábio, na meia-idade ou já passado por ela, que tentava lidar com seu medo de envelhecer e morrer sem ter sentido que havia vivido de verdade. Ele nos dá a impressão de procurar desesperadamente por alguma coisa que dê à vida um significado menos efêmero.

Descobri o livro do Eclesiastes quando tinha uns dezessete anos e me apaixonei por ele à primeira vista. Adorei a coragem e a honestidade do autor em atacar as ortodoxias

de seu tempo, apontando a hipocrisia e denunciando a superficialidade de tanta coisa que passava por virtude e sabedoria em sua época. Fiquei fascinado com suas sábias observações sobre a vida, seus comentários cínicos sobre a natureza humana.

Pareceram-me agudos e profundos e até mais honestos que as afirmações piedosas de boa parte da Bíblia. Naquela época, achei que o Eclesiastes era como eu, um jovem e idealista inimigo da falsidade e da tolice, um desafiador da pompa e do fingimento.

21

Agora que cheguei à idade que provavelmente tinha o Eclesiastes quando escreveu seu livro, percebo como o entendi mal aos dezessete anos. Olhei então para o espelho de seu livro e vi refletida minha própria imagem, um adolescente idealista. Mas o autor não era um adolescente. Era um homem amargo, cansado, já na segunda metade de sua vida. Captei a agudeza de seu cinismo, atacando as banalidades. Capii seu prazer em denunciar o raciocínio falacioso e interesseiro e a falsidade despudorada que se disfarçava de religião. Mas, por ser tão jovem quando o li pela primeira vez, deixei de perceber o terror que, quando o releio atualmente, aparece tão óbvio.

Este livro foi escrito por um homem muito assustado.

O Eclesiastes não é um mero professor de sabedoria, ainda que mais honesto e direto que a maioria deles. Não é apenas um inimigo da afetação e da hipocrisia. É um homem com um medo desesperado de morrer antes de aprender a viver. Nada do que já fez, nada do que fará teria importância, pois um dia morrerá e será como se nunca tivesse vivido. E ele não consegue suportar este medo de morrer e desaparecer sem deixar um traço de si.

“O destino do tolo é o meu destino também; de que serviu, então, minha sabedoria?

Ela foi também em vão porque tanto o sábio, como o tolo, não serão lembrados. À

medida que passam os dias, um após outro, ambos serão esquecidos. Ai de mim já que o sábio morre da mesma forma que o tolo”. (2:15-16).

Ele nos conta, no livro, a história de sua vida. Escreve sobre seus sucessos e suas frustrações e sobre todas as maneiras pelas quais tentou ter sucesso e fazer qualquer coisa de sua vida e ainda sobre todas as razões por que nunca conseguiu responder lealmente a pergunta: Qual o significado de tudo isso, a longo prazo?

Do Eclesiastes se tem dito que é o livro mais pessoal da Bíblia. Os profetas e outros autores bíblicos nos contam às vezes suas vidas, suas conquistas e

experiências.

Mas ninguém mais divide conosco seus mais profundos temores e frustrações como o faz o Eclesiastes.

Aparentemente o Eclesiastes foi um homem muito talentoso. Na juventude, decidiu ganhar dinheiro e parece que conseguiu: “Multipliquei minhas propriedades, construí casas e plantei vinhedos... Obtive mais riquezas que qualquer outro antes de mim.”

(2:4,9).

Mas ele aprendeu que a riqueza não é a resposta. Compreendeu que seu dinheiro pode ser perdido com a mesma facilidade com que o ganhou. Ou pode morrer e deixar tudo para alguém que nunca trabalhou para obtê-lo. Ele vê gente 22

rica a gastar sua fortuna estupidamente e vê gente que adoece e passa seus últimos anos numa infelicidade que riqueza alguma pode aliviar.

“Há um mal que observei sob o Sol e é um mal muito grave para o homem: Deus às vezes lhe dá riqueza, propriedades e prosperidade, de forma a que nada lhe falte, mas não lhe permite aproveitar tudo isto. Se um homem tiver cem filhos e viver por muitos anos mas nunca chegar à alegria completa, digo que o natimorto, que nem chega a ter um funeral, é mais afortunado que ele ” (6:1-3)
Como tantos jovens ricos, o Eclesiastes dedica-se ao prazer, bebendo e se divertindo e experimentando todas as sensações que o dinheiro pode trazer.
“Disse a mim

próprio: vem, que vou te dar os prazeres. Aventurei-me a tentar minha carne com o vinho... Não neguei a meus olhos qualquer coisa que eles quisessem ver... Tudo isto também descobri que era em vão. Quanto aos prazeres também perguntei: para que serve tudo isto?” (2: 1, 10, 2). Quando se é jovem não há problemas em dedicar o tempo aos prazeres. Afinal, como acontece com todos os jovens, seu tempo é ilimitado, há anos e anos à sua frente e ele pode se dar ao luxo de desperdiçar alguns

deles. Mas, quando fica mais velho e seu tempo se torna mais precioso, começa a perceber que a vida de prazer ininterrupto não passa de um meio de fugir ao desafio de fazer alguma coisa significativa em sua vida. O prazer pode ser o tempero da vida mas não a sua essência, porque, ao terminar, nada valioso e

durável permanece.

O tempo, que fora antes a fonte de sua vantagem sobre os mais velhos, torna-se agora um inimigo. Ele começa a perceber que seu tempo está se esgotando. O Eclesiastes nos deixou estas linhas memoráveis: “Tudo tem seu tempo certo; há um tempo para cada coisa sob .os céus: um tempo para nascer e um tempo para morrer, um tempo para plantar e um tempo para colher, um tempo para chorar e um tempo para rir, um tempo para o luto e um tempo para dançar”. (3:1 - 4). Agora este autor de meia-idade está começando a suspeitar de que as boas coisas ficaram para trás, que a maioria delas já aconteceu e que o tempo à sua frente é principalmente o tempo de chorar e de se preocupar. Há um conto de Joanne Greenberg, cujo título foi tirado do Eclesiastes: Things in Their Season (“Cada Coisa a Seu Tempo”). Nele, um grupo de pessoas

descobre sem querer que o Governo está cobrando secretamente um imposto sobre o tempo, nos moldes do Imposto de Renda. (Afinal, tempo é dinheiro). Quanto mais valioso

o tempo de uma pessoa, maior a proporção do desconto. É por esta razão que as pessoas ocupadas nunca parecem ter tempo suficiente, por mais eficientes que sejam.

O grupo então se apossa de uma carga de tempo, pertencente a um depósito do Governo, para prolongar a vida de um seu amado professor, que está morrendo. Mas para o Eclesiastes não há maneira de roubar tempo e prolongar seus dias.

23

Achando-se na situação de um homem de lazer, com seus anos de prazer deixados para trás, o Eclesiastes se dedica a estudar, fazendo um esforço para descobrir o sentido em sua vida. Em algum lugar, em qualquer daqueles livros escritos pelos homens mais sábios do passado deve haver uma resposta para sua busca. Já neste ponto o leitor começa a sentir um tom de urgência nesta procura. Ele já não se pergunta qual o significado da vida a partir de uma curiosidade intelectual da juventude. Ele pergunta:

“Qual será o significado de minha vida?” Pois começa a sentir a possibilidade aterradora de que sua vida vá terminar em breve e não terá tido qualquer significado.

Agora, quando a busca o conduz a becos sem saída, sua reação não é mais o desapontamento mas o crescente desespero. O fato mais frustrante de todos é a percepção

de que a morte pode vir cedo demais, e apagar os esforços de toda sua vida.

Ele se dispõe a comprovar o provérbio popular: “O sábio tem olhos mas o tolo caminha na escuridão”. (2:14). Mas o que descobre é que o sábio, se realmente vê com mais clareza as coisas, descobre apenas a futilidade da vida. Quanto mais sábio, mais enxerga a deslealdade, a injustiça, a tragédia. O Eclesiastes já está velho bastante para que a sombra da morte penetre em sua consciência e roube o sentido de todas as coisas. Para que serve qualquer coisa que eu faça se ela não me protegerá contra a morte e o desaparecimento? Que diferença faz se sou sábio e meu vizinho é um tolo, se sou honesto e ele é perverso? De uma forma ou de outra, a história de nossas vidas terminará da mesma maneira. Ambos morreremos e seremos esquecidos.

Toda a minha sabedoria, todas as minhas boas ações morrerão comigo.

Se a riqueza e o prazer não deram à vida do Eclesiastes um significado duradouro, porque eram tão transitórios, o que dizer a respeito do aprendizado? A mente humana é tão frágil! Não só a morte, mas a velhice, um derrame, a senilidade podem fazer com que todo o conhecimento desapareça. É possível que ele tenha presenciado o envelhecimento de seus mestres, suas mentes

brilhantes se desfazendo em esquecimento senil. Qual, então, o propósito de procurar a sabedoria? O rico perde sua fortuna

quando morre, mas o sábio perde sua sabedoria ainda mais cedo.

Resta apenas uma possibilidade. Sentimos que o Eclesiastes hesita em tentá-la, com medo de que falhe e destrua a última esperança. Ele terá que concluir que a vida é na verdade fútil e sem sentido. Numa última e desesperada tentativa, um Eclesiastes cada vez mais amedrontado se volta para Deus. “Serei virtuoso”, diz.

“Seguirei

todos os ensinamentos de minha religião e procurarei aquele sentimento de paz e tranquilidade prometidos aos puros de alma”. Como tantos homens e mulheres de sua idade, refletindo sobre uma vida passada de esforços e conflitos e sobre um futuro incerto, o Eclesiastes da meia-idade

24

se torna religioso. Encontra tempo para as buscas do espírito, para as quais, até então, estivera muito ocupado ou fora sofisticado demais.

Mas isto também é um fracasso. Ele aprende que nem mesmo o mais alto grau de virtude o pode proteger da morte e do medo dela, ou do esquecimento a que a morte conduz.

Nenhum grau de virtude o pode levar até o ponto em que poderia barganhar com Deus, dizer a Deus: “Veja como minha vida é valiosa e admirável. Não é melhor para o Seu interesse que eu continue a viver, em lugar de morrer e ser esquecido?”.

Não haverá, então, nenhuma resposta? Será que nossa necessidade de um sentido para a vida não passa de uma vontade absurda, de uma arrogância enorme de uma espécie que, no fundo, não é diferente da “mariposa sem boca”? Estaremos na Terra apenas para o lampejo de um momento, para manter viva a espécie e depois ceder o lugar para a próxima geração, para que ela também se reproduza e morra? Terá Deus plantado em nós uma fome que não pode ser saciada, uma fome de sentido e significado?

O Eclesiastes escreveu seu livro há muitos séculos, para dividir conosco seus desapontamentos e suas frustrações, para nos avisar de que não devemos desperdiçar nosso limitado tempo como ele o fez, na ilusão de que riqueza, sabedoria, prazer ou virtude podem fazer com que nossas vidas tenham importância. Eles nos conta a sua história com desespero crescente, à medida que um caminho após o outro conduz a um beco sem saída e ele constata que seus anos e suas opções vão se esgotando.

Mas não escreveu seu livro apenas para expressar a frustração e para nos deprimir.

No final, ele encontra uma resposta. Mas é uma resposta que só faz sentido para quem dividiu com ele as frustrações e os desapontamentos. É por isso que ele nos oferece a resposta ao final da história e não no início.

Uma antiga história judaica fala de um homem que saiu para uma caminhada na

floresta e se perdeu. Andou horas e horas, tentando vários caminhos mas nenhum deles levava à saída. De repente, encontrou outro homem. “Graças a Deus, outro ser humano! Você pode me mostrar o caminho de volta à cidade?”, gritou. O outro homem respondeu:

“Não. Também estou perdido. Mas podemos ajudar um ao outro. Cada um pode dizer ao outro os rumos que já tentou e que não deram certo. Isto nos ajudará a encontrar o caminho certo”.

Antes que possamos entender as conclusões do Eclesiastes temos que enveredar por todos os caminhos falsos e becos sem saída que nos apontam seus escritos. Quando aprendermos, como ele aprendeu com tanta dor e frustração, quais os rumos que não levam a nada, estaremos melhor preparados para encontrar e seguir o caminho certo.

3. A SOLIDÃO DA BUSCA

PELO SUCESSO

Se você pudesse viver sem limites, fazer qualquer coisa, ir a qualquer lugar, obrigar qualquer pessoa a cumprir suas ordens, você seria feliz? Seria capaz de usar todo este poder de forma a dar significado e satisfação permanentes a sua vida?

Um dos clássicos da literatura mundial, o poema dramático “Fausto”, de Goethe, a história do homem que vendeu sua alma ao demônio, aborda esta questão. O Dr. Fausto, herói do poema, é um estudioso e cientista de meia-idade que está próximo a perder a esperança de vir a aprender o verdadeiro significado da vida. Começa a temer que chegará ao fim como um homem instruído e honrado mas sem ter jamais experimentado a sensação de estar realmente vivo. É por isto que faz seu desesperado pacto

com o demônio, prometendo-lhe a alma por toda a eternidade em troca de um só momento tão maravilhoso que o faça dizer “deixe que este momento se prolongue, pois ele é tão-bom”.

O poeta alemão Goethe passou toda a vida escrevendo sua obrapríma. Queria que ela fosse sua principal declaração sobre o significado da vida, a obrapríma literária que explicasse o sentido de sua própria vida. Começou a escrevê-la aos vinte anos, abandonou-a para se dedicar a outros projetos e voltou a ela aos quarenta (em vista da sua reação pela chegada da meia-idade, pode-se adivinhar). Quando a completou, estava já próximo à morte, aos oitenta e três anos. Embora não possamos ter

certeza da idade de Goethe ao escrever cada linha, é fascinante acompanhar a maneira pela qual as idéias do herói sobre o que fazer de sua vida evoluem do começo ao fim da história.

No início do drama, Fausto, na meia-idade, descrito pelo jovem Goethe, quer

experimentar tudo, viver sem limites. Quer ler todos os livros, falar todas as línguas,

provar todos os prazeres. Quer ser como Deus, ultrapassando as 26

limitações humanas. E o demônio tudo lhe dá-riquezas, poder político, capacidade de viajar para todos os lugares e de ser amado por qualquer mulher que deseje. Fausto tudo faz e ainda assim não é feliz. Por mais riquezas que acumule, por mais mulheres que seduza, há dentro dele uma permanente insatisfação.

Quando chegamos ao final da obra, Goethe já tem mais de oitenta anos e seu herói envelheceu com ele. Em lugar de vencer lutas e conquistar jovens mulheres, Fausto passa a se dedicar a construir diques, tomando a terra do mar para que nela as pessoas possam viver e trabalhar. Em vez de tentar ser como um Deus poderoso e sem limites, tudo vendo e controlando, ele se torna parecido com Deus, um Deus de criação, separando a água da terra e plantando jardins para que as pessoas possam trabalhar

neles. E pela primeira vez Fausto pôde dizer: “deixe que este momento se prolongue... ele é tão bom!”.

Quando somos jovens, perseguimos o sucesso pelo que ele parece ser. Queremos saber até que ponto somos capazes. Um homem vende sua casa e muda-se para outra comunidade, pedindo a sua esposa e seus filhos que se ajustem a novos amigos e novas escolas, porque uma promoção em seu trabalho assim o exige. Um jovem atleta do curso secundário

adia a entrada na Universidade para tentar sua sorte como profissional. Pode ou não fazer sentido do ponto de vista financeiro mas, neste estágio de nossas vidas, é-nos difícil resistir aos desafios. Não são apenas as recompensas pelo sucesso que nos atraem; o sucesso por si só é a recompensa. Queremos descobrir onde nossa habilidade pode nos conduzir.

E então as coisas começam a mudar. Em lugar de vermos a vida como uma luta e a vitória como um fim em si mesmo, começamos a perceber o sucesso como um meio para um fim. Em vez da pergunta “até onde sou capaz de ir?”, começamos a pensar em qual o tipo de vida me conduzirá onde quero chegar. A moça atraente pára de pensar nos homens que conhece como prova de sua popularidade e começa a se perguntar que espécie de marido e pai cada um deles

seria, que tipo de lar ela poderia ter com cada um deles. O executivo empedernido se torna menos interessado com a próxima promoção na hierarquia de sua empresa, e passa a se preocupar em encontrar uma forma de traduzir seu sucesso numa maneira de viver em que se sinta bem.

Sou capaz de imaginar que foi este o caminho percorrido pelo Eclesiastes. No início, dispôs-se a ganhar dinheiro porque era brilhante e ambicioso e é isto que as pessoas brilhantes e ambiciosas fazem. Embora nunca nos forneça os detalhes, ele aparentemente conseguiu ganhar muito dinheiro, com grande facilidade e ainda muito jovem. “Construí casas e plantei vinhedos. Construí jardins e parques e neles plantei toda espécie de árvores frutíferas... Tive criados e 27

criadas, muitas aves e rebanhos, mais que qualquer outro antes de mim. Amealhei ouro e prata, tesouros de reis e províncias”. (2:4 8).

Ele parece possuir tudo que um homem pode ambicionar. Seus êxitos não parecem ter limites. É fabulosamente rico e tem uma inteligência impressionante. Por que, então, continua a sentir que alguma coisa está faltando? Talvez este tipo de sucesso traga dentro de si as sementes de seu próprio fracasso? Será que existe nesta luta para progredir alguma coisa que faz com que o primeiro ato de nossas vidas seja satisfatório e gratificante mas que o segundo ato seja um inevitável desapontamento?

Visualizar a vitória como objetivo da vida nos força a ver os outros como competidores ou como ameaças à nossa felicidade. Para que possamos vencer, eles têm de

perder. O fracasso dos outros se transforma num dos ingredientes necessários para nosso sucesso. Numa situação competitiva, seja um evento social da escola secundária ou uma disputa entre atletas profissionais, só pode haver vencedores se houver perdedores. Todo aquele que se dispõe a ser um vencedor descobre que tem de enfrentar todos os outros. Sua ascensão é at queda dos outros, e esta maneira de ver as coisas tem suas conseqüências.

Isto pode ser ilustrado por duas histórias reais. Um turista americano estava na Índia num dia dedicado à peregrinação ao topo de uma montanha sagrada. Milhares de pessoas se preparavam para a íngreme subida. O americano, acostumado a exercícios físicos e se julgando em boa forma, decidiu participar

da experiência.

Vinte

minutos depois, completamente sem fôlego e quase incapaz de dar mais alguns passos, viu passarem facilmente por ele mulheres carregando bebês e frágeis velhinhos apoiados em bastões. “Não consigo compreender”, disse ele a um amigo indiano’ “Como é que essa gente consegue e eu não?!” O amigo respondeu: “É porque você tem o hábito tipicamente americano de ver em tudo um teste. Você encara a montanha como um inimigo e se dispõe a derrotá-la. A montanha, naturalmente, também luta e é muito mais forte que você. Nós não vemos a montanha como um inimigo a vencer. Nosso objetivo é uma unidade com a montanha e, assim, ela nos levanta e nos carrega pelo caminho”.

Segunda história: um meu amigo, pregador, alguns anos mais velho que eu, resolveu me revelar uma percepção muito pessoal que havia tido. Uma coisa extraordinária lhe havia acontecido quando chegara a uma idade avançada demais para ser convidado a assumir alguma congregação mais importante. Ele descobriu que já não olhava mais para seus colegas e amigos das congregações maiores e mais importantes querendo adivinhar quando algum iria morrer ou se envolver em algum escândalo, abrindo

desta forma uma vaga para promoção. Ele nunca tivera consciência disto mas sua preocupação em subir e se realizar na

28

carreira o levava a ver naqueles amigos e colegas obstáculos à sua própria felicidade. O sucesso, para ele, só poderia vir com a tragédia dos outros. Durante anos,

estes sentimentos fizeram com que fosse muito difícil para ele ser genuinamente amigável e aberto com os colegas e o deixaram insatisfeito com sua própria congregação,

apesar desta ter muitas coisas boas. Ele estava ficando uma pessoa solitária, ciumenta, amarga. Seus sermões se tornaram duros e inflexíveis, contendo pouco da alegria

e do amor que ele deveria representar, e ele culpava os outros por sua infelicidade. Agora ele havia superado seu sentimento de competitividade. Conseguia ver seus

colegas como amigos. Passou a ser o mentor informal de pregadores mais jovens e a aceitar os membros de sua congregação e mercedores de seu amor e carinho, em vez de os ver como símbolos de seu fracasso e estagnação. Nada à sua volta se modificou - a mudança foi dentro dele; e agora ele visualiza os anos que ainda lhe restam na carreira como produtivos e gratificantes.

O Eclesiastes trabalhou para se tornar rico e bem-sucedido porque a riqueza para ele representava posses, uma vida cheia de escolhas e conforto, a certeza de que nunca deixaria de ter alguma coisa por não poder pagar por ela.

Fausto trabalhou pela riqueza e pelo sucesso porque para ele estas eram as chaves do poder sobre as outras pessoas. Acreditava que, se tivesse bastante dinheiro e influência, poderia organizar sua vida de forma satisfatória e ela seria boa. Há duas coisas erradas neste tipo de raciocínio.

Em primeiro lugar, ninguém consegue tanto poder. O mundo é complexo e fugaz demais para isto. Ninguém pode controlar tudo que acontece. Barbara Tuchman, em seu livro *The March of Folly* (“A Marcha da Tolice”), examina as razões pelas quais os líderes e as nações se comportam de maneira estúpida em situações em que deveria estar claro que seus atos são totalmente errados. Uma

das razões mais freqüentes do comportamento irracional (como a corrupção de imperadores romanos e papas medievais, as invasões da Rússia por Napoleão e por Hitler, os Estados Unidos no Vietnã) é a convicção de que você, se tiver poder suficiente, imporá sua vontade aos outros e fará o que bem entender. Um após outro, todos vieram a descobrir que o poder, por maior que seja, não é suficiente para garantir o controle total.

E ainda a luta para alcançar riqueza e poder e o seu exercício tende a separar você dos outros. Não só a luta pela fortuna faz com que as pessoas encarem a vida como competição, em lugar de cooperação, mas também o exercício do poder pelos que o alcançaram pode dificultar o relacionamento humano. Se você ama uma pessoa porque ela está sempre tentando lhe agradar, e só faz o que você quer que ela faça, isto não é amor. Não passa de uma forma disfarçada de 29

amor por si próprio. O poder, como a água, desliza para baixo, isto é, de alguém numa posição superior para alguém que está em plano inferior. O amor só pode surgir entre pessoas que se sentem iguais, entre pessoas que são capazes de se completar.

Quando um ordena e o outro obedece, pode haver lealdade e gratidão, mas não amor.

Na Bíblia, o pecado da idolatria não se refere apenas a imagens e estátuas. É

também idolatria encarar o trabalho de suas mãos como se fosse divino, adorando a si próprio, como se fosse o mais criativo ser. Quando o Segundo Mandamento determina: “Não esculpirás ídolos de barro”, alguns comentaristas o interpretam, não como uma proibição a que se construa um ídolo, mas como a proibição de fazer de si próprio um ídolo. Não faça de si próprio um objeto de adoração, acreditando ter poder suficiente para controlar o mundo e as pessoas que nele vivem.

Jean-Paul Sartre, o filósofo francês que criou a escola individualista do pensamento, conhecida por existencialismo, escreveu uma vez: “O inferno são os outros”.

Sartre foi um homem muito sábio mas acredito que, neste caso, disse uma grande tolice. Os outros podem complicar nossas vidas, mas a vida sem eles seria insuportavelmente

desoladora. Um importante antropólogo, que se dedicou durante anos ao estudo dos chimpanzés em seu ambiente natural, escreveu: “Um só chimpanzé não é um chimpanzé”.

Ou seja, somente na companhia de outros chimpanzés é que o animal se desenvolve como um verdadeiro chimpanzé. Isolado num zoológico, pode sobreviver mas jamais será ele mesmo. Estive observando gente em seu habitat natural pelo menos por tanto tempo quanto o Dr. Leakey observou os chimpanzés e me sinto à vontade para parafraseá-lo:

“Um só ser humano não é um ser humano”. Nenhum de nós consegue ser verdadeiramente humano em situação de isolamento. As qualidades que nos fazem humanos só emergem através das maneiras pelas quais nos relacionamos com os outros.

O inferno não são “os outros”. O inferno é trabalhar tão duramente para obter o sucesso de forma a corroer nosso relacionamento com os outros; a enxergar os outros somente em função do que eles podem fazer por nós. Isto me faz pensar em Fausto, que vendeu sua alma pelo poder ilimitado no mundo, e que se tornou imensamente solitário

ao alcançá-lo. Para ele, o inferno é a solidão de ter tudo e saber que ainda não é o bastante. (Será que todos fazemos os nossos pactos com o demônio, recebendo o que pensamos que queremos e perdendo em troca parte de nossas almas?). Penso no Eclesiastes, cercado por servos em seu luxuoso palácio, a se perguntar perplexo: “Se tenho tudo, por que a sensação de que falta alguma coisa?”. Penso em Howard Hughes e Lyndon Johnson, no final de suas vidas - eméritos manipuladores de pessoas, mestres da arte de exercer o

30

poder velhos solitários, assistidos por empregados e bajuladores, tentando compreender por que foram amados por tão poucos.

Ocupar uma posição que permita o exercício do poder sobre outras pessoas (empregados, colegas, crianças) pode ser gratificante por algum tempo, mas nunca a longo

prazo. Em última análise, sempre se fica sozinho. Você dá as ordens e recebe em troca medo e obediência. Mas que pessoa emocionalmente sadia consegue viver de uma dieta de medo e obediência? Quem prefere que as pessoas o temam e obedeçam de má vontade, em lugar de obedecer livremente e por amor?

Martin Buber, um importante teólogo deste século, ensina que nosso relacionamento com os outros pode ser de duas formas: o relacionamento “eu x objeto”, que consiste em tratar o outro como um objeto, enxergando somente sua utilidade, ou o relacionamento “eu x você”, em que considera o outro como sujeito e tem consciência de

suas necessidades e seus sentimentos, tanto quanto dos seus próprios. Buber conta a história do incidente que modificou sua vida e o levou a formular este raciocínio.

Era ainda criança quando seus pais se divorciaram e foi viver em uma fazenda com os avós. Passou a alimentar os animais, cuidar deles e de sua limpeza. Um dia, aos onze anos, estava tratando de seu cavalo favorito. Adorava montar, aumentar e escovar aquele cavalo e muitas vezes lhe trazia pequenos petiscos. O animal parecia sentir também afeição pelo menino. Enquanto escovava o pescoço do cavalo, Buber teve um sentimento estranho. Sentiu que era capaz de compreender não só os sentimentos

de um menino de onze anos acariciando um cavalo porque gostava tanto dele, como podia, também, compreender os sentimentos de um cavalo ao ser acariciado por um menino.

A alegria daquele momento, a alegria de conseguir sair do confinamento da própria alma e saber o que se passava dentro de outra alma foi tão mais

satisfatória, em relação ao sentimento de poder impor sua vontade a outros, que, anos mais tarde, Buber fundamentou nesta sensação toda a sua teologia.

A Bíblia nos mostra duas faces contrastantes de Deus. Às vezes Ele é o Deus que comanda, o Deus do poder, que destrói Sodoma, que envia as pragas contra os egípcios, que separa as águas do Mar Vermelho. Outras vezes, Ele é o Deus da ajuda, o Deus da ternura, o Deus do Amor e do Relacionamento, aquele que visita os doentes, que leva a esperança ao sofredor. Lemos estas histórias e ficamos compreensivelmente confusos, pois o Amor e o Poder são incompatíveis. Você pode amar alguém e dar a ele o espaço e o direito de ser ele mesmo, ou então você pode tentar controlar este alguém, impor-lhe sua vontade, para seu pró-”prio bem ou para afirmação de seu próprio ego. Mas é impossível fazer as duas coisas ao mesmo tempo. Se você aprecia uma pessoa porque ela lhe permite fazer o que quiser e faz com que você se sinta forte e independente, isto não é amor.

31

Isto não leva em conta a individualidade do outro, contempla apenas a sua utilidade. Você pode substituí-lo por qualquer outro com as mesmas características e não

sentirá qualquer diferença. Amar alguém que é como você mesmo, que é uma extensão de sua vontade, não é amar de verdade. Não passa de uma forma disfarçada de amor por você próprio.

Às vezes, o Poder de Deus parece interferir no Seu Amor. Se obedecemos a Deus porque o tememos, porque não O queremos ofender ou porque estamos tão amedrontados por Sua força e não a queremos desafiar, então Ele tem nossa obediência mas não o nosso amor. Para que possa amar e ser amado, Deus tem que nos dar espaço para escolher,

para que possamos nos tornar nós mesmos. Ele não pode monopolizar o Poder, deixando-nos sem nenhum. O contrato entre Deus e a humanidade não pode ser restrito a

que o Todo-poderoso nos imponha a Lei. Tem de ser um acordo feito livremente entre duas partes livres.

Isto me faz pensar em todos aqueles trechos dos profetas Oséias e Jeremias que descrevem Deus como um marido abandonado pela mulher - passagens terrivelmente audaciosas,

que mostram Deus quase como um solitário, desejando que alguém O ame, e não apenas obedeça a Ele por medo, lamentando que seu povo não O ame, depois de tudo que já fez por ele. “Lembro-me da devoção dos dias de sua juventude, de seu amor de noiva, de como fui seguido pelo deserto, por uma terra não semeada”. (Jeremias 2:2).

“Terei sido como um deserto para Israel, terei sido uma terra de tristeza profunda?

Por que, então, diz o Meu povo - desligamo-nos de Ti, nunca mais a Ti viremos?”

(Jeremias 2: 31). Deus é Uno e, porque é Uno, é totalmente solitário, a não ser que existam pessoas que O amem.

Se nos vemos como feitos à imagem de Deus, se compreendemos que a Sua imagem em nós representa o que seremos quando nos tornarmos seres humanos completos, então o que aspiramos? O solitário Deus do Poder ou o amável Deus do Relacionamento?

Acredito que nos primeiros tempos da criação da Bíblia e da cultura que lhe deu origem, os Israelitas descreveram Deus segundo a imagem dos déspotas do Oriente Próximo,

do mundo que eles conheciam - faraós egípcios, imperadores da Assíria e da Babilônia, monarcas absolutos, que tinham o poder de criar ou abolir leis, poder de vida

e de morte sobre seus súditos. Mais tarde, sua compreensão da religião amadureceu. Começaram a perceber que o Poder não era o bem absoluto, que os que exerciam sobre

o povo poder absoluto não se tornavam maiores que os outros seres humanos e sim menores, cruéis e arbitrários, ciumentos e cheios de suspeitas, capazes de inspirar medo mas nunca amor. E

32

não puderam mais descrever Deus desta maneira. Nas histórias de Noe e o Dilúvio, de Abraão e Sodoma, já encontramos um Deus que pune os humanos por sua perversidade para com seus semelhantes, não mais por não O adorarem. Os Profetas falam de um Deus que julga mais importante serem as pessoas generosas umas para com as outras do que os sacrifícios trazidos ao altar. A imagem de um Deus do Poder não fica totalmente esquecida, mas é logo ofuscada pela de um Deus que divide conosco a tarefa de construir um mundo humano, baseado em que as pessoas se interessem umas pelas outras, da mesma forma que Ele se interessa por nós. Deus não procura o sucesso individual. Ele procura o bemestar daqueles que são menos capazes de cuidar de si próprios. Tanto no Pentateuco quanto nos Profetas, tanto na Bíblia Hebraica quanto no Novo Testamento Cristão, Deus tem um interesse especial pelos pobres e sofredores e apresenta certa suspeita em relação aos ricos e bem-sucedidos. Não porque

seja bom ser pobre e seja imoral ser rico, mas porque os pobres e desassistidos necessitam e pertencem mais uns aos outros. Tendem a ser mais vulneráveis, menos autocomplacentes, e há nisto alguma coisa profundamente humana.

Nós também temos de percorrer o mesmo processo de evolução de nossos ancestrais, partindo da idolatria do Poder para chegarmos à idealização da ajuda mútua e do relacionamento interessado. Abraham Joshua Heschel, meu professor, costumava dizer: “Quando eu era jovem, admirava as pessoas espertas. Agora que sou velho admiro os generosos”.

Não há nada de errado em alcançar o sucesso. As igrejas, as universidades, os museus e a pesquisa médica, todos dependem da generosidade das pessoas bem-sucedidas, que dividem com eles os frutos de seu sucesso. Não há nada de errado em ter poder suficiente para influenciar os acontecimentos. Pelo contrário, as pessoas que se sentem impotentes e frustradas são mais perigosas para a sociedade do que as que conhecem os efeitos de sua influência e sabem usá-la com sabedoria, porque são capazes

de fazer coisas desesperadas para nos obrigar a levá-las a sério. Mas há qualquer coisa muito errada na perseguição obstinada e obsessiva da riqueza e do poder de forma a nos segregar das outras pessoas. Ela pode nos deixar numa posição

em que a única coisa pior do que perder seja vencer.

Há uma história a respeito do Prêmio Nobel, a mais alta honraria concedida no campo das artes e das ciências. Alfred Nobel, um químico sueco, fez fortuna ao inventar explosivos mais poderosos que os então existentes e vende sua fórmula a países interessados em fabricar armas. Um dia, seu irmão morreu e um jornal publicou, por engano, o obituário de Alfred, identificando-o como o homem que inventará a dinamite e fizera fortuna possibilitando que os exércitos alcançassem novos níveis de

capacidade de destruição em massa. Nobel teve a 33

oportunidade única de ler seu próprio obituário e constatar as razões pelas quais seria lembrado, ficou chocado ao pensar que a somatória de sua vida seria esta : ser recordado como o mercador da morte e da destruição. Decidiu então usar sua fortuna para criar o prêmio que distinguiria as conquistas em vários campos de atividade

benéficos a Humanidade e é por isto, não pelo seus explosivos, que hoje é lembrado. No auge do “sucesso”, Nobel trabalhava contra a vida e contra a amizade.

Quando

descobriu que era isto que iria deixar para o mundo, dedicou a última parte de sua vida a outra causa.

Nos últimos anos, grande quantidade de livros com o tema “como fazer sucesso” tem sido lançada. Eles constatam que o mundo real é brutal e competitivo e que a única maneira de progredir é tirando vantagem, impiedosamente, das fraquezas alheias.

Minhas objeções a estes livros não se baseiam apenas em discordar de seus aspectos morais. Discordo, sim, mas por que deveria alguém se impressionar com isto? (O

filósofo Nietzsche disse uma vez que a moralidade é uma conspiração das ovelhas, destinada

a convencer os lobos de que é inútil usar a força). Minha objeção principal à

“filosofia do sucesso” é que ela não funciona. Tire vantagem das outras pessoas, use-as,

suspeite de todos e você será capaz de se sair tão bem, conseguindo ir mais longe que os outros olhando-os com desprezo. E onde você estará? Completamente sozinho.

Nos últimos anos, tenho viajado muito para proferir palestras. Já visitei trinta e oito estados americanos e seis outros países. Sou convidado, freqüentemente, para um jantar antes da conferência ou para uma recepção depois, sempre na casa de algum membro eminente da comunidade. Na maior parte das vezes, o anfitrião é muito gentil e a reunião agradável. Mas de vez em quando sinto certo desconforto e, certa vez, acabei descobrindo a razão. Há gente que precisa ser muito competitiva para chegar ao ápice e, uma vez lá, tem dificuldades para romper com o hábito da competição. Esta gente não consegue relaxar e ter uma boa conversa comigo. Sente-se obrigada

a me impressionar, mostrando seu sucesso e mencionando nomes de pessoas importantes com quem se relaciona. Às vezes, estas pessoas me obrigam a uma discussão intelectual e tentam me provar que conhecem melhor que eu meu próprio campo de atividades.

Nestas ocasiões, acabo me perguntando por que elas têm a necessidade de tanta competição

e por que têm de reagir a um visitante em suas próprias casas como a um competidor que tem de ser desafiado? E me pergunto se parte do preço que pagaram por seu sucesso parte de seu pacto com o demônio, se você preferir não terá sido o hábito de transformar amigos em inimigos.

Compreendo por que as pessoas atualmente próximas dos quarenta anos, a geração da “explosão populacional”, são atraídas por um código moral baseado no interesse próprio. Muitos passaram seus primeiros anos de vida em 34

instituições que ainda não estavam totalmente prontas para eles, colégios de tempo integral, com excesso de alunos, casas em subúrbios ainda em construção. Seu tempo de Universidade e os primeiros anos de vida adulta sofreram a convulsão da guerra do Vietnã. (Quem nasceu em 1948, no início da explosão populacional americana, estava com 18 anos em 1966, quando o alistamento militar chegou ao máximo de intensidade). E, embora todos os jovens adultos

acreditem que seu mundo seja inédito e totalmente diferente do mundo de seus pais, esta geração pode até ter tido alguma razão para pensar assim. Tecnologia, aumento da mobilidade, poder e influência americana e ameaça de guerra nuclear, fizeram com que a vida dos americanos no pós-guerra se tornasse drasticamente diferente daquela conhecida pela geração anterior,

nos anos da Depressão e da guerra. Esta nova geração recebeu tantas escolhas e tão pouco apoio para realizá-las... Sentiram-se constantemente obrigados a pagar pelos erros de cálculo de outras pessoas, obrigados a limpar a sujeira que outros fizeram. Não é de admirar que tenham crescido acreditando que os outros estavam contra

eles e na corrupção do Governo desconfiando das autoridades. Acreditando que os homens de negócios são todos desonestos, que ninguém, no fundo, estava interessado neles, mesmo quando diziam o contrário. Suas músicas, seus filmes, seus costumes, demonstram essa desconfiança e essa desilusão. Por que não procurar o sucesso individual?

Todo mundo está fazendo isso...

Posso compreender, da mesma forma, as razões que levam um homem (ou, ocasionalmente, mas com menor freqüência, uma mulher) próximo dos cinqüenta anos a de repente

achar que uma vida de egoísmo e auto-indulgência seja irresistível e, a partir daí, trocar sua casa no subúrbio por um apartamento num condomínio de solteiros, com sauna e piscina, trocar seu carro utilitário por um modelo esporte de dois lugares, tingir os cabelos e deixar crescer a barba (se não estiver grisalha demais).

Ele pode estar cansado de uma vida de obrigações, pagamentos da hipoteca da casa própria, contas, filhos a educar. O humorista Sam Levenson costumava dizer: “Quando eu era um garoto, mandavam que eu fizesse o que meus pais queriam. Quando me tornei um pai, passaram a mandar que eu fizesse o que meus filhos queriam. Quando é que vão me deixar fazer o que eu quero?”

Conheço muitos homens de meia-idade que podem dizer a mesma coisa, só que sem achar graça nenhuma. Eles vêem estas escapadas não como uma fuga à responsabilidade e à respeitabilidade mas como uma última e desesperada chance de conseguir um pouco de alegria e liberdade em uma vida que já está

chegando ao final da segunda parte e se aproximando do terceiro e derradeiro ato. (Conta-se a história de um político texano que, defendendo uma lei que tornaria ilegais certas práticas sexuais, teria dito: “Há três coisas erradas com esta tal de Nova moralidade - ela violenta as leis de Deus; violenta as leis do Texas; e estou velho demais para tirar vantagens dela.”) 35

Mas, mesmo compreendendo tudo isto, continuo achando que está errado. Não apenas moralmente errado como alguma coisa que ofende a Deus, mas errado no sentido de que está na direção errada. É uma política de vida que nos força a trabalhar duramente e nos condena a chegar a um lugar diferente daquele que almejávamos.

Um homem que acabara de deixar sua esposa e estava vivendo com uma moça de dezoito anos que conhecera havia pouco, diz a Gail Sheehy, em entrevista publicada em seu livro Passages (“Passagens”): “A coisa mais difícil foi explicar por que deixava Nam (a esposa), porque ela não fizera nada errado. Ela ainda vivia naquele outro

mundo em que fomos educados, de acordo com um planejamento... O que eu aprendi com esses jovens é que não há compromissos”. Em outras palavras, ser feliz é não ter compromissos, não ter a quem responder (o que é o significado literal da palavra “irresponsável”) por seus atos, ninguém cujos problemas ou necessidades nos atrapalhem

ou inibam.

O credo do narcisista- “Não estou aqui para me preocupar com suas necessidades nem você com as minhas. É cada um por si” - não foi inventado no século XX. É apenas a formulação e um trato tão velho quanto a própria humanidade. Foi Caim quem disse com desdém: “Acaso serei o guardião de meu irmão?” Ele não o disse para justificar o assassinato de seu irmão Abel mas, sim para justificar sua falta de interesse pelo bemestar do irmão: “Eu cuido dos meus interesses e ele que cuide dos seus”.

E qual a punição de Caim? Foi condenado a vagar pela face da Terra, sem um lugar que pudesse chamar de lar, sem uma comunidade que lhe desse apoio ou descendentes, foi condenado a passar todos os seus dias isolado do resto do mundo.

Em meu filme favorito, Casablanca, o herói Rick, representado por Humphrey

Bogart, é descrito inicialmente como uma pessoa cínica, desconfiada e buscando sempre a autoproteção. Ele se mantém soberano, tratando apenas de si próprio, sem ceder a sentimentos de ternura. Quando um homem desesperado é preso pela Gestapo em seu bar e lhe perguntam porque não faz nada para ajudar, Rick responde: “Não arrisco meu pescoço por ninguém”. Rick vive em meio à crueldade e às injustiças da Segunda Grande Guerra e aprendeu que só sobrevive o homem que trata de si próprio. Foi ferido pela vida quando cometeu o “erro” de cuidar do bemestar de alguém, tão seriamente

quanto tratava do seu. Tornou-se cínico, seguro e bem-sucedido. Mas, em certo momento, percebe que falta alguma coisa em sua vida. As circunstâncias o forçaram a ser empedernido e egoísta, mas ele vê os oficiais nazistas em Casablanca, homens duros, poderosos, insensíveis, e sabe que não quer ser como eles. Durante todo o filme ele tem lampejos de decência, até que, no final, desiste de sua chance de escapar e ser

36

feliz, num ato de generosidade para com a mulher que ama. Ela parte para a Inglaterra, ele é condenado a vagar pelo Norte da África. Como Fausto, como o jovem Martin

Buber, descobre que a vida não era satisfatória quando só se preocupava consigo mesmo. Foi no processo de salvar e enriquecer a vida alheia que a sua começou a ter sentido. Como Caim, Rick Blaine se tornou um homem sem pátria. Mas, ao contrário de Caim, que se condenou ao exílio, cuidando só de si mesmo, recusando-se a ser o guardião de seu irmão, Rick se sente alienado da vida quando cuida apenas de si e percebe que chegou ao campo espiritual quando abdicou de bens materiais, como a riqueza e a segurança em um ato de auto-sacrifício. De certa forma, passou a ter menos, mas do jeito como passou a encarar vida e a considerar o que é mais importante,

tornou-se completo e realizado.

4. QUANDO SENTIR DÓI MAIS

Sou capaz de imaginar um mundo como uma imagem do nosso no espelho, idêntico mas oposto, como o negativo de uma fotografia ou uma paisagem refletida num lago. O

que é alto em nosso mundo é baixo no outro, o que aqui é fechado lá é aberto. Há um sábio neste mundo, um homem de sabedoria como o Eclesiastes, só que é o seu oposto.

Também ele nos contaria a história de sua busca frustrada pelo significado da vida, no Segundo Ato. Mas, enquanto o nosso Eclesiastes procurou o significado da vida na riqueza, no prazer e no conhecimento, seu gêmeo, no outro mundo, o teria procurado na pobreza, na dor e na rejeição do intelecto.

O Eclesiastes de nosso mundo tentou fazer com que a vida significasse alguma coisa, buscando riqueza e prazer. Ficou desapontado porque esta busca o isolou de seus companheiros humanos, ensinando-lhe a vê-los como competidores e obstáculos para seu sucesso. Que tal se fôssemos tentados a seguir o caminho exatamente oposto, baseando nossa busca em uma vida significativa com privação dos bens materiais, renúncia à riqueza e ao poder?

Houve gente que, na verdade, sugeriu que fizéssemos isto. Há ordens monásticas budistas e cristãs que pedem a seus membros que se dediquem a uma vida de pobreza voluntária e humilhação, para que escapem da corrupção e da frustração que a busca da riqueza propicia. Há quase um século, William James, o grande filósofo e psicólogo

americano, imaginou a autonegação como um caminho para a felicidade e a realização pessoal. Ele acreditava que as guerras não aconteciam por questões militares mas por problemas psicológicos, porque em cada geração os homens sentiam a necessidade de testar sua coragem e sua masculinidade. Em seu ensaio *The Moral Equivalent of War* (“O Equivalente Moral da Guerra”), James sugeriu que as pessoas podiam obter o mesmo resultado com menos destruição se

praticassem voluntariamente a autonegação, 38

organizando torneios para verificar quem podia renunciar a mais confortos materiais ou quem era capaz de resistir, mais que os outros, a condições penosas.

O maior apologista atual da idéia de que se deve encontrar o caminho da vida através da privação dos prazeres mundanos foi, provavelmente, o Mahatma Gandhi, o pai

espiritual da Índia moderna. Quando se envolveu na luta de seu povo pela independência, Gandhi abandonou as roupas caras que usava como advogado, passou a usar uma

vestimenta de pano branco grosseiro e a viver e comer de maneira simples. (Disse uma vez que quem comesse mais que o necessário para viver estava roubando comida de alguma outra pessoa e quem possuísse mais pano que o necessário para cobrir o próprio corpo estava destinando alguém a não ter roupas.) Mas no século passado, depois que James escreveu seu ensaio, houve ainda mais guerras, e mais gente morreu, até muito mais que nas anteriores. Demonstrar coragem e masculinidade, através da privação de confortos materiais, não parece ter funcionado como um substituto para a luta. Até mesmo os jovens que abandonaram as boas

universidades e os negócios de família, da década de 60, em protesto contra a ênfase dada por seus pais ao sucesso material, acabaram voltando, em sua maioria, para o mesmo jeito anterior de viver, ainda que ligeiramente

modificado. A casa própria e as responsabilidades familiares acabam fazendo este efeito nas pessoas. O único símbolo remanescente de sua rejeição pelo estilo de vida confortável dos pais parece ser a preferência por adesivos plásticos, em lugar da transmissão automática, em seus carros.

As ordens monásticas do Ocidente estão atraindo cada vez menos seguidores e, na Índia, poucos resolveram seguir o caminho de Gandhi. (E isto pode ter sido um bem.

Ler a biografia psicológica de Gandhi, escrita por Erik Erikson, é descobrir sua grandeza espiritual, mas é, também, a revelação do sentimento de culpa e inutilidade que o atormentava continuamente, fazendo com que ele se flagelasse com a fome e outros desconfortes e que acusasse as pessoas a seu redor de

desejos terríveis, que ele deve ter identificado antes em si próprio. Os grandes homens, acredito, podem ser perdoados por desvios proporcionais à própria estatura e podemos continuar admirando Gandhi por suas conquistas e sua grandeza espiritual, sem que tenhamos que aceitar suas atitudes a respeito de comida, sexo e conforto como um guia para nossa busca pessoal.)

O Eclesiastes de nosso mundo, livre para fazer o que quisesse, perseguiu o prazer.

Séculos mais tarde, Freud iria sugerir que a busca do prazer é, na verdade, o princípio que guia a vida de uma pessoa saudável. Ele nos ensinou que grande parte do comportamento humano, como o das outras criaturas, é determinado pelo esforço para maximizar o prazer e minimizar a dor. Agimos de ma-39

neira diferente da dos animais apenas porque nossa compreensão do que é prazer e do que é dor é diferente da deles. Assim, o Eclesiastes se perdeu em vinho, mulheres e festas até que percebeu como era fútil e vazia uma vida como aquela. Prazeres assim podem ser a sobremesa de nossa vida, nunca o prato principal. Podem ser uma bem-vinda mudança de ritmo nas coisas que fazemos todos os dias, mas, se se tornarem rotina, logo veremos que são uma base frívola demais para a construção de uma

vida.

Fico pensando nas pessoas que conheci (e invejei) no colégio secundário, cujas vidas pareciam muito mais cheias de prazeres que a minha os atletas, os bonitos, os bem-falantes, os primeiros a ter namoradas. Todos os invejávamos então, porque suas vidas pareciam uma eterna festa, uma experiência de prazer atrás da outra.

Nem eles nem nós podíamos saber, naquela época, que uma vida de prazeres constantes durante os anos da adolescência conduz, quase inevitavelmente, a uma vida de frustrações no futuro. Há habilidades que deixam de ser adquiridas, hábitos que não são formados, lições sobre o mundo real que não são aprendidas naqueles anos em que a vida corre de forma tão macia e fácil.

Você já notou como uma doença na juventude, desde que não seja grave demais, ensina a pessoa a tratar sensatamente de sua saúde pelo resto da vida? Ou como as dificuldades

financeiras, na mesma época, dão à pessoa uma noção realista do que significa receber ou gastar dinheiro? Ou, ainda, como as frustrações da adolescência ensinam a pessoa a ter compaixão e sensibilidade? Dentro do espírito da observação de Jung de que “só o médico doente é capaz de curar”, como pode um jovem que sempre recebe da vida as coisas prontas e sem esforço aprender as lições de paciência, capacidade de trabalho e tolerância para com os fracassos alheios? Talvez seja por isto que os atletas mais naturalmente talentosos acabam, com frequência, se transformando nos piores treinadores. Não sabem ensinar aos outros aquilo que faziam com tanta

naturalidade e tão pouco esforço. Alguém que, na juventude, tenha recebido da vida todas as coisas sem nenhum esforço jamais poderá aprender a se disciplinar para a paciência, para o adiamento das recompensas, ou estará despreparado para o dia em que a música pare de tocar e as pessoas comecem a dizer “não”?

Como é triste constatar que os anos da escola secundária foram o ponto alto de uma vida e sentir que, depois deles, tudo começa a piorar! Irwin Shaw escreveu um conto chamado *The Eighty - Yard Run* (O Ponto de Oitenta Jardas) que li há muitos anos e nunca mais esqueci. Um calouro na Faculdade, em seu primeiro treino de futebol

americano, consegue marcar pontos para seu time numa corrida de oitenta jardas, um feito admirável naquele esporte. Seus companheiros de equipe e olham admirados.

O treinador lhe diz: “Você tem um senhor futuro neste time”. Sua namorada loura lhe dá um abraço e um ardente beijo

40

quando acaba o treino. Ele tem o sentimento de que a vida é perfeitamente satisfatória. Mas nada, no resto de sua vida, repete o êxito daquele dia. Seu jogo nunca

mais passa de medíocre. Sua carreira no mundo dos negócios é igualmente uma desilusão, seu casamento se deteriora. E a dor do fracasso é ainda maior porque ele não

consegue deixar de lembrar um dia perfeito, muitos anos atrás, em que a vida pareceu que iria ser sempre agradável.

Uma mulher de minha congregação decidiu, há alguns anos, terminar um casamento desastroso. Bonita, jovem, atraente, trabalhando num bom emprego, estava tão marcada por cicatrizes emocionais, que não teve pressa alguma em tentar um novo relacionamento duradouro. Durante alguns anos, viveu uma vida emocional “livre”.

Hoje, encarando-me

de trás da terceira xícara de café matinal e de um cinzeiro cheio, ela me diz: “Sei que as pessoas me invejam - as festas, as viagens, a Uberdade sem responsabilidades...”

Gostaria de fazer com que elas entendessem como eu as invejo. Gostaria de lhes dizer como tudo isto se torna rapidamente maçante e repetitivo e como você se descobre

fazendo coisas que não quer realmente fazer, só para não ter que fazer sempre as mesmas coisas. E dizer da rapidez com que eu aceitaria trocar tudo isto pelo barulho de uma porta de carro sendo fechada na garagem e passos familiares subindo a escada da varanda no começo da noite”.

Se a busca do Eclesiastes pelo prazer não foi satisfatória, como o floco de neve que parece tão bonito enquanto flutua no ar, mas se dissolve no instante em que você tenta segurá-lo, que caminho seguiria o sábio do nosso mundo imaginário, refletido no espelho? Haverá alguma forma de perseguir o significado da vida

através da privação deliberada? Pode parecer estranho mas há gente que faz isto. Como Fausto, gritam: “Quero saber que vivi!” - e a resposta que encontram é: “A única vida

que vale a pena ser vivida é a vida de sofrimento e auto-sacrifício. Viver para si próprio nunca traz satisfação. Só a vida dedicada aos outros satisfaz”.

Conheço gente que escolheu o papel de mártir (ou conseguiu que os outros o levassem a desempenhar este papel) na organização familiar ou do trabalho, assumindo todo o sofrimento e toda a culpa. É gente cuja única vontade parece ser a de satisfazer os desejos dos outros. Sente-se confortável somente quando os outros a exploram ou tiram vantagem dela. Algumas destas pessoas são esposas de alcoólatras ou viciados em drogas ou no jogo. Há homens e mulheres cujos cônjuges os torturam física ou psicologicamente, agredindo-os com os punhos ou com as palavras. (Lembro-me de uma mulher da minha congregação que pediu que eu a visitasse para discutir seus problemas conjugais. Serviu-me o que foi, provavelmente, o pior café que já tomei em minha vida, uma colher de café instantâneo misturada a uma xícara da água de torneira, e começou a me

41

contar os conflitos com o marido, enquanto eu fingia tomar a mistura: “Ele sempre me subestima. Nada do que eu faço é bom para ele. Critica tudo a meu respeito, o tempo todo. Não agüento mais. Acho que se ele me criticar mais uma vez, eu me suicido. Como está o café, Rabino? Quer outra xícara?”) O que parece caracterizar estas pessoas é a falta quase total de autovalorização.

Parecem sentir que não têm direito a nada, a não ser afundar para satisfazer os desejos alheios. Talvez no começo da vida alguém - seus pais ou até mesmo seus orientadores religiosos - lhes tenham dito que não prestava para nada e isto os tenha

feito sentir que a única forma de justificar sua existência é servir de capacho para os outros. Parecem infelizes com a dor em suas vidas, mas, ao mesmo tempo, resignam-se

e hesitam em fazer qualquer coisa para evitá-la. Parecem acreditar que merecem sofrer.

Com muita freqüência, o sofrimento é justificado pela religião, com a alegação de que aquela é “a cruz de suas vidas”, o destino que Deus lhes reservou ou que elas atraíram’ com seus atos ou pensamentos pecaminosos. Estas pessoas ouviram dizer que deviam amar suas aflições e, para isto, fazem o melhor que podem.

Casos assim são relativamente raros, é claro, mas não passam da manifestação extrema de um fenômeno muito mais comum - a atitude da pessoa que diz a si própria: “Não

é justo eu me sentir tão confortável. Eu não mereço. Tenho que fazer algo para equilibrar as coisas”. Trata-se, na realidade, de um dos conflitos mais fundamentais do caráter americano. Por um lado, os americanos são terrivelmente auto-indulgentes. Desperdiçam uma quantidade imensa dos recursos energéticos mundiais para que

suas casas se mantenham aquecidas no inverno e refrigeradas no verão, muito mais do que outros povos julgam necessário. Equipam seus carros com mais

luxo do que o que os habitantes de outros países conferem a suas casas, com estofamentos caros, ar-condicionado, música estereofônica. Gostam de comer bem, de se vestir bem, de viver bem. Mas, ao mesmo tempo, são os filhos espirituais dos Puritanos que ocuparam sua Terra e esta herança os faz sentir culpa quando desfrutam de muito conforto

físico. O destino das pessoas não é viver tão bem assim, diz-lhes uma vozinha interior, e é melhor atentar para isso. ‘

Para os Puritanos a vida era um negócio sério e penoso e o pecado estava sempre à espreita, pronto a tentá-los para que saíssem do caminho certo. Chegou a haver, na época, uma lei que proibia o riso aos domingos, o Dia do Senhor. Seu conceito de diversão era sentar num banco de madeira dura, na Igreja, e ouvir um sermão de três horas sobre os tormentos do Inferno. (Houve quem dissesse que o Puritano era uma pessoa que, se pudesse, proibiria as touradas, 42

não porque elas causam dor ao touro, mas porque elas dão prazer aos espectadores.) Os americanos herdaram estas duas tendências e nunca aprenderam a conciliá-las, vivendo confortavelmente com as duas. O resultado é que estão constantemente num ciclo: auto-indulgência, culpa e punição ao corpo para a devida expiação. Comem demais e depois fazem dietas. Vão de carro até a caixa do Correio, duas esquinas adiante, e depois dirigem mais alguns quilômetros para chegar ao ginásio ou à piscina para fazer exercício. É como se sentissem uma compulsão interior à autopunição

pelo “pecado” de viver confortavelmente.

Por que a Lorraine, casada há menos de um ano com um homem a quem ama muito, tem tanta dificuldade para relaxar e se sentir bem quando faz amor com o marido? Por que será que ela vive lembrando dos avisos e recomendações de sua mãe, no tempo em que saía com namorados? Por que não consegue deixar de sentir culpa quando experimenta

alguma coisa agradável?

Por que será que o Harry, um executivo de quarenta anos, abandona a piscina de seu hotel na Flórida duas vezes por dia para telefonar para o escritório? Por que é que ele se sente um irresponsável auto-indulgente quando tenta relaxar e gozar suas férias anuais e por que é que sua mulher sempre reclama da comida do hotel de luxo? Por que o Max, nascido na Europa mas logo trazido para os Estados

Unidos, hoje um bem-sucedido empresário, faz doações tão generosas a qualquer campanha de caridade que lhe exiba a figura de uma criança faminta? Será que todos os americanos ouvem uma voz interior a dizer que não merecem tão boa sorte? Será que todos

acreditam secretamente que há alguma coisa má em se sentir bem, que qualquer coisa agradável não pode durar porque não é merecida?

Acho que há, em muitas pessoas, o sentimento de que é preciso procurar a dor para “compensar” os confortos e prazeres da vida. Lembro-me de quando praticava o jogging.

Até torcer o joelho e ser obrigado a parar, há alguns anos, lá ia eu, correndo meus cinco a oito quilômetros, dia sim, dia não, usando minha camiseta com Isaías 40:31 impresso nas costas. (O versículo é: “Os que esperam no Senhor renovarão suas forças, subirão com asas como águias, correrão e não se cansarão”. Não ajudava muito.) Olhava os outros corredores pelas ruas do bairro, seus corpos brilhando de suor, seus olhos fitando atentamente adiante, vendo em seus rostos a mesma expressão determinada que eles, sem dúvida, viam no meu. Nossa corrida não tinha nada da exuberância espontânea de uma criança a brincar ou da facilidade graciosa de um atleta

natural. O que exibíamos era um sentimento de compromisso grave e determinado, quase um ar de penitência religiosa. Lembro-me bem de como forçava meu corpo, 43

apesar de seus protestos, a mais um quilômetro, dizendo: “Fui indulgente para com meu corpo. Dirigi quando podia ter andado. Comi e bebi demais, repeti aquela torta quando devia ter tido mais juízo. Passei tempo demais sentado à escrivaninha.

Portanto, tenho que compensar tudo isto me punindo, aflagindo meu corpo com a corrida,

submetendo-o ao aparelho “Nautilus” até que a dor seja tamanha que me satisfaça, fazendo-me sentir que meu corpo pagou o preço devido pela auto-indulgência.” (Note, por favor, a separação, em mer pensamento, entre o corpo que pecou e deve sofrer e o espírito, que o julga e condena.) Assim, os ginásios de todo o país têm cartazes pendurados, com frases como: “Se não doer, não adianta” ou “se não estiver doendo, você não está fazendo direito”. Parece que

contraditamos Freud, agradecendo pela dor e até obtendo prazer através dela.

O conflito pode ser ainda mais profundo. Pode representar uma das cisões fundamentais da alma da civilização ocidental. Nossa civilização deriva principalmente de

duas raízes: a grega e a judaicocristã. Os gregos, como todos os povos anteriores à emergência do Judaísmo bíblico e do Cristianismo, eram pagãos. O paganismo significava

mais que a simples adoração de muitos deuses. Era uma deificação da Natureza, que tratava como divino o que quer que fosse natural. Para os pagãos, Deus se manifestava nas chuvas, na colheita, nos ciclos do Sol e das estações, na forma e na fertilidade do corpo humano. Em seu nível mais primitivo, os deuses e deusas pagãos eram

ídolos da chuva e da fertilidade. Imaginando um paralelo entre a chuva que fertiliza o campo e o sêmen que fertiliza a mulher, os povos pagãos promoviam grandes orgias sexuais na primavera, para encorajar o crescimento da colheita e o nascimento de muitos bebês. Promoviam orgias também no outono, para expressar sua gratidão

pela colheita, e às vezes também no solstício do inverno, para dar forças ao fraco sol da estação. (Acho que qualquer desculpa serve, quando se trata de organizar uma orgia.) A Bíblia descreve, como repulsa, a prostituição institucional dos templos de Baal, o deus cananeu da chuva.

Em sua forma mais sofisticada, como na Grécia antiga, o paganismo se expressava pela adoração da beleza e da simetria. Deu-nos a arquitetura do Partenon, as maravilhosas

estátuas de corpos masculinos e femininos, a visão do mundo que Keats iria capturar, muitos séculos mais tarde, em sua “Ode a uma Uma Grega”.

“A beleza é a verdade, a verdade é beleza - isto é tudo que você aprenderá na Terra, é tudo que você precisa aprender”

Mas a beleza não é necessariamente a verdade. Uma pessoa bela pode ser vaidosa, egoísta, desleal. Um belo edifício pode ser um antro de corrupção e desonestidade.

A Bíblia rejeitou as idéias da Natureza como divina, e da beleza 44

como verdade, insistindo em que a proibição era a verdade. O Livro dos Provérbios nos avisa de que “a graça é enganosa e a beleza é vaidosa, mas a mulher que teme a Deus deve ser louvada” (31 : 30). A Natureza não é divina. É parte da criação de Deus e, como todo o restante de Seu trabalho, pode ser usada para o bem ou para o mal.

A rejeição bíblica ao paganismo pode remontar até à cena do Jardim do Éden, em que Eva percebe o fruto proibido como “bom para comer e uma delícia para os olhos”

e segue sua gula, em lugar de seu julgamento do que seria certo e do que seria errado. Se tivesse que resumir o sentido moral da Bíblia em uma frase, eu escolheria: “Não faça o que você tem vontade de fazer; faça o que o Senhor lhe pede”. A moralidade sexual da Bíblia, as leis que regem a dieta hebraica, a ênfase na caridade para com os pobres e na justiça para com os estrangeiros, são todas esforços para ensinar o povo a superar seus “impulsos naturais”. Até hoje, os judeus se abstêm de comida, bebida e sexo no Yom Kippur, o Dia do Perdão, não para se punirem por seus pecados ou para que Deus tenha piedade deles, mas para simbolizar de maneira dramática a capacidade humana, que nenhum outro animal possui, de controlar seus instintos. Os animais rejeitam a comida estragada; é possível impedir pela força física ou pelo medo da punição, que se alimentem ou se acasalem. Mas a abstenção nunca será voluntária. Só os seres humanos (e, mesmo assim, acho às vezes que nem todos) são capazes disto. Enquanto os pagãos enxergavam o divino na realização dos instintos naturais do Homem - (o porta-voz moderno do paganismo, Ernest Hemingway, uma vez definiu: “Moral é tudo que faz você se sentir bem depois e imoral é o que faz você se sentir mal”) -, a Bíblia encontrou a imagem de Deus na capacidade humana de controlar os instintos.

O paganismo que a Bíblia hebraica abordou foi o paganismo grosseiro, escandalosamente sexual dos fazendeiros cananeus, que julgava prioritária principalmente a

guerra, seguida da plantação e de ter filhos. Mas nos séculos compreendidos entre os dois Testamentos, Israel foi conquistada por Alexandre, o Grande, e o paganismo encontrado, então, foi a versão grega, a mais sofisticada. A cultura grega não consistia de ritos de fertilidade e de adoração a Baal. Era a filosofia de

Platão e Aristóteles, a arte dramática de Esquilo e Sófocles. Era a arquitetura, a pintura, a escultura. No entanto, do ponto de vista bíblico a cultura grega estava fatalmente marcada, porque continuava a conceber a beleza e o prazer como divinos, em vez de duas das criações menores de Deus. Os gregos, por sua vez, nunca conseguiram entender

a falta de interesse dos judeus pela beleza física. Por que os judeus não faziam mais exercícios? Por que não exibiam seus corpos à admiração dos outros? Por que acreditavam que estavam obedecendo a Deus quando deformavam a perfeição de Sua obra circuncidando seus filhos.

45

Em *The Source* (“A Fonte”) famosa novela de James Michener, há uma cena clássica, o confronto entre um grego e um judeu, no ano 168 A.C., pouco antes da revolta dos macabeus. Jehubadel, líder da comunidade judaica, se encontra com o governador grego Tarfon, para reclamar a respeito de uma das novas leis do Imperador. O

encontro

ocorre num ginásio, onde Tarfon se estivera exercitando. O governador está completamente nu, exultante com os efeitos do exercício em seu corpo bronzeado.

O representante judeu, ao contrário, está totalmente vestido e apenas seus olhos e nariz estão à vista. Nenhum dos dois consegue entender por que o outro está vestido (ou despido) daquela maneira. Cada um vê nas maneiras do outro uma espécie de blasfêmia.

À época do Novo Testamento, a terra de Israel era parte do Império Romano, que combinava a cultura grega com o talento militar e político dos romanos. Os líderes religiosos dos primórdios do Cristianismo sentiram tamanha repulsa pela flagrante sensualidade da vida romana - nudez, homossexualidade, abusos de comida e bebida - que passaram a condenar quase todos os prazeres do corpo como inerentemente pecaminosos. Passaram a ensinar que havia uma distinção entre a alma, pura, sagrada e não-física, e o corpo, que era grosseiro, sujeito à decadência e à fonte do pecado. Por alguma razão, talvez até para que fosse testada, a alma se achava aprisionada

num corpo de barro durante sua permanência na Terra. Mas Deus queria que ela resistisse à tentação da carne e a Ele regressasse, pura e não conspurcada. As vozes dos primeiros cristãos responderam aos excessos da vida romana - o sexo casual, a ostentação da riqueza, a gula

- com um tipo próprio de extremismo, desconfiando de qualquer contato sexual, qualquer riqueza, qualquer vinho ou comida de boa qualidade.

No início da Idade Média, quando a violência, a lascívia e a busca da riqueza

passaram a dominar a sociedade européia e contagiaram até mesmo os mais altos círculos

da Igreja, as almas mais religiosas e sensíveis voltaram as costas ao mundo e fundaram ordens monásticas baseadas nos ideais de pobreza e castidade. Parecia, outra vez, não haver meio-termo. Ou as pessoas se perdiam num mundo de bens materiais e prazer sensual ou fugiam deste mundo, e de todas as suas tentações, para ensinar a alma a dominar o corpo.

Somos todos filhos do mundo ocidental moderno, formado pelas influências da Bíblia, da Igreja, e da cultura grega. Herdamos tanto o amor dos gregos pelo prazer físico quanto a ambivalência bíblica quanto a ele. Dilaceramos entre o sentimento de que os prazeres físicos são irresistíveis e a vergonha e culpa que deles emanam.

Nunca chegamos realmente a um acordo sobre o sexo, vendo-o, às vezes, como a chave da felicidade, condenando-o outras vezes como

a causa da maior infelicidade e da perversão do mundo. Contamos piadas a respeito dele, porque ele nos faz ansiosos e porque o humor é uma das maneiras que temos para lidar com a ansiedade. “Patrulhas antivício” e “ofensas morais” tratam quase exclusivamente de assuntos sexuais, como se não houvesse outros tipos de vícios ou atitudes imorais além do sexo. Vemos filmes e compramos revistas que glorificam o corpo humano nu, ou quase nu, mas nos sentimos vagamente culpados e desconfortáveis - alguns devido a tanta liberdade sexual, outros rejeitando a exploração daquilo que deve ser reverenciado entre quatro paredes porque somos” espiritualmente filhos tanto de Atenas quanto de Jerusalém.

Nunca chegamos a um acordo sobre a comida. É claro que ela significa mais para nós que simples nutrição ou combustível para nossos corpos. A comida se transforma em símbolo de amor; nas primeiras horas de nossa vida, alguém nos demonstrou seu amor através da alimentação. A comida é recompensa e reafirmação. Quando estamos magoados, irados, solitários, inseguros, conseguimos nos acalmar com comida. Mas a comida representa também a tentação (lembra-se de Eva?), a prova de que somos fracos de vontade, criaturas auto-indulgentes que merecem a condenação por sua fraqueza.

Quando a metade pagã de nossas almas nos controla, satisfazemos nossos apetites com generosidade, regiamente e com freqüência. Quando o lado puritano assume o comando,

punimo-nos. (É interessante: as palavras inglesas pain - dor - e punish - punir -

derivam da mesma raiz latina). Fazemos dietas, fazemos exercidos que vão muito além do ponto de nos causar prazer, repudiamos a idéia de que comer pode ser uma experiência agradável. A comida se transforma em uma necessidade inconveniente, desagradável, como a visão que algumas pessoas têm do sexo. Chegamos ao ponto de tolerar um pão que tem gosto de algodão e legumes cujo gosto não se distingue daquele

do plástico que os embrulha, porque ter muito prazer no gosto da comida passa a ser uma forma de fraqueza e gula. Inventamos “lanches rápidos e restaurantes drive-in para que possamos apenas nos livrar da necessidade de comer.

Deveria ser cristalino que não podemos nos contentar se ficarmos numa guerra permanente contra nós mesmos, se nossos corpos e nossa consciência estiveram perpetuamente

ocupados em uma luta, um recriminando o outro, dizendo-o pervertido e o outro a exclamar: “puritana”! Perguntamos como devemos viver e uma das metades de nossa cabeça

grita: “Divirta-se”, enquanto a outra nos ordena: “Abstenha-se”. Queremos o prazer mas vivemos nos dizendo: isto é frívolo; por que estou fazendo isto? Tentamos confirmar a seriedade da vida e tudo que conseguimos é perguntar: “A quem estou enganando? O Eclesiastes, que pode ter sido o primeiro autor bíblico com raízes tanto

judaicas quanto helénicas, também parece ter ouvido duas vozes. Uma dizia: “A vida é curta; não a

desperdice. Goze-a enquanto é possível, pois quem sabe quanto tempo você irá durar?”

Enquanto a outra insistia: “A vida é curta; não> a desperdice nessa vaidade do que é efêmero e amanhã já não existirá”. Não é de admirar que ele tenha ficado confuso.

Resulta este conflito interior de nossa herança mestiça greco-judaicocristã ou (como no caso de Gandhi) da ambivalência oriental sobre o corpo e as coisas materiais em geral, nunca teremos paz até que achemos uma saída para este ciclo de indulgência culpa e autonegação, de sexo e vergonha, de gula e dieta. Como poderemos sequer

chegar próximo à paz interior e ao contentamento quando metade de nós odeia e despreza a outra parte?

Quero dividir com você o que considero um dos pensamentos religiosos mais profundos que conheço. No Talmude, a coletânea da-sabedoria dos rabinos dos cinco primeiros séculos, está escrito: “No mundo que está por vir, cada um de nós será chamado a responder pelas coisas boas que Deus pôs na Terra e nos recusamos a aproveitar”.

Não é uma declaração notável para um líder religioso? Nenhum desprezo, nenhuma repulsa pelo corpo e por seus apetites. Em lugar disto, um sentimento de reverência pelos prazeres da vida, que Deus pôs na Terra para nosso êxtase, uma forma de encontrar Deus no mundo através da experimentação de momentos agradáveis. Como todas as dádivas, é claro, esta pode ser mal usada mas a culpa será nossa, não de Deus.

Todos já encontramos gente que bebe ou come ou faz sexo ou gasta dinheiro de tal forma que já não consegue aproveitar nada disto. O bebedor compulsivo, o sátiro compulsivo logo chegam ao ponto onde não é mais possível aproveitar os prazeres do uísque ou do sexo. Continuam a busca mas apenas para atenuar o desejo, para fazer passar a necessidade. No entanto, usados com propriedade, estes apetites acabam sendo vistos como dádivas de Deus, destinados a aumentar o prazer de nossas vidas.

(Há pouco, descobri uma atitude semelhante em um convento católico, que só aceita candidatas à ordem se elas “comerem bem, dormirem bem e riem facilmente.”

Encarar com repulsa ou desconfiança o corpo humano e todo o mundo natural é uma heresia tão grande quanto adorá-los sem qualquer senso crítico. A pessoa que procura a dor e o desconforto porque passou a acreditar que os merece, que é pecado achar que a vida é fácil e agradável, está tão longe da verdade quanto aquela que persegue, sem pensar, o prazer, como propósito único da vida. Ambos chegarão à conclusão melancólica do Eclesiastes: “O que ganhei com'tudo isto? Tudo isto é futilidade”.

5. NENHUMA DOR, NENHUMA ALEGRIA

Mais ou menos um ano depois da publicação de meu livro sobre, a luta contra o sofrimento, fui convidado a participar de uma conferência na Faculdade Randolph-Macon,

em Ashland, no Estado da Virgínia, com o tema “Cinco Visões Religiosas sobre o Sofrimento”. Foi um dos fins-de-semana mais estimulantes de minha vida. Participei como representante do Judaísmo, junto com um cristão, um budista, um muçulmano e um hinduísta, cada um de nós encarregado de esclarecer como a fé em cada religião encara o sofrimento, como o explica e como o suporta.

O representante hinduísta me explicou, num jantar, que sua religião ensinava a lidar com o sofrimento e a dor sem negá-los ou ignorá-los, mas elevando-se acima deles.

Sua religião prega que se deve dizer às mais dolorosas experiências: “não vou deixar que você me machuque. Vou experimentar o que de pior possa acontecer e triunfar.

Vou aprender a arte do desligamento e superar a dor”. Todos já vimos imagens de hinduístas andando sobre braseiros ou deitados em camas de pregos. O que eles fazem com seus corpos é o que tentam fazer com suas almas: ensinar-lhes a não sentir a dor. Lembro-me de ter lido que G. Gordon Liddy, famoso devido ao caso Watergate costumava demonstrar sua resistência mantendo a mão sobre uma chama. Quando lhe perguntavam se aquilo não doía, respondia: “É claro que dói. O segredo é não permitir que nosso corpo sintam a dor”.

Meu companheiro ao jantar me disse naquela noite: “Que sorte você ter perdido um filho quando ainda é tão jovem, pois assim pode aprender a triunfar sobre o sofrimento

e a dor. A maioria das pessoas só tem uma oportunidade como esta em idade muito mais avançada. A morte de uma pessoa não é uma tragédia. Sua alma

volta para a grande

corrente da Vida, como uma gota d'água volta ao oceano, que é sua origem.
Morrer não dói. O que dói é a vida, porque viver

nos isola do resto da Vida e nos deixa vulneráveis. Quando completamos nosso período de existência individual, voltamos à corrente da Vida. A vida de seu filho foi trágica e cheia de dor mas não só por causa da doença. A vida de todos é trágica e cheia de dor. Mas a morte dele não foi trágica. A morte lhe trouxe paz - e deveria ter trazido também a você a paz e um sentimento de inteiração. Mas o seu hábito de querer as coisas, querer saúde, querer filhos, querer que tudo dê certo, lhe causa dor”. Ele se debruçou sobre a mesa e disse: “Você é um homem sábio e um bom escritor mas ainda tem que aprender a mais importante de todas as verdades: “Ninguém sofre neste mundo, a não ser aqueles que querem coisas que não podem ter.

Quando aprender a não desejar, você se elevará acima do sofrimento”.

Olhei-o com incredulidade. Ali estava um homem que eu admirava e respeitava por sua sinceridade religiosa. Mas o que ele dizia era exatamente o oposto daquilo que eu sentia e em que acreditava. O que sua religião lhe ensinava sobre a vida e a morte era tão diferente do que a minha ensinava! Não me sentia um homem de sorte por ter perdido um filho que amava. Nem tinha adquirido tranqüilidade ou transcendido a dor. (Quanto a isto, meu amigo teria argumentado que meu luto e meu crescimento

religioso ainda estavam incompletos.) O sentimento de perda ainda doía, tantos anos depois, embora eu tivesse aprendido a conviver com ele. Mais ainda, achava que era normal que doesse. Da mesma forma que as células mortas, como nossos cabelos e unhas, não sentem dor ao serem cortadas mas as vivas sangram edóem, também assim eu achava que as almas espiritualmente mortas podiam ser cortadas, separadas das outras, sem sentir dor. Mas as almas vivas e sensíveis sentiam dor com facilidade.

Não gosto de me machucar. Não gosto de sentir dor. Entretanto, acredito que me torno desumano se aprendo a arte do distanciamento de forma tão perfeita que, ao saber

da morte de um amigo ou parente, ou ao ver crianças famintas no noticiário da televisão, não me sinta emocionalmente afetado. Talvez as pessoas que vivem numa terra

de extrema miséria, acostumadas à mortalidade infantil e a freqüentes inundações, à fome e a desastres naturais tenham que se armar contra a ameaça constante de calamidade, da mesma forma que os médicos se protegem contra o excesso de envolvimento emocional com os doentes graves de que tratam. Mas acho que o preço a pagar

por tal tipo de proteção é alto demais.

Quando me protejo contra o perigo de uma perda (pela morte, pelo divórcio ou apenas pela partida de um amigo para longe) através do aprendizado de como não ligar, não permitir o excesso de envolvimento com alguém, perco uma parte de minha alma.

Quando tento evitar a dor, ao ler o jornal, fugindo das matérias sobre fome e tortura

e correndo às páginas de esportes o> à coluna social 50

dizendo que é horrível mas o mundo é assim mesmo, permito tornar-me menos humano, menos vivo. Quando me protejo da desilusão, renunciando a querer ser feliz, dizendo a mim mesmo que a felicidade é uma miragem e uma ilusão, estou diminuindo minha alma. Estar vivo é sentir dor e se esconder da dor é se tornar menos vivo.

Meu amigo hinduísta, no fim-de-semana, durante a conferência, falava sobre transcender a dor e o sofrimento, aceitando-os e absorvendo-os em lugar de lutar contra

eles. (As religiões orientais em geral tendem a ver as coisas em termos de uma complementação de opostos que produza a sensação de inteireza. Enquanto as religiões ocidentais tendem a encontrar contrastes agudos entre, por exemplo, masculino e feminino, divino e humano, bem e mal, para o crente oriental a linha divisória é muito menos clara e definida.) Ele não falava da negação da dor ou de se esconder dela, como fazem muitas pessoas. Com freqüência, se alguma coisa nos dói, fingimos que não sentimos ou tomamos um comprimido para expulsar a dor, sem jamais tratarmos de sua verdadeira causa. É possível que o sofrimento seja parte de nosso destino e fugir da dor apenas nos permite escapar do aprendizado da lição. Ninguém jamais nos diz que o hábito de tomar analgésicos tem perigosos efeitos colaterais - e que um deles é a diminuição de nossa capacidade de sentir qualquer coisa, seja ela qual for.

Quantas vezes, oficiando um funeral, percebo que os parentes nas primeiras filas se sentem claramente desconfortáveis. Sabem que deviam estar sentindo alguma coisa - dor, desespero -, mas não sentem nada, porque nunca aprenderam como deixar-se levar pelos sentimentos. Além das possíveis exceções como a raiva e a irritação, nunca aprenderam a linguagem das emoções e agora, quando têm de se expressar através dela, descobrem que não sabem como fazê-lo. Quantas vezes, quando estou só com

a família antes do funeral, alguma velha senhora grita chorando: “Por quê? Por que isto foi acontecer? Ele era tão bom!” E, invariavelmente um homem de seus quarenta anos, bem vestido, sente um grande desconforto e diz: “Será que alguém não pode fazer com que ela se cale? Será que não podem lhe dar um sedativo?” A verdade é que a senhora é a única pessoa presente que está com a cabeça no lugar certo. Ela sabe que aconteceu uma coisa dolorosa e está respondendo a esta coisa. Nós, os outros, estamos entorpecidos e desconhecemos a linguagem da dor e, portanto, não sabemos o que nos está acontecendo.

Meu companheiro de jantar me dizia que a maneira certa de atravessar uma vida de tragédias e incertezas é aceitá-la e ceder a ela, em vez de lutar contra ela, da mesma forma pela qual um lutador oriental usa a força e o peso de seu adversário, contra ele, em lugar de tentar superá-lo. Mas, também, tentava me dizer que a forma para atravessar a vida sem sentir dor constante diminui as 51

espectativas. Não esperando que a vida seja justa não sofrerá o coração diante da injustiça. Sempre houve crime, corrupção e acidentes e sempre haverá. É parte da condição humana. (Tive um professor que costumava dizer: “Esperar que o mundo lhe trate bem porque você é uma boa pessoa é como esperar que o touro não lhe ataque porque você é vegetariano.) O Eclesiastes deixou-se dominar por tanta dor e confusão porque permitiu que a imperfeição do mundo o atingisse. Não havia necessidade

de sofrer tanto. Sua vida teria sido muito mais agradável se ele tivesse aprendido a dar de ombros ante o sofrimento e a injustiça e dizer: “Sinto muito que o mundo seja assim mas não vou mudá-lo com meu sofrimento. Portanto, para que sofrer?”

Não permita que coisa alguma - seu emprego, seu carro, nem mesmo sua saúde ou sua família - seja muito importante e você se imunizará contra o medo de perdê-la.

Em lugar de trabalhar duro para aumentar o número das coisas que você tem, até chegar ao quanto deseja (ou que os anúncios comerciais lhe convenceram que quer), baixe o nível de seus desejos para o das coisas que você já tem, ou até mais, para o nível daquilo que jamais lhe pode ser tirado. E em lugar de frustração e carência, você terá tranqüilidade e paz de espírito.

Na Segunda Grande Guerra, os nazistas arrebanharam civis inocentes aos milhões e os mandaram para campos de concentração. Aqueles, entre os prisioneiros, cujo sentimento

de identidade dependia de riqueza, de posição social, do prestígio de seus empregos tenderam a se esfacelar quando perderam tais coisas. Os que tinham a identidade baseada na fé religiosa ou na própria auto-estima, e não no juízo que os outros faziam a seu respeito, superaram melhor o fato.

O Talmude observa um ponto de vista semelhante: “Quem é o rico? É aquele que se contenta com o que tem”. A riqueza de um homem deve ser medida, não pelo que ele tem, mas pelo que ele quer e não tem. Um rico que, por qualquer problema psicológico, sente que precisa de sempre mais, ainda não é realmente rico.

Ouvi com respeito o que me disse o companheiro de jantar naquela noite e me emocionei e me enriqueci com muita coisa. Mas fundamentalmente tive de discordar.

Quando

chegou minha vez de falar e a dele de comer, sugeri que, quando diminuimos nossas expectativas na vida para evitar a dor da desilusão, abandonamos uma parte da imagem de Deus em nós. Aceitar o crime e a corrupção política, porque eles sempre fizeram parte de nossa sociedade, é desistir facilmente. Certo, isto nos poupa de muita angústia e frustração - mas a que custo? Tornar-se menos apegado a meus filhos, menos ambicioso em relação a meu trabalho, porque a vida injusta e imprevisível me imuniza contra grandes

dores mas me rouba também grandes esperanças e grandes alegrias. É como o homem que, no funeral, tem ótimas intenções mas dá um péssimo conselho: “Será que não podem

lhe dar um sedativo?” Como pai superprotetor que não deixa o filho andar de bicicleta porque pode cair e se machucar, cobrimos a nós mesmos e aos outros de preocupações

mal dirigidas. Usar tal armadura nos protege dos ferimentos mas também impede que crescamos.

E, contudo, temos que crescer. Qualquer mulher que tenha tido um filho sabe como é doloroso dar à luz uma nova vida. De certa maneira, é quase tão doloroso dar à luz uma nova identidade para nós mesmos durante nossa vida, crescer e deixar de ser a pessoa que éramos, romper a pele que sempre nos protegeu tão bem, assumir o risco de uma nova identidade. A adolescência é uma experiência dolorosa para muitos de nós porque ela é, na realidade, um parto de nós mesmos: o nascimento de um novo sentimento do que somos. E mudar nossos hábitos de vida mais tarde pode ser um sacrifício igualmente doloroso e igualmente necessário.

Sou o rabino de uma congregação de cerca de seiscentas famílias, muitas das quais têm seus chefes entre trinta e cinquenta anos de idade. Já presenciei o impacto de uma epidemia de divórcio e conflitos conjugais nestas famílias, às vezes atingindo até um terço dos membros de uma certa faixa etária. Sei o que o divórcio é capaz de fazer com adultos e com crianças.

Os adultos sofrem mas, na maioria, sobrevivem intactos. Se é verdade que quarenta por cento dos casamentos terminam em divórcio, também é que oitenta por cento dos divórcios terminam em novo casamento, que são, muitas vezes, estáveis e satisfatórios. E, mesmo quando nenhum dos dois se casa novamente, é freqüente ambos experimentarem

certo grau de crescimento pessoal, uma vez passado o sofrimento inicial. Já ouvi de muitas divorciadas que a experiência da separação conjugal, com tudo que ela representa em termos de preocupações financeiras e sentimento de rejeição, é

dolorosa mas, uma vez estabilizadas as coisas, acaba deixando-as mais fortes, mais felizes

e independentes do que jamais foram antes. Muitas delas descobriram, pela necessidade, que eram muito mais capazes, criativas e competentes do que jamais pensaram

ser. Em lugar de serem a metade de um casal, descobriram que eram pessoas completas em si mesmas.

Mas as crianças são, com frequência, mais vulneráveis e menos capazes de cuidar da própria vida e acertar no procedimento. Alguns dos efeitos do divórcio sobre a criança são bem conhecidos: o sentimento de rejeição, de culpa pela suspeita de ter sido a causa da separação, a carência de um modelo a seguir. Mas, pelo que já vi, o efeito mais prejudicial do divórcio sobre a criança, e até 53

mesmo sobre seus amiguinhos que não viveram pessoalmente a experiência mas sobre ela tanto ouviram, vai mais longe que isto. Suspeito que estamos criando uma geração de jovens que têm medo de amar, medo de se dar completamente a outra pessoa, porque já viram o sofrimento que isto causa quando não dá certo. Tenho medo de que eles cresçam à procura de intimidade sem riscos, do prazer sem um envolvimento emocional significativo. Que tenham tanto medo da dor e da decepção abandonando as possibilidades

do amor e da alegria.

Assim cantavam Simon e Garfunkel para os jovens dos anos sessenta: “Se eu nunca tivesse amado, nunca teria chorado... Não toco em ninguém e ninguém me toca... Sou uma rocha, sou uma ilha... E uma rocha não sente dor e uma ilha não chora”. O

psicólogo Herbert Hendin escreveu sobre o medo que sentem os jovens de hoje da verdadeira

intimidade. O envolvimento sério é uma armadilha: limita as suas opções. A dedicação os torna vulneráveis à decepção e à rejeição. Ter filhos não significa realização

e imortalidade, apenas obrigações e inconveniências. Segundo ele, “há vinte anos, o distanciamento e a incapacidade de sentir prazer eram considerados

sinais de esquizofrenia. Hoje, as pessoas acreditam que o envolvimento emocional é um convite ao desastre e o distanciamento é que proporciona o melhor meio de sobreviver”.

Em nosso trabalho, em nosso lazer e até em nossa vida sexual, queremos ser como máquinas (até dizemos que estamos ou não “ligados”), desempenhando uma função mas sem qualquer dedicação mais profunda.

Um jovem casal veio me procurar uma noite. Dentro de alguns meses eu estaria celebrando seu casamento e, porque não os conhecia muito bem, convidei-os a entrar para

que nos conhecêssemos melhor e para combinarmos alguns detalhes da cerimônia. À

certa altura da conversa, o rapaz me pediu: “Rabino, o Sr. se incomodaria de mudar uma pequena parte da cerimônia? Em lugar de nos declarar marido e mulher até que a morte nos separe, o Sr. poderia dizer que seremos marido e mulher enquanto durar o nosso amor? Temos conversado sobre isto e ambos sentimos que, se chegar um dia em que não nos amarmos mais, não estará moralmente certo continuarmos juntos”.

Respondi: “Me incomodaria, sim, e não vou mudar nada disto. Vocês e eu sabemos muito bem que existe o divórcio e que muitos casamentos hoje em dia não perduram até que um dos dois morra. Mas quero lhes dizer o seguinte: se vocês vão se casar com a idéia de que, se não der certo, é só separar, se não esvaziarem psicologicamente a bagagem de suas malas quando se juntaiem, posso quase garantir que as coisas não vão funcionar direito. Aprecio a honestidade implícita no pedido, o desejo de não viver de maneira hipócrita, mas vocês têm de compreender que o compromisso do casamento não implica apenas na vontade de dormir um com o outro; é o compromisso de aceitar as frustrações e decepções

que são inevitáveis numa relação entre dois seres humanos imperfeitos. Já é bastante difícil fazer funcionar um casamento quando se decide dedicar a ele tudo que se tem. Mas se uma parte de vocês está envolvida no relacionamento e outra parte fica de fora, avaliando, decidindo se vale ou não a pena, então praticamente não há chance de que dê certo”.

Aqueles jovens tinham se assustado com a dor que tinham visto em outras pessoas quando seus casamentos fracassaram. Tinham tanto medo de perder seu investimento emocional que se dispunham a comprometer apenas um pouco deles mesmos no relacionamento. Daquela forma, se não desse certo, não sofreriam muito porque não estariam

perdendo muito. Mas o resultado seria, quase inevitavelmente, um relacionamento frágil, experimental, sem fundamentos emocionais suficientes e destinado ao fracasso.

Isto me faz pensar em todas as cartas que tenho recebido de mulheres que se queixam de que, tendo ficado gravemente doentes ou descoberto que um filho tem uma doença grave, foram abandonadas por seus maridos. Não posso acreditar que todos esses maridos sejam homens cruéis, duros, insensíveis. Pelo contrário, desconfio de que sofram profundamente a dor da situação mas, porque ninguém lhes ensinou a conviver com a dor, não sabem como suportá-la. Entram em pânico e fogem de uma situação ameaçadora e emocionalmente avassaladora. Talvez, alguns deles, como o rapaz daquela noite, tenham enfrentado o casamento esperando trazer prazer a suas vidas e, quando o resultado foi a dor, o conflito e a incerteza, em vez do prazer, tenham decidido que aquilo não estava no contrato que tinham assinado e optado pela retirada.

ODr. Hendin faz um paralelo entre a história de fadas, em que a princesa bonita beija um sapo e este se transforma num belo príncipe, e a versão que ele viu uma vez no programa infantil de TV Vila Sésamo, em que a princesa beija o sapo e se transforma, ela própria, numa sapa. A cena é engraçada mas não estará ensinando a nossos filhos, até certo ponto, que a intimidade, a entrega emocional é perigosa e pode nos fazer mal?

Se acreditarmos que a vida só é boa quando evitamos a dor, corremos o risco de

aprender tão bem a não sentir dor e, com isto, não sentir nada - nem alegria, nem amor, nem esperança, nem espanto. Ficamos emocionalmente anestesiados. Aprendemos a viver toda a nossa vida dentro de estreitos limites emocionais, aceitando o fato de que teremos poucos instantes de alegria em troca da garantia de que também não teremos momentos ruins, de dor ou tristeza - apenas o eterno sentimento da monotonia, de um dia cinzento após o outro. Por causa de nosso medo da dor, dominamos com tal perfeição a arte do afastamento que nada mais consegue atingir nossas emoções.

55

O que rouba tanto do nosso sentimento de significado na vida, hoje em dia, é a doença do tédio. Tantos de nós achamos tedioso o emprego, tedioso o casamento, tediosas

as amizades e as diversões. Em patético desespero, procuramos um filme, uma viagem de férias, uma saída qualquer que nos tire a vida da rotina. Acabamos fazendo coisas de todo tipo, que são potencialmente autodestrutivas dirigir depressa demais, voar de asa delta, praticar canoagem - dizendo que “somente assim nos sentimos

vivos”. Alguns se voltam para as drogas, num esforço desesperado para fugir da monotonia emocional de todos os dias e aprender a sentir de novo Na geração anterior, as drogas eram a válvula de escape do gueto, uma alternativa para fugir do desespero e da falta de esperança, para deixar de sentir a dor. Hoje, com o aumento de

preço correspondente, elas se tornaram o brinquedo da alta classe média combalida, destinado não mais a aliviar a dor mas a permitir a fuga do tédio, a propiciar o sentimento das alturas e do bemestar, as sensações extasiantes do ouvido, da vista e do tato, porque nada mais no mundo real é capaz de trazer tais sensações.

O adolescente que furta mercadorias de uma loja ou um carro e acaba marcando sua vida com um boletim de ocorrência policial, e a dona-de-casa que procura uma aventura extraconjugal, arruinando seu casamento e sua reputação, podem não estar tentando fazer alguma coisa perversa e prejudicial. Podem estar apenas tentando, desesperadamente,

acrescentar alguma coisa excitante a suas vidas, que de outra forma são monótonas e tediosas. Como Fausto, estão prontos a vender suas almas ao demônio em troca de alguma coisa, algum momento que os faça sentir que estão vivos.

Pensamos que a culpa é daquilo que estamos fazendo, ou das pessoas com quem convivemos, e que a cura para o tédio consiste em mudar de emprego, mudar de parceiro,

mudar de bairro para que a vida se torne mais interessante. Às vezes a mudança pode até ser necessária mas, quase sempre, o problema está em nós mesmos. Por causa de nosso medo do sofrimento ou da desilusão, escolhemos uma vida de tédio emocional. Construimos para nós mesmos um piso emocional, abaixo do qual não poderemos

afundar, para termos a certeza de que nada nos poderá ferir ou deprimir, e um teto emocional, acima do qual não nos poderemos elevar, porque o risco de queda será grande demais - e nos perguntamos por que nos sentimos tão emparedados. Aplicamos em nós mesmos uma injeção de novocaína espiritual, para que possamos atravessar as tempestades da vida sem dor - e nos perguntamos por que nos sentimos tão entorpecidos.

Um dos contos de fadas relatados pelos irmãos Grimm se chama “A História do Rapaz que Queria Aprender a ter Medo” (The Tale of the One Who Went Forth to Learn Fear”).

É a história de um jovem que, faça o que fizer, nunca sente medo. Ele se sente incompleto, sem a dimensão emocional do medo. Resolve 56

então partir e depara com aventuras arrepiantes, fantasmas e bruxas e dragões que cospem fogo, mas nunca consegue sentir um simples arrepio de medo. Em sua última aventura, consegue libertar um castelo de um encanto perverso e, como prova de gratidão, o rei lhe dá a mão de sua filha. O herói diz à princesa que, embora goste dela não tem certeza de que possa se casar até que complete sua missão e aprenda a sentir medo. Na noite de núpcias (pelo menos é esta a versão que os irmãos Grimm contam às crianças), a noiva arranca as cobertas de seu leito e atira nele um balde de água fria cheia de pequenos peixinhos. Ele grita: “Minha querida esposa! Agora eu sei o que é um arrepio!” - e se torna feliz.

Qual o sentido desta estranha história? Na interpretação de Bruno Bettelheim, em seu livro “As Utilidades dos Encantamentos” (The Uses of Enchantment), uma pessoa não é realmente adulta ou não está pronta para a vida adulta sejam quais forem suas realizações neste mundo, até que esteja emocionalmente madura e aberta para o sentimento. Nosso herói não consegue sentir amor ou alegria por não ser capaz de sentir susto e medo. Talvez ele seja o símbolo de todos nós que, em nossos esforços para evitar a dor, nos amortecemos contra todos os sentimentos e, ao contrário do herói do conto de fadas, nem sabemos o que

estamos perdendo.

6. MAS O TOLO CAMINHA NA ESCURIDÃO

Há alguns anos, espectadores de todas as idades se encantaram com a história do E.T., o extraterrestre. Contando a história de uma criatura de uma civilização mais avançada, que vem parar na Terra por acidente, o filme rapidamente se tornou um dos mais apreciados e lucrativos de todos os tempos. Boa parte dele enfocou as crianças, que queriam simplesmente amá-lo e ser amadas por ele, contra os cientistas, que o queriam capturar para estudá-lo. É claro que o conflito entre jovens de espírito livre e adultos preocupados com a autoridade é tão básico, para o cinema, quanto o conflito entre polícia e ladrões ou vaqueiros e índios. Mas o E.T. acrescentou um elemento novo à história. Os vilões no E.T. não são apenas adultos que querem fazer cumprir as regras. São cientistas dispostos a fazer com que o amor desapareça em nome do progresso científico.

(Um ano depois, o filme Splash (“Uma Sereia em Minha vida”) contou praticamente a mesma história. Uma sereia chega à praia na tentativa de amar e ser amada, mas os cientistas a querem capturar e dissecar).

De um lado, a capacidade humana de raciocinar tem sido entronizada como nossa maior glória. Os filósofos, desde os tempos de Aristóteles, a têm identificado como a qualidade que nos faz diferentes dos animais. Quando a Bíblia, em suas primeiras páginas, descreve Adão dando nomes aos animais, está sendo pago um tributo a essa capacidade única de raciocinar, de classificar as coisas em diferentes categorias.

Somente o homem é capaz de fabricar ferramentas, de construir máquinas, de mudar o meio ambiente, além de escrever livros e sinfonias.

Mas, por outro lado, nossa própria razão nos diz que a razão tem limites.

Dissecando um sapo, você obterá muitas informações a respeito da sua constituição física,

mas não terá mais um sapo. Se dissecar uma sereia ou um visitante 58

extraterrestre, é bem possível que você faça descobertas científicas e talvez até ganhe um Prêmio Nobel, mas não terá mais um amigo que lhe tem amor e, para muita gente, o ganho de informação não vale a pena. O verbo bíblico hebraico yada (que pode ser traduzido para o português “conhecer”) tanto pode significar “ter informações

sobre alguém ou alguma coisa”, quanto “ser íntimo de alguém”. Mas parece que somos obrigados a escolher entre analisar alguém à distância ou chegar tão próximo a fim de experimentá-lo, em lugar de conhecê-lo intelectualmente.

O Eclesiastes, quando velho e cínico demais para os prazeres, se voltou para a Filosofia, esforçando-se para descobrir o significado da vida, acabou reconhecendo que estava identificando-a, em lugar de vivê-la. Leu todos os livros, ouviu todas as palestras eruditas e chegou à conclusão de que o significado da vida não podia ser encontrado através da Filosofia. Possuir muita informação sobre como viver é como ter muitas informações sobre natação ou música, sem nunca ‘entrar na água ou tocar um violino.

Em junho de 1985, fui convidado a fazer uma palestra para os formandos da Universidade Cornell. Disselhes que, como a idade média da turma era de vinte e um ou

vinte e dois anos, a maior parte da Guerra do Vietnã tinha acontecido enquanto eles ainda eram crianças, incapazes de compreender o que estava ocorrendo. Assim, a ironia da expressão “os melhores e mais brilhantes” não podia ser percebida por eles. “Os melhores e mais brilhantes” eram, para os americanos, as autoridades governamentais que os haviam levado ao Vietnã, de início, e que depois os afundaram cada vez mais naquela guerra. Eram, sem dúvida, homens brilhantes, formados nos primeiros lugares das melhores faculdades, armados de infundáveis informações fornecidas pelos mais sofisticados computadores e, ainda assim, viviam tomando decisões

erradas. Tinham inteligência, tinham informação, mas faltava-lhes a sabedoria, o sentimento instintivo de como colocar em prática as informações de que dispunham.

E a essência da sabedoria, sugeri, é o respeito pelos limites da inteligência humana, ou a reverência ante as vastas regiões escuras da realidade onde a razão não consegue penetrar.

Se sua formação acadêmica, de alta qualidade, lhes havia desenvolvido as mentes mas permitido que seus sentimentos de humildade e reverência se atrofiassem, disselhes, eles corriam o risco de se transformarem nos “melhores e mais brilhantes” de sua geração, capazes, sem dúvida, de liderar, mas não sábios o suficiente para saber aonde ir. Alguns deles iriam seguir a carreira médica e a estes eu manifestei minha esperança de que tivessem aprendido não apenas Química e Biologia, mas também o senso de reverência ante o milagre da vida e

a espantosa complexidade do corpo humano. Minha esperança de que tivessem, ainda, aprendido que alguns males não podem ser curados pelos diagnósticos brilhantes ou pelas máquinas mais sofisticadas, mas somente através do amor e da dedicação.

Sem humildade e reverência, poderiam acabar praticando em seres humanos um trabalho semelhante ao dos mecânicos, sem jamais curar alguém.

Outros fariam sucesso como executivos ou empresários e a estes avisei que a inteligência sem sensibilidade, a mente sem o coração, as informações e decisões racionais

dos computadores, tudo isto pode conduzir a decisões que trazem sofrimentos desnecessários a outras pessoas. Em certos momentos, a reverência pelo ser humano deve

ser muito mais importante que a atenção aos detalhes técnicos.

Em decorrência de termos visto até onde os líderes intelectualmente talentosos nos podem levar, e termos presenciado outras grandes e pequenas calamidades do século XX (desde a mais culta e desenvolvida nação européia chegar ao Holocausto até os mais criativos de nossos cientistas destruírem o ar que respiramos e a água que bebemos), aprendemos a não confiar na inteligência como guia de nossas vidas. Os ensinamentos de Sigmund Freud iluminam o raciocínio de todos nós neste século XX, lembrando-nos de que podemos considerar que estamos agindo baseados em razões lógicas mas, provavelmente, nossos atos decorrem de razões que não conseguimos entender.

O Eclesiastes dispôs-se a comprovar a veracidade do provérbio que ouvira durante toda a vida: '“O sábio tem olhos mas o tolo caminha na escuridão”'. Sua esperança era que fosse verdadeiro. Precisava ser reafirmado que é melhor ser sábio que ser tolo, é melhor ser ilustrado que ignorante. Necessitava convencer-se de que, depois de muito aprender, iria encontrar a chave da vida, enquanto o ignorante seria deixado a vagar sem rumo. Afinal, tornou-se sábio, pensador, culto e bom estudante.

Isto seria o bastante para evitar que sua vida fluísse inevitavelmente para a morte e o esquecimento? Ser sábio, em vez de ser tolo, faz realmente diferença?

Apreendeu apenas que o sábio, se realmente tem olhos para ver, enxerga somente a utilidade limitada de ser sábio. Talvez tenha visto, como vemos com tanta frequência, gente sábia fazendo coisas tolas. Pense nas implicações da palavra “racionalizar” -

ela significa fazer a coisa errada e depois inventar razões para justificar o erro. Não usamos nossa inteligência para fazer a escolha correta, mas para elaborar desculpas brilhantes por ter errado.

Talvez o Eclesiastes tenha visto gente brilhante usando a inteligência para não se comprometer emocionalmente, para analisar em lugar de se entregar 60

como os cientistas que preferiam pesquisar o E.T., a amá-lo. Se é verdade que o sábio caminha na luz e o tolo pela escuridão, não haverá coisas que se estragam quando expostas à luz? Não serão alguns dos prazeres da vida destinados apenas à fruição, sem análises nem entendimentos? Um cartoon clássico retrata uma adolescente irritada dizendo à sua mãe: “Pelo amor de Deus, quer fazer o favor de parar de me entender?”

Pode ser que o tolo caminhe na escuridão, mas metade de nossa vida é passada na escuridão, nas horas noturnas, e pode ser que tenhamos de aprender a passar parte de nossa vida como “tolos”, dedicando-nos a emoções que não somos capazes de entender totalmente e controlar, de forma a que possamos viver confortavelmente na escuridão.

Conheço gente que tem tanto medo de se abrir emocionalmente quanto outros têm medo do escuro. O amor, a alegria, a raiva assustam esta gente, porque a fazem perder o controle. Não admitem sentir raiva, nem manifestar amor, porque isto significaria a perda de controle sobre suas emoções e tal coisa os assusta. Têm dificuldades para lidar com emoções que não fazem sentido. (A velha fábula da Caixa de Pandora nos conta que esta mulher recebeu dos deuses uma caixa selada, com a ordem de nunca a abrir. Pandora fica naturalmente curiosa e abre a caixa, deixando escapar tudo quanto é espécie de demônios. Penso que a história não precisa ser interpretada como um relato da maneira pela qual as mulheres trazem problemas ao mundo. Não poderia ser uma parábola sobre os homens tentarem trancar e selar o lado emocional de sua personalidade, porque o

julgam perigoso, enquanto que as mulheres têm menos medo dele? Em grego, “Pandora” significa “muitas dádivas”) Há uma tradição, tanto no Judaísmo quanto no Cristianismo, a respeito do “tolo santo”, o homem simples, não educado, não sofisticado, que serve a Deus com espontaneidade

e entusiasmo, sem parar para pensar no que está fazendo. Sua dedicação é apreciada de maneira especial, porque não há barreiras intelectuais entre ele e seu Deus.

Uma das histórias mais queridas do Cristianismo medieval é a do Prestidigitador.

Cada um dos fiéis trazia uma dádiva para honrar a Virgem no seu dia. Havia presentes caros e refinados, tapeçarias tecidas a mão e coroas incrustadas de pedras preciosas. Um jovem pobre e simples não tinha presente a oferecer nem dinheiro para comprá-lo.

Mas sabia praticar o ilusionismo. E dançou e fez mágicas diante da imagem da Virgem, para horror dos bem-comportados espectadores, e, porque fazia tudo aquilo com

o coração, sua dádiva foi a que teve melhor receptividade.

Se temos que passar parte de nossas vidas caminhando na escuridão, vamos fazê-lo conscientes de todos os perigos por ela ocultos, ou vamos caminhar como “tolos”, compreendendo que não temos todas as respostas e que nem sempre é possível achar o caminho? Houve duas guerras mundiais neste século, e 61

incontáveis guerras menores; dezenas de milhões de pessoas morreram nelas. A maioria destas guerras foi planejada e executada por homens sensatos e inteligentes.

Não é de admirar, portanto, que, depois de cada guerra, nos desencantemos com a razão e a inteligência e com os caminhos pelos quais elas nos podem levar. Nos últimos

anos tem havido um recrudescimento do fundamentalismo e do extremismo, uma celebração do irracional, no Cristianismo, no Judaísmo e no Islamismo. Temos visto a aparição

de solidéus nas cabeças de rapazes israelitas em universidades e de véus nos rostos de moças estudantes no Oriente Médio. Embora o simbolismo de cada um deles seja muito diferente, ambos são demonstrações de repúdio pelo mundo moderno e seus valores, inclusive a crença de que a mente humana possa, sem o auxílio de Deus, descobrir

a verdade. Temos visto a proliferação, num grau nunca antes semelhante, de curandeiros e evangelistas na TV, e milhões de pessoas parecem prontas a aceitar sua mensagem:

são os “melhores e mais brilhantes” que caminham na escuridão e somente os irracionais, os “tolos de Deus”, têm olhos para ver.

Teria o Eclesiastes se desiludido com o que aprendeu a respeito da capacidade da mente de escolher um caminho para a vida? Ele não parece desistir de sua fé na razão.

Jamais se torna místico ou troca seu ceticismo por um fundamentalismo religioso. E, no final das contas, acaba escrevendo um livro sobre este assunto. Mas ele parece dizer: “Aprendi tudo. Fui até os limites da razão e não é o bastante. Preciso de mais. Preciso do tipo de verdade a que a razão não me pode conduzir, mas sou uma pessoa lógica, racional, e não sei onde a posso encontrar. Filósofos e doutores me falam da vida e da morte e, quando os escuto, tudo faz tanto sentido. Mas, se faz sentido, porque tenho ainda tanto medo de morrer e desaparecer? Podemos suspeitar de que a resposta para esta pergunta, se for um dia encontrada, não fará muito

sentido, pelo menos em nível racional.

Há muitos anos, quando eu era ainda um garoto, um parceiro comercial de meu pai morreu, em circunstâncias particularmente trágicas, e fui com meu pai ao funeral.

A viúva e os filhos estavam cercados de religiosos e psicólogos, que tentavam atenuar sua dor e fazer com que se sentissem melhor. Todos sabiam o que dizer, as palavras

certas, mas nada parecia funcionar. A família parecia ter chegado a um ponto de desespero além do consolo. A viúva repetia: “Vocês estão certos, eu sei que estão certos, mas não faz diferença alguma”. Então apareceu um homem, um velho

grandalhão de oitenta e poucos anos que era uma lenda viva na indústria de brinquedos. Havia fugido da Rússia, na juventude, depois de preso e torturado pela polícia secreta do Czar. Chegara aos Estados Unidos, analfabeto e sem um tostão, e construíra uma indústria extraordinariamente bem-sucedida. Era conhecido como um negociador duro, um competidor implacável. Apesar de seu sucesso, nunca aprendera a ler e a escrever.

Pagava empregados para lerem sua correspondência. Dizia-se, às suas costas, que era capaz de,

sem esforço, emitir cheques de um milhão de dólares - difícil era conseguir assiná-los. Estivera doente havia pouco e seu rosto e seu andar o comprovavam. Mas procurou

a viúva e chorou junto a ela, e o clima do velório começou a mudar. Aquele homem que nunca havia lido um livro em toda a sua vida, falava a linguagem do coração e possuía a chave capaz de abrir as portas do consolo, quando os sábios doutores e religiosos haviam falhado.

A mente humana é uma coisa fantástica, talvez a prova mais inquestionável do toque de Deus no processo evolutivo. Quando se pensa que o ser humano nasce mais fraco, mais indefeso e mais vulnerável que tantas outras criaturas, consegue-se entender que só pela aplicação de nossa inteligência ao mundo sobrevivemos. Enquanto os animais têm pêlos ou penas, aprendemos a tecer e a aquecer nossas casas. Enquanto outros animais desenvolvem poderosa musculatura, construímos máquinas. A mente humana criou os remédios e inventou o coração artificial para prolongar a vida.

Escreveu livros que nos inspiram e nos ensinam a compaixão. Mas tem seus limites.

Há perguntas, inclusive algumas das mais importantes, que ela é, provavelmente, incapaz de responder. Como disse Pascal: “O coração tem razões que a própria razão desconhece”.

Quando eu era seminarista, os estudantes se dividiam em duas correntes: os racionalistas, que consideravam as tradições com suas mentes, como coisas que podiam ser

compreendidas e explicadas, e os místicos, que encaravam as mesmas tradições com suas almas, como coisas que jamais poderiam ser compreendidas nem explicadas, apenas experimentadas. Eu era firmemente racionalista naquele tempo. Olhávamos os outros com desdém, como mistificadores medievais que nunca poderiam ser levados a sério num curso universitário. Eles nos consideravam meros propagadores de um legalismo seco, árido, que nunca ultrapassaria a altura de nossos próprios crânios, que podia iluminar a mente mas

nunca comprometer a alma. Nós, racionalistas, acreditávamos então que, se pudéssemos explicar a religião às pessoas e demonstrar que ela fazia sentido, seríamos capazes de convencê-las. Afinal, estaríamos lidando com gente inteligente e racional. Por que elas não iriam ouvir a voz da razão? Não compreendíamos

que aí é , como o amor, a lealdade, a esperança e muitas das dimensões mais importantes de nossas vidas, tinham raízes naquela região vasta, escura e irracional onde

a razão não penetra e onde o intelecto humano não se aventura.

Adlai Stevenson escreveu uma vez:

“O que um homem sabe aos cinqüenta anos enão sabia aos vinte é na sua quase totalidade, incomunicável. Todas as observações sobre a vida que podem ser facilmente transmitidas são tão bem conhecidas por um homem atento, aos vinte anos, quanto por um homem chegado aos cinqüenta. Aos vinte, ele as recebeu todas, ele as leu mas não as viveu.

63

O que temos aos cinqüenta, e não tínhamos aos vinte, não é o conhecimento de fórmulas ou de palavras, e sim o de gente, lugares, ações, um conhecimento que não se

adquire por palavras, mas pelo tato, pela vista, pelos sons, com vitórias, fracassos, insónia, devoção e amor - as experiências e emoções humanas desta vida, de si próprio e dos outros; e, talvez também, um pouco de fé e de reverência pelas coisas que não podemos ver”. (Citado por William Attwood em seu *Making Through Middle*

Age - “A Chegada à Meia-idade”).

Hoje, vinte e cinco anos mais idoso e mais sábio, cumpro a predição feita por Jung de que na meia-idade o homem retorna para preencher os espaços que deixou em branco enquanto crescia: descobro-me considerando as tradições místicas do Judaísmo, tanto quanto as racionais. Com freqüência procuro livros para os quais não tive paciência nos dias de estudante’. Aprendi a dar valor a costumes e rituais que “não fazem sentido”. Há um ciclo de luz e escuridão, de raciocínio e emoção em meu mundo interior,

da mesma forma que no mundo de fora. Às vezes, nossa missão na vida é gerar a luz onde há a escuridão, encontrar sentido nas coisas que acontecem ao redor de nós, descobrir conexões entre elas e explicá-las. Mas, outras vezes, a missão de nossa vida é aceitar a escuridão, as coisas que não podem e talvez não devam ser explicadas como parte do mundo em que vivemos.

No final do filme, o E.T. escapa dos altos sacerdotes da ciência e da razão que o perseguem e mergulha na escuridão a caminho de casa. No final de *Splash*, a sereia e seu amado humano fogem, da mesma forma, da polícia e dos cientistas e mergulham no mundo escuro do fundo do mar. E no final, nós também iremos um dia mergulhar na escuridão e, se tivermos aprendido a viver, a enfrentaremos de maneira nem sábia nem tola, mas com bravura e sem temor.

7. QUEM RECEIA TEMER A DEUS?

Sou capaz de imaginar o envelhecimento do Eclesiastes, desesperado diante do tempo que está prestes a terminar. Ele é honesto demais para reprimir ou negar o seu medo, e é dominado pelo sentimento de que logo chegará ao fim sem ter feito algo significativo em sua vida. É certo que foi rico e sua vida foi agradável mas tais coisas são tão transitórias! A riqueza pode desaparecer ainda em vida ou escapar das mãos no momento da morte. Os ricos podem ser desagradáveis, solitários, doentes.

Todos os momentos de prazer desaparecem assim que terminam. No final, ele sabe que terá de enfrentar sozinho a escuridão, sem riqueza nem prazeres que o protejam.

E se lhe for perguntado, por si próprio ou por outro qualquer: “O que fizeste de tua vida, com todas as vantagens e oportunidades que tiveste?” O que irá responder?

Que ganhou muito dinheiro, leu muitos livros, foi a muitas festas. A vida de uma pessoa deve ser mais que isto.

O Eclesiastes, a esta altura da vida, é um homem sábio e culto, educado o bastante para saber que, para a pergunta que o atormenta, não há resposta em toda sua sabedoria.

Um dia escreverá um livro para tentar respondê-la. Mas, antes de poder fazer isto, há ainda mais um caminho a pesquisar. Desesperado para fazer de sua vida algo que não seja apenas agradável e bem-sucedido, mas certo, num sentido permanente, ele se lança além dos limites do conhecimento e da compreensão, tentando alcançar a praia distante aonde a razão não o pode levar. Mais velho e frustrado a cada dia, o Eclesiastes, como tanta gente faz ao chegar à velhice, volta-se para a religião.

Dê agora em diante, não haverá mais dúvidas e questionamentos. O Eclesiastes

se devotará, de todo o coração, a servir a Deus e a fazer a Sua vontade.

Os humanos não vivem para sempre. Este fato, é claro, foi seu ponto de partida para toda a busca e também o rochedo onde suas esperanças naufragaram. Qual o sentido de ser rico ou sábio, se os ricos e os pobres, os sábios e os

tolos estão todos condenados à morte e ao esquecimento? Mas Deus é eterno. É para sempre. Se nos apegarmos ao Deus Eterno e devotarmos nossa vida a Seu serviço, não poderá ser essa a solução? Não será essa uma maneira de enganar a morte e evitar o sentimento de futilidade e inexorabilidade que torna sem sentido todos os nossos esforços? O Eclesiastes se dispõe a fazer as coisas que são eternamente certas e verdadeiras, na esperança de assim ganhar a eternidade.

Ele não chega a nos dizer por que isto não funciona. Talvez fosse individualista demais para se satisfazer com a perspectiva de morrer e desaparecer, apesar de ter servido a valores eternos. Talvez tenha encontrado hipocrisia e mesquinhez entre os religiosos e aprendido que os que parecem mais devotados, exteriormente, podem ser podres por dentro, e tenha chegado a duvidar se a devoção realmente valia a pena. Em certo momento (8:10), ele escreve a respeito de ter visto patifes recebendo enterros honrosos à sombra do Templo, enquanto gente humilde e virtuosa era esquecida e desprezada. Talvez estivesse velho demais para modificar os hábitos críticos,

céticos de toda uma vida. Seja qual for a razão, logo o vemos dizer: “Não se torne ansioso demais por ir à Casa de Deus” (4 _ 17). “Não aja com excessiva bondade ou sabedoria, pois você pode se confundir. Não exagere na maldade ou na tolice, pois você pode morrer antes que a hora tenha chegado. É melhor você se apegar a uma sem deixar que a outra se vá” (7:16-18). Em outras palavras, permita que sua vida seja uma mistura de devoção e pecado - tudo de forma moderada! A devoção, por si só, aparentemente não é a resposta.

Sentir-se abandonado por Deus é uma coisa devastadora. Seja qual for a sua concepção de Deus. sejam quais forem os nomes que você Lhe dê, basear sua vida em certos

pressupostos e vê-los ruir sob seus pés é uma experiência aterradora. Faz com que você sinta não apenas que sua teologia está errada, mas que tudo no mundo está errado. Tire Deus da vida, deixe que as circunstâncias lhe forcem a admitir que os pressupostos fundamentais são falsos e o mundo todo parece perder o

sentido. Isto me faz pensar nos intelectuais idealistas das décadas de 20 e 30, que se entregaram de corpo e alma ao Partido Comunista, tentando durante anos ignorar sua crueldade e hipocrisia. Quando, finalmente, tiveram que enfrentar a verdade a respeito da causa pela qual haviam trabalhado tanto, a experiência foi mais que uma desilusão ou uma revelação. Foi a destruição da base moral de suas vidas. (Há até um livro sobre a desilusão dos ex-comunistas chamado *The God That Failed* - “O Deus que Não Deu Certo”). No romance “A Peste”, de Camus, o sacerdote Paneloux diz, repetidas vezes, à sua congregação que a peste bubônica que assola a cidade é o resultado

do julgamento de seus pecados por Deus e que, em última análise, Deus sempre sabe o que é melhor. Quando uma criança inocente morre, depois de longa agonia, o próprio Paneloux adoece e, quase imediatamente morre. Suspeita-se que sua morte não se

tanto à peste, mas à experiência de que todos os princípios a que havia devotado a vida se mostram falsos. Sem aquele apoio, como poderia viver? Seu Deus o abandonara.

O Deus do Eclesiastes também o abandonou. Ele se voltara para Deus à procura de segurança, serenidade, liberdade do medo e da dúvida. Não foi, provavelmente, culpa sua se não achou o que procurava e necessitava na religião e, certamente, não foi culpa de Deus. Se ele se voltou para a religião pelas razões erradas. A culpa, se é que houve alguma, pode ter sido da natureza da religião, tal como era entendida naquela época.

Não existe na Bíblia uma palavra que corresponda à religião D conceito é abstrato demais. A expressão mais próxima de uma tradução aceitável é “temor a Deus”. O

que significam, para você, estas palavras? A imagem de uma autoridade poderosa, que vive no Céu e nos ordena Sua vontade, pronta a nos esmagar se a desobedecermos?

Ou a de um Deus que conhece seus pensamentos e ações mais secretos e o punirá se você agir errado? (“Deixe que o temor a Deus penetre em você”)? Se for assim, você é como inúmeras pessoas, de hoje ou de todas as épocas, cuja compreensão da religião se tem baseado no medo da punição, a religião se transforma numa questão de obedecer ao comando de Deus e ser recompensado

ou de desobedecer e ser punido. Era assim, que a maioria das pessoas, no tempo do Eclesiastes, entendia a religião (“Se obedeceres, às Minhas leis e fielmente seguires Meus mandamentos, dar-te-ei chuva na sua estação... comerás tua cota de pão e viverás em segurança em tuas terras... Mas, se Me desobedeceres e não seguires Meus mandamentos. .. mandarei sobre ti a miséria, a desgraça e a febre. Tua plantação não te trará proveito, porque

teus inimigos comerão os seus frutos”, Levítico: 26.) e foi por isto que o Eclesiastes não encontrou a satisfação quando tentou fazer da religião o centro de sua

vida. É possível que ele estivesse tão à frente de seus tempos a ponto de perceber que uma vida de obediência baseada no medo não era o que procurava.

Para apresentar o ponto filosófico mais importante deste capítulo, tenho que recorrer a uma história pessoal. Em 1961, eu era um capelão do Exército americano, alocado

em Fort Sill, no estado de Oklahoma. Viajei até Nova York, para uma conferência, e estava voltando a Oklahoma, com uma troca de aviões em Chicago. O vôo de Nova York atrasou; acabei perdendo o câmbio em Chicago e tive que esperar várias horas pelo próximo vôo. Estava no final do livro que trouxera comigo e unha pela frente uma espera de duas horas e um vôo de mais duas horas. Robert Louis Stevenson uma vez definiu um intelectual como um sujeito capaz de esperar uma hora por um trem, sem ter nada para ler, e não se sentir entediado. Acho que isto me desqualifica da classe dos intelectuais. Precisava de um livro para preencher aquelas horas.

Dei uma olhada na banca de

livros do aeroporto O'Hare. Praticamente o único livro que não tinha uma mulher seminua na capa era um chamado "O Julgamento Moral da Criança", de Jean Piaget.

Nunca

tinha ouvido falar dele ou de seu livro, mas em lugar de embarcar no avião com minhas insígnias de capelão e um romance erótico debaixo do braço, decidi comprá-lo.

O livro e suas idéias acabaram se transformando numa das forças que reformularam minha vida e meus pensamentos - e às vezes me pergunto até que ponto minha vida não seria diferente se o avião tivesse decolado do aeroporto de La Guardiã na hora, em vez de quarenta minutos mais tarde, naquele dia.

Jean Piaget foi um psicólogo suíço, fascinado pela questão do desenvolvimento mental da criança. Em que idade ela começa a entender conceitos como "meu" e "teu"?

Que tipo de compreensão tem ela de tempo e espaço, verdade e faz-de-conta, ao longo das diferentes idades? Sua pesquisa provocou prateleiras de livros sobre o processo do pensamento infantil.

"O Julgamento Moral da Criança" trata da concepção infantil do certo e do errado, do que é permitido e do que é proibido. Piaget tinha um método desconcertante de pesquisa. Costumava sair pelas ruas de Genebra, aproximar-se de crianças que brincavam com bolas de gude e perguntar três coisas: - Que idade você tem?

- Como é que você joga bola de gude?

- Como é que você sabe que esta é a maneira certa de jogar?

O que descobriu com isto foi a atitude das crianças de diferentes idades, a respeito de regras de qualquer espécie, da autoridade religiosa e secular, da seriedade

da transgressão às regras e como praticá-las. Piaget descobriu que há três estágios na evolução do sentimento de autoridade da criança.

As mais novas vêem as regras de um jogo e, por extensão, todas as regras que conhecem, como expressão de uma autoridade maior, inquestionável. É assim que se joga e se comporta, e nunca lhes ocorre fazer as coisas de maneira diferente. Piaget perguntava a estas crianças mais novas: “Por que é que você tem de fazer assim? E

se você jogasse de algum outro jeito?” As crianças olhavam sem compreender e respondiam: “Mas não seria certo. Se fizesse assim, não seria mais um jogo de gude”.

Regras são regras e é através de sua aceitação e da obediência a elas que se faz parte do sistema.

A medida que crescem e se aproximam da adolescência descobriu Piaget - as crianças começam a questionar estas regras e, na realidade, a questionar qualquer tipo

de autoridade. Não precisam ser induzidas pela pergunta de um adulto. Elas próprias se perguntam: “Quem é que diz que tem de ser assim? O jogo é nosso; por que não fazemos as regras que queremos?” Tipicamente, as 68

crianças atravessam então uma fase irresponsável, inventando mais regras bobas, fazendo com que o jogo se torne tão fácil que perde seu encanto ou tão difícil de forma a tornar-se impossível de jogar, até chegarem à conclusão de que têm poder para estabelecer e mudar as regras, mas estas têm de ser inventadas de forma a fazer com que o jogo seja justo e razoável, porque, caso contrário, ele não terá a menor graça.

Neste momento, diz Piaget, elas estão na fronteira da maturidade. Compreendem que as regras não vêm “de cima”. As regras são feitas por gente como elas, testadas e aperfeiçoadas ao longo do tempo, e podem ser modificadas por gente como elas. Ser “bom” não significa apenas obedecer às regras. Passa a significar a participação na responsabilidade de avaliar e estabelecer regras que sejam justas para todos, de forma a que possamos gostar de viver numa sociedade justa e igualitária.

Piaget sugere que estes comportamentos em relação ao jogo de gude sejam um

paradigma de nossas atitudes a respeito de todas as regras e toda a autoridade.

Quando

somos jovens e fracos, visualizamos a fonte das regras como onipotentes e oniscientes. Demonstramos nossa apreciação pela orientação através de aceitação e obediência

às regras. Uma criança “boa” não é necessariamente uma criança generosa ou moralmente sensível, mas sim dócil e obediente. Nesta fase, temos dificuldade para aceitar

a idéia de que outros povos, outras culturas, outras religiões tenham regras diferentes das nossas. Se estamos certos e eles são diferentes, então devem estar errados.

Nós somos a norma; eles são “estranhos” ou exóticos se comem de maneira diferente, se se vestem ou rezam de forma diversa da nossa. Usar argolas nas orelhas é normal usá-las no nariz é bizarro.

As crianças chegam à adolescência e de repente se desinteressam por serem julgadas “boas”. A obediência, que traz consigo a aprovação dos pais, deixa de ser o valor mais alto. Como as crianças do segundo estágio de Piaget, que faziam bobagens com seu jogo de gude até descobrirem que isto, na verdade, não tinha graça, os adolescentes

também fazem muitas bobagens, às vezes machucando a si próprios ou aos outros, no processo de bravatear até que ponto são independentes das regras. Como sabe qualquer pessoa que tenha educado um adolescente, sua tendência é a de rejeitar bons conselhos, em lugar de dar ouvidos a pais e outras figuras de autoridade. Esta é sua idéia de “liberdade”.

Finalmente, se tiverem sorte, os adolescentes crescem e se transformam em adultos responsáveis, homens e mulheres cuja noção de “bom” terá mais significado que a obediência. Ser “bom” corresponde a avaliar e ajustar as regras, usando o próprio poder no interesse da justiça.

Li todo o livro de Piaget a bordo do avião, naquela noite, e o reli 69

quando cheguei em casa. Compreendi que ele não pretendia apenas descrever o

crescimento moral da alma humana. Estava nos dando, talvez até involuntariamente, um guia

para o entendimento da história - e talvez mesmo do desenvolvimento futuro - dos dois grandes centros de autoridade em nossa sociedade: a política e a religião.

A história dos governos humanos não se parece com o esquema elaborado por Piaget para uma criança jogando gude? No início, havia regentes absolutos e súditos obedientes.

Os monarcas detinham todo o poder, elaborando e fazendo cumprir as leis, decretando e cobrando impostos que quisessem. A lealdade ao regente, a obediência às leis, o serviço militar e o pagamento de impostos sem reclamações eram as únicas virtudes cívicas verdadeiras. As pessoas obedeciam ao rei, geralmente não porque o amassem - e como poderiam, se mal o conheciam? - ou porque acreditassem que sua vontade era o melhor para elas, mas sim porque temiam o seu poder.

Houve então revoluções contra o poder absoluto dos monarcas, muitas vezes seguidas de períodos de caos e excessos, com muitas vítimas inocentes sofrendo a aplicação sumária e arbitrária do que se julgava a justiça, correspondendo ao segundo estágio de Piaget, o da adolescência. Este caos revolucionário deu origem à democracia, a idéia de que todas as pessoas devem estar envolvidas na elaboração das leis, para que estas possam refletir a vontade e a sabedoria da coletividade. Os governantes passaram a ter poder apenas por escolha e com o consentimento da população como um todo.

E como foi a história da religião e quais as maneiras pelas quais concebemos Deus ao longo de todas as gerações? De início Deus era apresentado como um monarca absoluto,

um Rei dos Reis. Ele nos dizia como viver e demonstrávamos pela obediência que éramos pessoas boas, vivendo de acordo com Sua palavra. Ele nos recompensava pela obediência cega e nos punia se fôssemos servos infiéis. Toda comunidade tinha seus especialistas e líderes religiosos, pessoas que falavam por Deus e conheciam Sua vontade, e os fiéis se sentiam obrigados -a obedecer a estas pessoas. Deus e seus representantes humanos nunca precisavam, dar explicações. Decretavam apenas, e os povos obedeciam.

Mais tarde, mais ou menos ao mesmo tempo em que se começou a questionar o direito divino dos reis e a pleitear ter voz ativa no governo, as pessoas passaram a discutir

também o direito divino de Deus, por assim dizer. E, então, a Bíblia foi encarada como um inspirado documento escrito por mãos humanas, não mais ditado por Deus.

Viram que certas leis e costumes resultavam das circunstâncias culturais e econômicas das pessoas que as haviam criado e não emanavam diretamente da mente de Deus.

Deixaram de considerar-se, então,

como “servos fiéis”. Desejaram ser filhos de Deus, crescidos e amadurecidos.

Paralelamente à emergência da democracia política na Europa e na América, as pessoas exigiram que lhes fosse assegurado o direito de “voto” em questões morais e de fé.

Sempre me fascinou o impacto que o ambiente americano teve sobre as tradições religiosas protestantes, católicas e judaicas trazidas pelos imigrantes europeus.

Estruturas

religiosas autoritárias foram forçadas a ceder ao credo americano - “este é um país livre e ninguém pode me dizer o que fazer”. Igrejas que davam ênfase ao controle local, “democrático” - batistas, coringonistas e unitárias - prosperaram mais que as igrejas centralizadas, controladas hierarquicamente, que tinham tanto poder na Europa. Os católicos americanos se sentem livres para transgredir as normas dos líderes de sua Igreja e continuam se considerando bons e leais católicos.

Os judeus abandonaram a ortodoxia em favor das vozes menos exigentes da Reforma, ou então reagiram aos ensinamentos conservadores com a opinião de que a religião é formada pelas pessoas e não imposta pelos líderes. Como os jogadores de gude das calçadas da Genebra de Piaget, as comunidades religiosas evoluíram do estágio de crianças dóceis e obedientes para uma fase adolescente de rejeição, rebelião e, finalmente, para uma comunidade de adultos livres, exigindo participação no estabelecimento

das regras que regem suas vidas.

Piaget não mostrou um leque de opções com padrões alternativos de comportamento moral. Os estágios superiores representam um comportamento melhor, com mais moralidade

que os outros, da mesma forma que um adulto é mais desenvolvido, mais maduro que uma criança. Por mais encantadora que seja uma criança, há qualquer coisa incompleta nela. Nesse sentido, a democracia e a divisão do

poder não são apenas uma questão de gosto dos americanos, como o baseball e o cheeseburger. Representam uma forma de organização social mais elevada, mais completa, mais moral que a ditadura. Os padrões de vida do outro lado da Cortina de Ferro, por exemplo, onde tudo é controlado

pelo Governo e as pessoas vivem sob medo constante das autoridades, são objetivamente menos morais, porque representam um estágio de desenvolvimento menos maduro,

mais infantil. Os estágios anteriores podem ser apropriados a uma criança, da mesma forma que é normal ela querer viver com seus pais e ter quem tome decisões por si. Mas há algo errado com uma pessoa que não ultrapasse estas idéias e padrões infantis à medida 'que sua idade vai aumentando.

É aqui que Piaget tem o que nos ensinar, não apenas sobre a mente infantil, mas também a respeito do futuro da religião e da procura por uma vida boa. Aprendemos com ele que a obediência não é necessariamente a mais alta virtude religiosa. Uma religião que defina a moralidade como a obediência a seus preceitos pode ser adequada

a crianças e pessoas imaturas e pode ter sido adequada 71

para a Humanidade como um todo, quando a civilização era ainda imatura. A Bíblia pode falar em termos como "assim é a vontade do Senhor"; pode prometer recompensa para os fiéis e punição para os perversos, porque foi dirigida a pessoas nos estágios iniciais de seu desenvolvimento moral. A Bíblia pode bem ser a palavra de Deus,

mas pode não ser Sua palavra final, não porque Sua capacidade de se expressar tenha limites, mas porque a capacidade das pessoas para O entender era limitada. Uma religião que insistisse em julgar "bom" o "obediente sem questionamentos" seria uma religião que nos transformaria em eternas crianças.

Conheço pessoas que são profundamente sérias a respeito de sua religião, cujo compromisso religioso é a força mais poderosa de suas vidas, e que, apesar disto, me fazem especular se tanta religião lhes faz bem. Em alguns casos, há uma obsessão frenética em relação ao pecado, um medo permanente de ter descumprido inconscientemente

alguma regra, de ter feito alguma coisa errada e ofendido a Deus, perdendo

assim o amor de seu Pai Celestial. Em outros, uma atitude de que “agora Deus vai ver como sou bom e devotado e talvez Ele, finalmente, venha a me amar”. Conheço judeus que passam o sábado, não em serenidade e retiro espiritual, mas em preocupação constante e medo de estarem fazendo alguma coisa proibida, até que o dia se transforma num sacrifício semanal a enfrentar. Conheço cristãos que não podem ver um anúncio comercial

na televisão sem temer algum pensamento sensual sobre os modelos, ou que têm medo de cair no pecado da soberba cada vez que alguém os elogia como exemplos para a comunidade. Qualquer ação é realizada com o espírito de “agora Deus vai ver como sou bom e finalmente vai me amar”. Não posso deixar de sentir que há alguma coisa incompleta nesta atitude e que sua interpretação da religião está, de algum jeito, impedindo que eles cresçam.

Há uma parte de nós que quer continuar a ser criança. Quando Peter Pan diz em sua canção que não quer crescer e assumir as responsabilidades de adulto, as crianças na platéia que mal podem esperar pelo próximo aniversário acham estranho mas os adultos entendem perfeitamente. (É claro que foi um adulto que escreveu a história e foi outro adulto que compôs a música.) Há uma parte de nós, especialmente em momentos de tensão, que quer ser acariciada e protegida, que quer ouvir: “Não se preocupe

com coisa alguma. Eu tomo conta de tudo para você”. Quantas vezes já vi pacientes em hospitais, homens que podem ser altos executivos, mulheres cujos dias normais são uma longa parada de decisões e responsabilidades, reverterem a uma atitude quase infantil, pedindo: “Tomem conta de mim”. Há uma parte de nós desejosa de que alguma outra pessoa tome nosso lugar e faça as coisas difíceis que temos que realizar, aliviando-nos da responsabilidade. Houve um monge medieval espanhol que escreveu

em seu diário: “Tenho confiança em que, depois da morte, irei para o paraíso, porque

nunca tomei uma decisão por mim mesmo. Sempre segui as ordens dos superiores e, se algum dia errei, o pecado é deles, não meu”.

Na mesma linha, o psicólogo Erich Fromm, após fugir da Alemanha nazista e se refugiar nos Estados Unidos, tentou compreender como um povo educado, culto como o alemão,

pôde permitir que um homem como Hitler assumisse o poder. Ele sugere uma resposta em seu livro *Escape from Freedom* (“Medo à Liberdade”). Às vezes - diz - os problemas da vida se tornam tão avassaladores que perdemos a esperança de poder resolvê-los.

Se chegar alguém e disser, com voz alta e confiante, “siga-me sem fazer perguntas, faça tudo que eu mandar e tirarei você dessa situação”, muitos de nós seremos tentados a aceitar. Quando a vida fica difícil, queremos ouvir de alguém: “Não preocupe

sua cabeça com isto. Deixe que eu o faço por você e tudo que quero em troca é sua gratidão e sua total obediência”.

O desejo de que alguém tome nosso lugar e assuma o comando quando a vida se torna muito complicada, significa a criança dentro de nós, falando através de nossos corpos adultos. Quando a religião nos mima, atendendo a este desejo e quando os líderes religiosos nos mantêm em submissão infantil e dependência, dizendo-nos o que fazer e pedindo em troca nossa gratidão e obediência, não estão nos prestando um serviço. Foi neste ponto que a religião da época do Eclesiastes o traiu. A religião

autêntica não deve nos atender quando dizemos: “Isto é difícil demais. Diga-me o que fazer para que eu não tenha que descobrir por mim mesmo”. Ela nos deve estimular a crescer, a abandonar os padrões infantis, mesmo que desejemos continuar a ser espiritualmente crianças. A religião nos deve, até mesmo, encorajar a desafiar criticamente

suas próprias posições, não por uma impaciência adolescente para com nossos limites, mas com base em nossa consciência informada e adulta. (“Encorajar” é

uma excelente

palavra! A religião não deve ficar numa posição que nos permita receber respostas.

Deve nos dar coragem para que encontremos nosso próprio caminho.) Meu trabalho como rabino seria muito mais fácil se eu pudesse esperar que as pessoas me obedecessem e fizessem tudo aquilo que recomendo que devem fazer, da mesma forma que meu trabalho de professor seria mais fácil se os estudantes anotassem e decorassem tudo que lhes digo sem nada questionar. Mas, em ambas as hipóteses, eu estaria furtando pessoas que me procuram para aprender alguma coisa. As pessoas são mais como plantas, que têm de ser nutridas, do que como vasos vazios, a encher com as sobras de minha sabedoria. Podemos pedir a crianças que sejam obedientes.

“Não brinque com isto” é mais apropriado que um longo sermão sobre os perigos de uma caixa de fósforos ou as conseqüências de quebrar uma antigüidade qualquer. Mas temos que parar de

tratar adultos como se fossem crianças em nome da religião. Fundamentalmente, a moralidade tem que significar mais que a mera obediência.

O temor a Deus bem pode ser o começo, da sabedoria ou a pedra angular do bem-viver, como diz repetidas vezes a Bíblia. Mas o “temor a Deus” não significa ter medo de Deus. O “temor a Deus” não implica medo, no sentido em que usamos hoje estas palavras, mas sim em admiração e reverência. O medo é uma emoção negativa, constrangedora.

Faz com que fuçamos do que o causa, ou tentemos destruí-lo. Faz com que nos sintamos com raiva e ressentidos com a pessoa ou a coisa que nos assusta, ou de nós mesmos,

pela fraqueza que nos deixa vulneráveis. Obedecer a Deus por medo é servi-Lo de má vontade e com apenas uma parte de nós mesmos.

Mas a reverência é diferente. O sentimento é, em alguns aspectos, semelhante ao do medo. Experimentamos um sentimento de pequenez, ao nos confrontarmos com alguém ou alguma coisa muito mais poderosa que nós. Mas é um sentimento positivo, um sentimento de expansão. Enquanto o medo faz com que tenhamos vontade de fugir, a reverência

nos faz querer chegar mais perto, ainda que hesitemos em nos aproximar demais. Em lugar de sentirmos ressentimento por nossa fraqueza, sentimo-nos deslumbrados diante de alguma coisa maior que nós. Chegar à beira de um precipício e olhar para baixo dá medo e o único sentimento é o de escapar da situação. tão rápida e seguramente quanto possível. Ficar de pé em segurança no alto de uma montanha e olhar à nossa volta e sentir reverência. Poderemos ficar ali para sempre.

O Eclesiastes, ao final de sua fase religiosa, bem pode ter dito a Deus: “Que mais o Senhor quer de mim? Humilhei-me, dediquei ao Senhor a mais cega obediência, fiz tudo que o Senhor mandou. Por que, então, o Senhor me nega o sentimento da inteireza, aquela promessa de eternidade que estive procurando? E Deus bem pode ter respondido: “Que prazer você acha que Eu posso obter com sua humilhação? Você acha que Eu sou tão inseguro que preciso vê-lo rebaixado

para me sentir grandioso?

Eu gostaria que as pessoas parassem de repetir o que disse à espécie humana em sua infância e ouvissem o que lhes digo hoje. Das crianças, e das crianças em espírito, espero a obediência. Mas, vinda de você, a “obediência cega” é só um outro nome para o fracasso em agir como adulto e assumir a responsabilidade pela própria vida.

Quer se sentir íntegro e completo? Quer sentir que finalmente aprendeu a viver?

Então pare de dizer que “só fiz o que o Senhor me mandou” e comece a dizer: “Quer o Senhor goste ou não, pensei muito e é isto que considero certo”.

A verdadeira religião não nos deve dizer: “Obedeça! Conforme-se! Reproduza o passado!” Ela deve nos estimular a crescer, a ousar, até mesmo a 74

escolher errado, às vezes, e a aprender com os erros, em lugar de nos proteger, a toda hora, do risco de usar a própria mente. Para os religiosos adultos e responsáveis, Deus não é a autoridade que diz o que deve ser feito. Deus é o poder divino que os estimula a crescer, a se expandir, a ousar. Quando fala a estas pessoas, Deus não diz, como a uma criança: “Estarei tomando conta de ti para que não faças nada de errado”. Em lugar disto, diz: “Vai adiante, para o desconhecido, onde nunca estiveste antes, esforça-te para encontrar teu caminho mas, aconteça o que acontecer, saberás que estou contigo”. Como um pai que se orgulha genuinamente quando um filho consegue um sucesso inteiramente sozinho, Deus é maduro o bastante para ter prazer em nos ver crescer, e não em nos manter na Sua dependência.

A religião verdadeira não quer pessoas obedientes. Quer gente autêntica, íntegra. O

que é integridade? A palavra “integral” significa total, inteiro, não dividido.

Viver com integridade significa descobrir quem você é e ser a mesma pessoa o tempo todo. A religião não espera que sejamos perfeitos. Isto não seria apenas impossível, além de destinado a nos condenar a inevitável fracasso. Seria quase anti-religioso.

Se fôssemos perfeitos, nada poderíamos aprender (porque isto implicaria uma falha anterior). Nunca poderíamos crescer ou mudar. Não precisaríamos de

religião e, em nossa perfeição, seríamos tão grandes quanto Deus. Mas a religião pode esperar que sejamos íntegros, não sem defeitos mas de maneira permanente. Os jovens têm uma gíria para expressar isto: falam que uma pessoa é inteira quando querem dizer que ela sabe quem é e o que faz. (Um pensamento: quando falamos de um Deus, será que não estamos fazendo nada mais que um recenseamento de todos os seres divinos?)

Não estaremos talvez dizendo que Deus é “inteiro”, que é um símbolo de constância e integridade invariável? Talvez não possamos ser tão poderosos, tão sábios ou tão bons quanto Deus, mas podemos nos esforçar para sermos tão íntegros quanto Ele.) A autêntica religião não nos desafia a nos tornarmos perfeitos, mas a sermos íntegros e, a qualquer momento, sermos nós mesmos.

Como pai de um adolescente e professor de vários outros, sei como eles estão propensos à denúncia da hipocrisia de seus pais ou de seus líderes religiosos e políticos.

Um dos nomes mais ofensivos que dedicam às pessoas é “fajuto” uma pessoa que diz coisas em que não acredita ou recomenda certas atitudes mas age em desacordo com elas. Não estou me dispondo a defender a hipocrisia, mas vivo me perguntando por que os jovens se indignam muito mais com ela do que com outros desvios igualmente sérios (como a crueldade contra os mais fracos ou o furto por exemplo). Creio que é porque a hipocrisia e a integridade são questões muito importantes para eles em seus anos de formação. A adolescência é uma fase tão instável! Os jovens podem ser estudiosos e respeitosos num momento e, no instante seguinte, impacientes e irreverentes. São capazes de imenso

idealismo de tarde, quando estão visitando um hospital ou participando de uma campanha contra a fome do mundo, e, à noitinha, namorando, são incrivelmente egoístas e egocêntricos. O adolescente está, por definição, em meio a um processo de descobrir quem ele é e sente muito desconforto por ser tão mutável. Posso imaginar que,

para conseguir sobreviver, ele seja forçado a acreditar que, dentro de alguns anos, o assunto estará resolvido e sua forma definitiva, encontrada. Aos quinze anos, diz ele a si próprio, posso ser confuso e incoerente, mas aos vinte serei sempre a mesma pessoa, o dia inteiro e todos os dias. E por isto que ele se sente tão incomodado

por ver que mesmo as pessoas mais velhas, respeitadas, não conseguem atingir o estágio da integridade. E é por isto que uma das metas de uma pessoa completamente realizada é o desenvolvimento deste sentimento de integridade.

A religião não é um pai obsessivo nem um boletim escolar que registra nossos êxitos e fracassos e que nos atribui uma nota por nosso desempenho. A religião é uma chama que nos refina, nos ajuda a eliminar tudo que não faz parte de nós mesmos, tudo que distorce, dilui ou compromete a pessoa que realmente queremos ser, até que nosso ser mais autêntico esteja livre de todas as impurezas. As primeiras palavras de Deus a Abraão - “Vai para fora de tuas terras, do lugar em que nasceste, da casa de teu pai, até as terras que vou te mostrar” - podem ser entendidas assim: “Segue-me e obedece-me sem hesitação”. Mas também podem significar: “Deixa para trás todas as influências que te impedem de ser a pessoa que és capaz de ser, para que o verdadeiro Abraão possa surgir”.

O que é uma pessoa íntegra? Há uma palavra ídiche, totalmente intraduzível, mas que a descreve com perfeição: mensch. Ser um mensch é ser o tipo de pessoa que Deus tinha em mente quando planejou a evolução da espécie humana, alguém honesto, confiável, sábio bastante para não ser mais ingênuo, mas não tanto que se torne cínico,

uma pessoa em quem se pode confiar que vai aconselhar para o benefício alheio, em detrimento do próprio.

Um mensch não age por medo ou pelo desejo de impressionar bem, e sim por uma forte convicção interior de quem ele é e do que significa. Um mensch não é um santo nem uma pessoa perfeita, mas só um ser do qual toda a falsidade, todo o egoísmo e toda a mesquinhez foram destilados, de forma a só deixar a identidade pura. Um mensch é íntegro e uno com seu Deus.

Conheci pessoas íntegras e a impressão que elas deixam é memorável. Há nelas uma confiança calma, um sentimento de tranquilidade que aparece ao final do processo de identificar você e o que você representa. Ao contrário dos religiosos ansiosos, que se consomem no medo de fazerem alguma coisa errada e ofenderem a Deus, os homens e mulheres íntegros se preocupam em viver de 76

acordo com seus próprios altos padrões, não com agrados ou ofensas a Deus. Contudo, na sua presença, a gente sente que Deus tem boas razões para se dar por satisfeito.

O padre Robert F. Drinan recebeu meu voto para o Congresso durante muitos anos. Era um porta-voz articulado da compaixão e do liberalismo. Por ter sido um padre católico e reitor de uma faculdade antes de se eleger, sua voz era sempre ouvida quando o assunto versava sobre questões morais e éticas, e ele parecia adorar as oportunidades que tinha de dar forma às leis e à vida americanas. Mas quando chegou a ordem de Roma que proibia aos padres o exercício de funções políticas, Robert Drinan saiu da cena política, ao final de seu mandato, e não disputou a reeleição.

Um repórter lhe perguntou se ele não tinha pensado em desobedecer a ordem e ele respondeu: “Não, não! Eu nunca poderia fazer isto”. Muita gente pensou que ele estava simplesmente seguindo seus votos de obediência aos superiores. Que o que ele queria dizer era que não podia mais pensar por si mesmo, uma vez dada a ordem. Mas acho que entendi o que ele quis dizer. Foi apenas que ele sabia quem era. Ser um padre jesuíta era a essência de sua identidade; qualquer outra coisa, por mais gratificante ou agradável que fosse, era secundária. Ele não podia fazer nada que traisse ou entrasse em conflito com aquela essência. Se tentasse ser às vezes um jesuíta e às vezes um congressista, perderia aquele sentimento de integridade, de ser a mesma pessoa o tempo todo e que era o segredo de sua força. Como numa fotografia ligeiramente fora de foco, haveria duas imagens dele, justapostas, mas separadas

o suficiente entre si, para que não mais conseguíssemos ver com clareza a

imagem da pessoa.

Com esta percepção, começamos a deixar a última pergunta do Eclesiastes para chegarmos ao começo da resposta. O Eclesiastes procurou a religião para se tornar íntegro,

para encontrar apoio em sua busca de uma vida de significado duradouro. Mas a religião de sua época, porque exigia a obediência e não a autenticidade, oferecendo mais o medo que a reverência, não o soube tornar íntegro. Podia fazê-lo “bom”, no sentido de obediente, mas não era isto que ele procurava. Ele precisava de mais do que isto de Deus e, porque não desistiu da procura, acabou encontrando o que queria.

8. VAI E COME TEU PÃO COM ALEGRIA

Você deve estar lembrado da antiga história judaica contada no Capítulo 2, a respeito do homem perdido na floresta que, ao pedir auxílio a outro caminhante, ouviu a resposta: “Também estou perdido. Mas podemos nos ajudar. Cada qual indicará

os caminhos que já tentou e não deram certo. Isto nos ajudará a encontrar o rumo correto”.

Foi ali que começamos. Acompanhamos o Eclesiastes ao longo de cinco longos caminhos, todos eles sem saída: egoísmo, renúncia aos prazeres carnis, sabedoria, negação

dos sentimentos, para evitar a dor, e devoção e entrega religiosas. O homem sábio que escreveu o Livro do Eclesiastes começou por nos contar suas decepções. Nem a riqueza, nem a sabedoria e nem a devoção lhe deram a satisfação de saber que sua vida teria um significado, antes ou depois da morte. Mas ele não escreveu seu livro apenas para dividir conosco sua frustração, e ele não foi incluído na Bíblia a fim de nos convencer de que a vida, na verdade, não tem sentido. Ao final, o Eclesiastes tem uma resposta e é com estas palavras que ele a transmite: “Vai e come teu pão com alegria, bebe teu vinho com o coração alegre, pois tuas ações já foram há muito aprovadas por Deus. Em todos os tempos sejam limpas as tuas roupas e nunca falte o óleo sobre tua cabeça. Goza a vida com a mulher que amas durante teus passageiros dias da vida que te foi dada sob o Sol. Tudo que possas fazer, faze com todas as forças. Pois não há ação, não há aprendizado, não há sabedoria na cova a que te destinaste.” (9:7 - 10) É uma resposta estranha, não é a que esperamos dele. Terá desistido? Estará reduzido a-nos dizer “Come, bebe, alegra-te, pois quem sabe o tempo de vida que te resta?

Vai e te diverte, já que nada é eterno e, seja como for, nada 78

importa”? Não acredito. “Vai e come teu pão com alegria, bebe teu vinho com o

coração alegre” pode parecer o mesmo que “come, bebe, alegra-te”, mas, dito pelo Eclesiastes,

desconfio que a frase tenha um significado muito diferente. Desconfio que ele nos esteja dizendo alguma coisa assim: examinei todos os aspectos e cheguei à conclusão de que nada é eterno e nada importa. Tudo é vaidade. Os seres humanos nascem e morrem, como as flores ou os insetos, e isto é tudo. A análise me leva a concluir que a vida não tem significado. Mas há algo dentro de mim que não me permite aceitar esta conclusão. Minha mente me leva a concluir que as evidências da falta de sentido da vida são avassaladoras: injustiça, doença, sofrimento e morte súbita, criminosos impunes enquanto gente boa morre na vergonha e na miséria. Minha mente me ordena que desista da busca por um significado, porque não há significado algum.

Toda minha experiência me conduz nesta direção. Mas alguma coisa mais profunda, dentro de mim, se agiganta e subjuga na mente, despreza as evidências e insiste que, apesar de tudo, a vida humana tem que significar alguma coisa. E é este sentimento,

diz o Eclesiastes, que faz com que o ser humano se distinga do animal.

Um amigo uma vez tentou me convencer de que o fato de Deus permitir a existência do mal é irrelevante, porque o definimos sob o ponto de vista humano, não do ponto de vista privilegiado de Deus. “Se os sapos escrevessem sobre Teologia”, disseme, “estariam se perguntando por que um Deus cheio de amor e poder não havia criado mais pântanos e mais mosquitos”. Respondi: “Certo, mas você está omitindo a questão essencial. Os sapos não escrevem sobre Teologia, mas as pessoas escrevem. Os sapos não questionam o significado da vida, nas pessoas sim, porque há uma dimensão divina e um pouco da imagem de Deus em cada um e nós, que nos faz perguntar por que estamos vivos. É por isso que a morte de uma criança é uma tragédia mas a de um girino não é”.

Se a lógica nos diz que a vida é um acidente sem significado, diz o Eclesiastes ao final de sua jornada, não desistas da vida. Desiste da lógica. Ouve aquela voz dentro de ti, que te empurrou a fazer a pergunta inicial. Se a lógica afirma que-, a longo prazo, nada faz diferença porque vamos todos morrer e desaparecer, então não vivas a longo prazo. Esquece as preocupações com a transitoriedade de tudo, aceita tal coisa como uma das verdades da vida e aprende a encontrar significado e propósito no transitório, nas alegrias que se esvaem. Aprende a saborear o

momento, mesmo que ele não dure para sempre. Na verdade, aprende a gozá-lo porque é apenas um instante e não permanece. Há momentos de nossas vidas que podem ser eternos sem serem permanentes.

Você não é capaz de fechar os olhos e recordar alguma coisa que aconteceu, apenas por alguns momentos, há muitos anos? Pode ter sido a visão de um panorama deslumbrante

ou uma conversa que fez com que você se

sentisse amado e apreciado. De certa maneira, não durou quase nada mas, em outro sentido, durou todos estes anos e ainda existe. Este é o único tipo de eternidade que o mundo nos dá. Você não é capaz de fechar os olhos e trazer à memória alguém já morto mas que um dia significou muito para você? Não é capaz de ouvir mentalmente a sua voz e sentir sua mão? Eis a prova de que uma pessoa, aprendendo a viver, pode enganar a morte e viver muito além dos anos que lhe são destinados.

Quando paramos de buscar a Grande Resposta, o Feito Imortal capaz de dar a nossas vidas um sentido permanente, e nos concentramos, em vez disto, tentando preencher nossos dias com momentos que nos gratificam, achamos a única resposta possível à pergunta sobre o sentido da vida. Não significa escrever grandes livros, acumular enorme fortuna ou alcançar grande poder. É amar e ser amado. É degustar a comida e se sentar ao Sol, em lugar de engolir o almoço e correr de volta ao escritório.

É saborear a beleza dos momentos que passam, o pôr-do-Sol, as folhas que mudam de cor nas árvores, os momentos raros de verdadeira comunicação humana. É saborear estes momentos, em lugar de os perder, porque estamos ocupados demais e porque eles não ficam parados à nossa espera. O autor do Eclesiastes passou a maior parte de sua vida procurando a Grande Solução, a Grande Resposta para a Grande Pergunta, apenas para aprender, depois de desperdiçar anos e anos, que tentar encontrar a Grande Resposta para o problema da vida é como tentar comer a Grande Refeição, para nunca mais se ter de preocupar com a fome. Não há a resposta mas há respostas: o amor, a alegria de trabalhar, os prazeres simples da comida e da roupa limpa, as pequenas coisas que tendem a ficar perdidas ou a ser atropeladas na busca da Grande Solução para o Problema da Vida e aparecem, como o proverbial pássaro azul da felicidade, somente quando deixamos de as procurar. Quando chegamos a um estágio em nossas vidas em que somos mais capazes de sentir prazer e menos capazes de realizar, adquirimos a sabedoria que o Eclesiastes finalmente descobriu, depois de tantas

tentativas fracassadas e desilusões.

Conta Kent, a ex-freira que se tornou artista plástica, diz em um de seus posíers:

“A vida é uma série de momentos... viver cada um deles é obter o sucesso”. Não compreenderemos o que é estar realmente vivos se pensarmos que podemos resolver de uma vez por todas o problema de viver através da obtenção de uma fortuna, de uma cultura ou de um marido ou uma mulher perfeitos. Nunca resolveremos o problema da vida de uma vez por todas. Podemos lidar com ele diariamente, num esforço constante para preencher cada dia com o significado de um dia. É isto, fundamentalmente, a percepção do Eclesiastes e os conselhos que nos legou. Nosso autor procurou em vão por uma chave para o significado da vida. Por mais que tentasse, nunca a encontraria. Mas, apesar de seus repetidos fracassos, não pôde chegar à conclusão de que

a vida não tem sentido.

Viu e sentiu a futilidade, a injustiça de tantas coisas que nos acontecem na Terra.

Mas sentiu, ao mesmo tempo, que a vida, por mais confusa e frustrante, é sagrada demais, especial demais, cheia demais de possibilidades para ser sem sentido, ainda que ele nunca pudesse encontrar este sentido. Finalmente o descobriu, não em uns poucos grandes feitos, mas em milhares de pequenos gestos.

Um famoso jogador de futebol americano, entrevistado na véspera de um jogo decisivo, perguntou: “Se este é o jogo final, coroo é que vai haver outro no ano que vem?”

Poderíamos, da mesma forma, dizer que, se pudéssemos fazer hoje algo que resolvesse de maneira definitiva e permanente o problema da vida, não precisaríamos de um amanhã. Por que iria Deus criar um amanhã? A vida não é um problema a resolver de uma vez; é um desafio constante, a ser vivido dia após dia. Nossa busca não deve ser pela Resposta, mas pela maneira de fazer de cada dia uma experiência humana.

Quando o povo de Israel deixou o Egito, Deus tratou de impressioná-lo com um milagre tão espetacular que todos os que o vissem jamais pudessem duvidar de Seu poder

ou de Sua providência. Fez com que as águas do Mar Vermelho se abrissem, dando passagem segura aos israelitas e afogando depois os perseguidores egípcios. Uma vez em segurança, na outra margem, o povo se sentiu realmente impressionado e cantou a glória de Deus. Prometendo-Lhe lealdade eterna: “Ó Senhor será nosso Rei por todo o sempre”. O plano divino funcionou - durante umas quarenta e oito horas. No terceiro dia depois da travessia, as pessoas estavam cansadas, com calor e com sede.

Reclamaram com Moisés da falta de água e comida e se perguntaram os motivos de terem se aventurado a tudo aquilo. Deus compreendeu que, por mais impressionante que fosse o milagre, não resolvia o problema da fé por mais que um ou dois dias, da mesma forma que a melhor das refeições não aplaca a fome por muito tempo. Deus decidiu,

então, mudar Sua tática: em vez de um milagre espetacular, único para uma geração, providenciou para que os israelitas tivessem água para beber, maná para comer e sombra para descansar todos os dias. “Comendo seu pão com alegria”, o povo experimentou a bondade de Deus e a inteireza da vida nos milagres simples e diários, que tornavam sua vida suportável. Da mesma maneira que meia hora de exercício diário faz mais por nossa saúde que seis horas consecutivas uma vez por mês, experimentar

o significado da vida em poucas e pequenas coisas, todos os dias, faz mais por nossas almas que uma só experiência religiosa avassaladora.

Lembro-me de ter lido uma vez uma entrevista de uma senhora de oitenta e cinco anos, que vivia nas montanhas do Estado de Kentucky. Pediram -lhe que reexaminasse sua vida e dissesse o que tinha aprendido. Com aquele inevitável travo nostálgico, que sempre acompanha declarações deste tipo, ela respondeu: “Se pudesse viver tudo de novo, eu erraria mais da próxima vez. Relaxaria 81

mais, faria mais bobagens, levaria menos coisas a seno... comeria mais sorvetes e menos feijão. Talvez eu tivesse mais problemas verdadeiros, mas teria menos imaginários.

Veja, fui uma pessoa que viveu com seriedade e sensatez hora após hora, dia após dia. Fui uma destas pessoas que nunca foram a lugar algum sem um termômetro, uma lanterna, uma capa de chuva e um pára-quedas. Se pudesse começar de novo, eu carregaria menos bagagem”.

“Vai e come teu pão com alegria”. “Mais sorvete e menos feijão”. Menos rica e menos culta que o autor do Eclesiastes, a senhora do Kentucky sente, como ele, que dispersou tempo demais de sua vida seguindo conselho errado e quer nos recomendar que evitemos esse erro. Descobriu que os prazeres de hoje podem ser facilmente estragados pelas preocupações sobre o que vai acontecer amanhã. Aprendeu que o medo pode expulsar a alegria, tornando-nos tensos pela preocupação, mas que o riso é capaz de expulsar o medo e nos libertar. E quis nos transmitir sua lição.

“Vai e come teu pão com alegria, bebe teu vinho com o coração em paz, pois tuas ações já foram há muito aprovadas por Deus”. Num mundo em que nem todos são capazes de destacadas façanhas ou de alcançar sucessos, Deus nos deu a aptidão de encontrar a grandeza no dia-a-dia. Um almoço tanto pode ser uma

refeição rápida, tal qual a parada de um piloto de corridas em seu box, como pode ser a oportunidade de saborear o milagre que a terra, as chuvas, as sementes e a imaginação humana podem operar em nosso paladar. Temos apenas que ser sábios o bastante para que possamos reconhecer o milagre, em vez de passar correndo por ele em busca de “alguma coisa importante”. Podemos rir da moça adolescente deslumbrada com seu novo namorado. Ela acha que a coisa mais maravilhosa da história humana acaba de acontecer com ela, enquanto sabemos bem que apenas um fenômeno hormonal aconteceu, exatamente de acordo com a programação de suas glândulas, e que em seis meses ela estará se perguntando

o que viu de especial naquele rapaz. E, contudo, há alguma coisa emocionante em ser capaz de sentir felicidade ao recebimento de uma carta, um telefonema ou um sorriso.

Há, então, uma capacidade de encontrar a alegria nas coisas comuns que bem poderíamos invejar. A vida boa, a vida verdadeiramente humana, não está baseada em alguns

poucos grandes momentos, mas em muitos e muitos pequenos momentos. Ela nos pede, apenas, que relaxemos nossa procura por tempo suficiente para que estes momentos se acumulem e passem a significar alguma coisa.

Um rabino uma vez perguntou a um proeminente membro de sua congregação: “Toda vez que eu o vejo, você está com pressa. Diga-me, por favor, para onde você corre sempre e tanto?” O homem respondeu: “Corro atrás do sucesso, corro atrás da realização.

Corro atrás da recompensa por meu duro trabalho”. O rabino replicou: “Seria uma boa resposta se todas estas bênçãos

estivessem à sua frente, tentando escapar-lhe. Se correr o suficiente, você poderá alcançar çá-las. Mas pode ser que as bênçãos estejam atrás de você, procurando por você, e que quanto mais correr mais dificilmente elas o alcançarão”. Não poderia suceder que Deus tivesse presentes maravilhosos de todos os tipos, reservados para nós boa comida, belo pôr-do-sol, flores que nascem na primavera e folhas que caem no outono e momentos tranqüilos de comunhão enire seres humanos mas que nós, perseguindo a felicidade, estivéssemos correndo tanto, impedindoO de nos encontrar?

O conselho do Eclesiastes, de que procuremos muitas pequenas respostas durante toda vida, em lugar da Grande Resposta ao seu final, nos revela a fonte da realização potencial: o trabalho. “Tudo que possas fazer, faze-o com todas as forças”.

Trabalhemos bem, não apenas porque isto nos trará recompensas e promoções, mas porque nos dará o sentimento de que somos competentes. Alguma coisa corrói a alma daqueles que não mais se importam com a qualidade do seu trabalho e o fazem apenas mecanicamente.

Há trabalhos que podem-ser malfeitos sem que ninguém seja prejudicado, mas nenhum de nós pode pagar o preço espiritual do desleixo no trabalho. Tornamos desdenhosos de nossa competência e de nós mesmos. Quando aplicamos nosso recém-descoberto entusiasmo na procura do prazer de cada pequeno momento, não apenas no lazer ou durante

as férias, mas também no nosso trabalho, descobrimos mais uma forma importante de atribuir inteireza e significado à maneira pela qual gastamos nosso tempo. O

romancista

Wallace Stegner escreveu que o trabalho tem recebido propaganda negativa, desde o Jardim do Éden, onde Adão e Eva foram punidos com a condenação de ganhar o pão de cada dia com o suor de seus rostos, até os portões de Auschwitz, onde havia a inscrição Arbeit Macht Frei (“O Trabalho Liberta”). Contudo, continua ele, “um número maior de pessoas do que as que o admitem

encontra no trabalho a sustentação para suas vidas de adultos”. Freud identificou o amor e o trabalho como as duas coisas que a pessoa madura tem que fazer bem. Trabalhamos porque precisamos de dinheiro. Mas trabalhamos também por outras razões. Quantas vezes você já não ouviu histórias de carteiros, motoristas ou secretárias que ganharam na loteria e se tornaram milionários mas que continuam a acordar às seis da manhã e ir para o trabalho,

porque o trabalho é o que fazem e o que são? “O que é que você faz?” - quando nos fazem a pergunta, invariavelmente respondemos com nosso trabalho, não com nossos hobbies ou com nossos compromissos organizacionais.

Trabalho porque tenho uma família a sustentar e contas a pagar, mas trabalho também porque o trabalho me põe em contato com as pessoas e me faz sentir uma pessoa competente e útil. Houve ocasiões, tantas e tantas em minha vida profissional, em que, num período de vinte e quatro horas, tive de fazer a oração inaugural de um seminário no domingo à tarde, officiar num casamento na 83

mesma noite, conduzir uma reunião com meus subordinados na segunda de manhã, officiar ao meio-dia no funeral de uma jovem esposa e mãe, morta por um câncer, e passar

a tarde tentando dar conforto à família infeliz. De todas essas atitudes, o funeral é, sem dúvida, a menos agradável, que me faz sentir menos à vontade. Entretanto, de uma maneira estranha, sinto-me bem quando officio num funeral. Passei anos sem conseguir entender este sentimento. Cheguei a achar que devia haver em mim alguma coisa pervertida, que me fizesse gostar de tais momentos. Mas hoje compreendo.

Nestas ocasiões me sinto vivo e comprometido. Sei que não estou apenas presente, mas que significo algo mais. Não gosto de officiar em funerais de jovens e gostaria de não ter de fazê-lo com tanta frequência, mas há algo satisfatório em ser desafiado a fazer uma coisa difícil e fazê-la bem. Acredito que era isto que estava na mente do Eclesiastes quando nos disse o que, na prática, significa: “Mesmo que você não vá ganhar o Prêmio Nobel por seu trabalho, mesmo que ele não o torne rico e famoso, ele trará sentido à sua vida, se o encará-lo com seriedade e a ele dedicar todas suas forças”.

Se tivermos sorte, encontraremos o ponto em nossa vida, no qual extrairemos o máximo prazer de nosso trabalho. Alguns de nós, no começo da vida, descobrem

sua vocação

e onde empregar sua energia e tudo dá certo. Ser um médico, um advogado ou um professor é tão gratificante quanto imagináramos. Muitos, com um pouco de sorte, encontram

uma nova carreira no meio da vida, dela obtendo estranha sensação de prazer: a dona-de-casa universitária, cujos filhos já estão crescidos o bastante para que ela possa fazer o que sempre achou que era sua vocação; o executivo de nível médio, que abandona os sonhos de riqueza e poder, realiza todos os seus investimentos financeiros

e decide ganhar a vida usando seus conhecimentos de jardinagem, que foi seu hobby durante tantos anos; o contador que monta um restaurante e fica muito mais feliz, acordando de madrugada como seu ex-patrão, do que jamais fora quando chegava às nove ao escritório. A maioria das pessoas prefere continuar na rotina, no mesmo trabalho, dia após dia, ano após ano. Mas a chave da felicidade, para que obtenhamos prazer em nosso trabalho, consiste em usarmos todas as nossas habilidades, não

as desperdiçando, e sermos apreciados por isto. “Tudo que possas fazer, faze com todas as forças”.

É uma frustração terrível saber que você é capaz de alguma coisa e não ter a oportunidade de fazê-la, ou acreditar que nunca terá chance de se testar. Assim, um atleta que passa dois anos afastado do trabalho preparando-se para as Olimpíadas, não porque isto faça sentido do ponto de vista financeiro, mas porque ele tem de descobrir se é realmente bom numa competição do mais alto nível. Um operário promovido a um cargo de chefia tira alegremente o paletó e vai consertar a máquina quebrada,

porque tem orgulho de saber fazê-lo e não agüenta ver gente menos qualificada se atropalhando com o reparo. A frustração

de um atleta profissional, com um rendoso contrato em curso mas condenado ao banco de reservas, ou aquela do operário excedente ao quadro, que sabe que receberá da mesma forma o salário trabalhando ou não, testemunha que trabalhamos pelo dinheiro, mas também porque com o trabalho preenchemos lacunas de nossas vidas e damos

a ela um significado.

Deve estar claro que “tudo que possas fazer” não se refere apenas àquelas coisas que somos pagos para fazer. Fazemos muitas coisas como voluntários, porque queremos aquele sentimento de prazer, que nossos empregos regulares nem sempre nos proporcionam, isto é, de que estamos fazendo uso de nossas habilidades, sendo notados e

apreciados por isto. Assim, o operário de uma linha de montagem trabalha como treinador de um time de garotos e consegue a satisfação em ensinar, dar conselhos e decisões. A secretária canta no coro da Igreja ou faz parte da Defesa Civil, onde tem o prazer de ver que pessoas necessitam que ela lhes dê ajuda e proteção. Minha sinagoga, como outras associações, igrejas e clubes em todo o país, oferece oportunidades para que voluntários organizem programas assistenciais, comitês, campanhas

de levantamento de fundos, comícios ou o que quer que seja que os faça sentir que estão ajudando, ao mesmo tempo que utilizam seus talentos ocultos.

Há ocasiões na vida em que temos que nos diminuir para nos tornarmos maiores.

Transformamo-nos em pessoas íntegras, não à medida que acumulamos, mas à medida que nos livramos de tudo que não é verídico, de tudo que é falso ou inaltêntico. Às vezes, para que nos tornemos íntegros, temos que desistir do Sonho.

O Sonho é a ilusão que tínhamos quando éramos jovens - talvez inculcada por pais e professores, talvez desabrochada em nossa própria imaginação - de que viríamos a ser alguém verdadeiramente especial. Sonhamos que nossos nomes seriam famosos, que nosso trabalho seria conhecido, que nosso casamento seria

perfeito e nossos filhos exemplares. Quando as coisas acabam acontecendo de maneira diferente, sentimo-nos fracassados. Nunca seremos felizes se não pararmos de comparar nossas realizações

da vida real com o Sonho. Jamais nos conformaremos com o que somos até entendermos, que somos suficientemente especiais. Se conseguimos chegar a ser autenticamente humanos, comendo nosso pão com alegria e gozando a vida com aqueles que amamos, não precisamos mais ficar ricos e famosos. Ser verdadeiramente humano é um feito muito mais admirável. Em seu livro *Seasons of Man's Life* (“As Estações da Vida do Homem”), o Dr. Daniel Levinson descreve a idade adulta como a que proporciona a oportunidade de renunciar à “tirania do Sonho” e chegar ao sucesso em termos mais realistas. Diz ele: “Quando um homem deixa de sentir que tem de ser notável, fica mais livre para ser ele mesmo e para agir de acordo com seus desejos e talentos”.

85

Os sábios dizem, a certa altura do Talmude, uma coisa notável: “Uma hora neste mundo é melhor do que toda a eternidade no Mundo que Virá”. Que significa isto?

Minha

interpretação é a de que, se aprendermos realmente a viver, não precisaremos procurar recompensas em alguma outra vida. Não nos perguntaremos qual o sentido correto

da vida. O viver de uma forma humana será, por si só, a recompensa. A pessoa que descobre os prazeres de uma vida verdadeiramente humana, a pessoa cuja vida é rica em amizades e entes queridos, que aproveita, a cada dia, os prazeres da boa comida e da luz do Sol não precisará se esfalfar na perseguição de alguma outra forma de sucesso. Nenhum elogio ou agrado de estranhos, nenhum carro de luxo ou título de nobreza se compara à felicidade que ela já conhece.

Ouvi uma história a respeito de uma fábrica que tinha um problema com furtos.

Coisas valiosas desapareciam todos os dias. Uma empresa de segurança foi contratada para revistar todos os empregados à hora da saída. A maioria deles se sujeitava a esvaziar os bolsos e exibir o conteúdo das marmitas. Mas havia um homem que passava pelo portão, todos os dias, empurrando um carrinho-de-mão cheio de lixo, para desespero do guarda de segurança que tinha que gastar meia hora, quando todos os outros

já estavam a caminho de casa, revistando maços de cigarros vazios, copinhos plásticos, restos de todos os tipos, para ver se achava alguma coisa de valor. Nunca encontrava. Um dia, finalmente, o guarda não agüentou mais: “Escute, eu sei que você é o culpado mas todos os dias revisto cada pedaço de lixo neste carrinho e nunca

encontro nada que preste. Estou ficando maluco com isso. Me diga qual é o truque e eu prometo que não conto nada a ninguém”. O homem deu de ombros e disse: “É simples.

Eu roubo carrinhos-de-mão”.

Não entenderemos nada do significado da vida enquanto estivermos pensando nela como um período que podemos usar para à procura de recompensas e prazeres. De maneira frenética e com frustração cada vez maior, gastamos nossos dias, nossos anos, à procura da recompensa, do sucesso que fará com que nossa vida valha a pena, da mesma forma que o guarda, que vasculhava o lixo do carrinho à procura de alguma coisa valiosa, deixando, o tempo todo, de ver o objeto do furto, ou a resposta óbvia.

Quando aprendemos a viver, a própria vida é a recompensa.

9. PORQUE NÃO TENHO MEDO DA MORTE

Um amigo meu, um religioso por quem tenho admiração, me procurou uma vez com um problema pessoal. Um membro de sua congregação, um médico de quarenta e dois anos de idade, estava internado, com um tumor incurável no cérebro. Disse-me o amigo: “Não sei por que, mas não tenho coragem para ir visitá-lo. Gosto dele, me preocupo com ele, sei que minhas visitas significam muito para ele, mas vivo achando razões e desculpas para não ir. E isto me preocupa”. Respondi: “Acho que sei por que é. Desconfio de que você veja nele uma semelhança muito grande consigo. Vê-lo doente e à morte faz com que pense que, dentro de algum tempo, você poderá estar na mesma situação, e não consegue suportar a idéia. Acho que você está com medo de morrer - e isto não é nenhuma vergonha. Muita gente tem este medo - e é por causa dele que é tão difícil ver alguém da mesma idade morrendo”.

” E como é que você supera o medo de morrer?” Disse-lhe que não estou pronto para a morte, que espero viver ainda muitos anos, mas não tenho medo de morrer porque me sinto satisfeito com o que fiz de minha vida. Sinto que não a desperdicei, que fiz dela o melhor que pude, que a vivi com integridade, e com isto, exercendo influências

sobre as outras pessoas que sobreviverão a mim. Mostrei que ele certamente também podia dizer a mesma coisa sobre sua vida e seu trabalho e que eleja havia alcançado um nível de vida verdadeiramente humano. Só quando não se tem mais medo da morte é que se está verdadeiramente vivo.

Acho que não é da morte que as pessoas têm medo. É outra coisa muito mais trágica e perturbadora que nos assusta. Temos medo de nunca termos vivido. Assusta-nos chegar ao fim de nossos dias com a sensação de que jamais estivemos realmente vivos, pois nunca descobrimos o que é a vida.

De todos os temores que nos assolam, desde o medo infantil do escuro até o terror às cobras ou o susto causado por altitudes, nada é comparável ao receio de termos desperdiçado nossas vidas, sem nada para mostrar ao seu final. Já estive ao lado de muitas pessoas à morte. A maioria gostaria de viver mais, se pudesse. Nenhuma, queria abandonar as pessoas que amava. Mas muitas não temiam a morte, porque sabiam que tinham tido tempo para viver e tinham usado bem este tempo. Praticamente, as únicas pessoas que conheci que demonstraram medo de morrer foram aquelas que sentiam que tinham desperdiçado suas vidas, rezando para que Deus lhes concedesse mais alguns anos, a fim de que pudessem usar de forma mais sábia os momentos de vida. Não consigo imaginar punição mais assustadora que esta para uma vida desperdiçada,

nem recompensa maior para uma vida bem vivida, que o sentimento de ter aceito o desafio de ser humano comportando-se à altura.

Há uma história a respeito de um homem que morre, depois de uma vida absolutamente egoísta e imoral, e se vê, momentos depois, num mundo de sol brilhante, música suave, cheio de vultos vestidos de branco. “Puxa! Nunca esperei por isto. Acho que Deus tem estima especial por malandros espertos como eu!” Passa uma figura envolta em um manto branco e lhe diz: “Companheiro, quero comemorar. Posso lhe pagar uma bebida?” O outro responde: “Se com isto você quer dizer bebida alcoólica, não há nenhuma por aqui”. “Bebida nenhuma, é? Que tal um jogüinho? Poker, biriba, o que você quiser”. “Desculpe mas aqui também não se joga”. “E o que é que vocês fazem o dia inteiro?” O outro diz: “Lemos muito os Salmos. De manhã estudamos a Bíblia e todas as tardes há um círculo de orações”. “Salmos! Orações! Bíblia o dia inteiro!

Homem, te digo uma coisa: não foi assim que me descreveram o paraíso!” O vulto de branco sorri e responde: “Acho que você não entendeu... Não estamos no paraíso; você está no inferno”.

O paraíso - sugere a história - é ter aprendido a desfrutar as coisas que nos fazem humanos, as coisas que só os seres humanos podem fazer. E , por contraste, o pior tipo de inferno que sou capaz de imaginar não é de fogo e lava, cheio de figurinhas vermelhas armadas com tridentes. O pior inferno é a percepção de que

você poderia ter sido um ser humano de verdade, você poderia ter sido um mensch, mas agora não há mais tempo. Você poderia ter conhecido a satisfação de cuidar de alguém, de ser generoso, sincero e leal ou de ter desenvolvido a mente e o coração, de controlar os instintos em vez de ser controlado por eles, mas nunca o fez.

“Quem se elevará à montanha do Senhor e se erguerá em Seu sagrado lar? Aquele que tiver as mãos limpas e o coração puro” (Salmos 24 : 3 - 4). “Elevar-se à montanha do Senhor” não é necessariamente ir para o paraíso após a 88

morte, nem se refere a ir à Igreja ou à sinagoga (embora seja provável que o Salmo se refira originalmente ao Templo de Jerusalém). Elevar-se à montanha do Senhor pode significar crescer até o limite humano da vida, usar bem o tempo, viver com “as mãos limpas e o coração puro”, de tal forma que, ainda em vida, se possa ter o sentimento de “se erguer em Seu sagrado lar”. Quando você consegue isto, a perspectiva da morte não lhe traz qualquer terror.

Vi, há muitos anos, uma cena de uma peça teatral na televisão que nunca mais esqueci. Um casal jovem no convés de um navio. São recém-casados em viagem de lua-de-mel.

Falam sobre o amor e o casamento que lhes trouxe realização e felicidade, além do que esperavam. O homem diz: “Se eu morresse amanhã, sentiria que minha vida foi plena porque conheci o teu amor”. E ela lhe diz: “Eu sei, eu também me sinto assim”. Eles se beijam e caminham juntos, permitindo que o público leia em um salva-vidas

o nome do navio: Titanic.

Se as pessoas dos tempos bíblicos tinham mais ou menos a mesma expectativa de vida que temos hoje (e há razões para acreditar que tinham - o nonagésimo Salmo diz que as pessoas normais chegavam aos setenta anos e as excepcionais, aos oitenta), podemos imaginar o Eclesiastes como um homem de quarenta e poucos, talvez perto dos cinqüenta anos. Ele deveria estar na mesma etapa que a minha. E começa a ter medo de que seu tempo esteja se esgotando. Os anos por viver são certamente em número

menor que os já vividos e ele ainda não está certo de que tenha feito algo significativo de sua vida. Pode estar lamentando o tempo e as oportunidades desperdiçados.

Às vezes gosto de pensar nisto como a “teoria do vidro de café”. Logo que abre um vidro de café solúvel, você serve colheradas cheias, generosas, porque sabe que o vidro ainda está cheio e está usando apenas uma pequena parte do conteúdo. À

medida que se aproxima do final do vidro, você percebe que já há pouco café, e as porções passam a ser medidas com mais cuidado. No final, você se esforça para alcançar até o pouco que se esconde nos cantinhos. Acredito que tendemos a lidar com o tempo da mesma forma. Os jovens acham que vão viver para sempre. Presumem que todo o tempo do mundo está à sua disposição. Dão-se ao luxo de “investir” seu tempo em atividades que não trarão dividendos senão muito mais tarde. Aceitam cargos de níveis iniciais e salários de aprendizes em empresas, como forma de iniciar uma carreira. Namoram pessoas com quem sabem que não irão casar, mas apenas para aprenderem a desenvolver o relacionamento amoroso.

Mas vamos ficando mais velhos e, mais ou menos à altura da metade do vidro de café, aprendemos a empregar melhor nosso tempo, porque percebemos que ele não vai durar para sempre. Paramos de fazer as perguntas dos jovens -

89

“até onde vou chegar?” -, que são perguntas a responder em termos de sucesso e competição, e passamos às perguntas do tipo das que atormentaram o Eclesiastes - “o que terei realizado? Que diferença terei feito para o mundo? O que terei deixado quando o meu tempo tiver se esgotado?” -, perguntas que têm de ser respondidas

com base nas coisas que dividimos com os outros. É sinal de que estamos amadurecidos quando paramos de perguntar o que a vida nos reserva e começamos a perguntar

o que estamos fazendo de nossa vida.

Alguns exemplos deste processo:

- Quando cheguei aos quarenta e cinco anos, reduzi os sermões e as aulas e comecei a escrever livros, para fazer com que minhas idéias alcançassem as pessoas mesmo quando não pudesse estar presente. Até então, sempre lidara com a palavra falada, e esta se esvai logo que é dita. Sem perceber, comecei a sentir a necessidade de me expressar por um meio mais permanente.

- Um amigo meu, proprietário de um posto*de gasolina, quando chegou aos quarenta, decidiu mudar o nome de seu estabelecimento de Maple Street Garage para Al Jones’

Garage (de “Posto da Rua Maple” para “Posto do Al Jones”). Como eu, começou a reagir à chegada da meia-idade, ligando seu nome a algo permanente, em lugar de apenas

registrado oralmente.

- Em janeiro de 1984, o Senador Paul Tsongas, do meu estado natal de Massachusetts, declarou que iria deixar o Senado, sem concorrer à reeleição naquele ano. Tsongas era uma estrela em ascensão, franco favorito à reeleição, freqüentemente apontado como candidato em potencial à vice-presidência ou até mesmo à presidência do país.

Poucas semanas antes daquela declaração, havia descoberto que tinha um tipo de câncer linfático, incurável mas controlável através de tratamento e que, provavelmente,

não afetaria em nada sua capacidade física ou sua expectativa de vida. A doença não o forçou a deixar o Senado mas forçou-o a confrontar-se com o fato de que não viveria para sempre. Não haveria tempo para fazer tudo que queria. Portanto, qual era a coisa que mais desejava fazer no tempo limitado que lhe restava? A maioria consegue evitar esta pergunta. Paul Tsongas, segundo a palavra de seu médico, teve que enfrentá-la. Decidiu que o que mais queria na vida, aquilo de que não abriria mão, já que não era possível ter tudo, era ficar com sua família e acompanhar o crescimento de seus filhos. Preferia isto a contribuir para dar forma à legislação do país ou a ver seu nome nos livros de História. Compreendeu que, se fosse atingir a imortalidade de qualquer forma, qualquer tipo de vida após encerrados seus dias na Terra, ela teria suas raízes na família e não na atividade legislativa.

Publicada a decisão, um amigo lhe escreveu dando-lhe os parabéns pela clareza de suas prioridades, e acrescentou: 'Ninguém jamais disse, em seu leito de morte, que gostaria de ter destinado mais tempo a seus negócios'. O Eclesiastes, naturalmente, acossado pelo mesmo medo de que não houvesse tempo para 90

tudo, já havia dito antes: "Vaie come teu pão com alegria, bebe teu vinho com o coração alegre... Goza a vida com a mulher que amas durante todos os passageiros dias da vida que te foi dada sob o Sol". Quando tomou sua decisão, Paul Tsongas estava com quarenta e três anos.

Se eu tivesse medo de morrer por ter concluído que, de acordo com as estatísticas, já consumi dois terços de minha vida, e por estar vendo, cada vez mais, gente de minha idade morrer subitamente, teria que viver meus últimos anos no medo e na apreensão. Como compreendeu, há tantos anos, o autor do Salmo 23, Deus não nos livra da morte. Vamos todos morrer um dia. Mas Ele nos redime da sombra da morte, de deixarmos que nossas vidas fiquem paralisadas pelo medo de morrer. Ele nos auxilia

a evitar que a morte projete sua sombra sobre os dias que ainda temos para viver.

No dia de seu septuagésimo-terceiro aniversário, o filósofo Horace Kallen escreveu: "Há pessoas que pautam suas vidas em função do temor à morte e há

peessoas que o fazem considerando a alegria e a satisfação da vida. Os primeiros vivem morrendo; os outros morrem vivendo. Sei que o destino pode terminar comigo amanhã, mas a morte é uma contingência sem importância. Chegue quando chegar, pretendo morrer vivendo”.

Não tenho medo da morte porque sinto que vivi. Amei e fui amado. Fui desafiado, em minha vida pessoal e profissional, e consegui, senão um desempenho perfeito, pelo menos qualificável e talvez até um pouco mais que isto. Deixei minha marca nas pessoas e cheguei a um ponto da vida em que não mais preciso me preocupar com esta marca. Sou capaz de olhar para o último ato de minha vida, tenha ele a duração que tiver, com a certeza de que finalmente aprendi quem sou e como devo conduzir a vida. Ando sem medo pelo vale das sombras, não apenas porque Deus está comigo mas porque Ele me trouxe até aqui. Não há jeito de evitar a morte. Mas a Cufã para o medo da morte é o sentimento de ter vivido.

No capítulo anterior, vimos o Eclesiastes chegar à mesma conclusão que o Senador Tsongas. Uma vida significativa não é alcançada através de uns poucos feitos grandiosos

e imortais, mas sim por uma grande quantidade de pequenos feitos. O desafio não é o de se erguer acima do nível da vida de todos os dias, através de um esforço sobre-humano.

O desafio é encontrar alguma coisa verdadeiramente humana para fazer em todos os dias da vida. Quando compreender que não há tempo para tudo ou descobrir que tentar comprimir tudo nas vinte e quatro horas do dia apenas faz com que você se canse e que as coisas fiquem incompletas, pela metade, ou que as pessoas com quem divide sua vida sintam que você nunca pára o tempo suficiente para que elas o conheçam bem, quais

91

passam a ser, os elementos inegociáveis de sua vida? Quais as coisas que você deve ter, de qualquer maneira, para poder sentir que viveu a vida e não que a desperdiçou?

Ao longo de nossa excursão pelo Eclesiastes e por nossas próprias vidas, identificamos três coisas:

- pertença às pessoas;
- aceite a dor como parte de sua vida;
- saiba que você fez algo importante.

Precisamos pertencer intimamente a algumas pessoas que sejam elementos permanentes de nossas vidas. Ter muitos e muitos amigos, para discutir sobre esportes ou trocar receitas culinárias, não é suficiente. Da mesma forma que “um só chimpanzé não é um chimpanzé”, um ser humano não pode ser completa e autenticamente humano sem um relacionamento permanente com algumas outras pessoas. E estas têm de ser pessoas com quem possamos dividir toda a nossa vida, não apenas uma pequena fração de nós e de nosso tempo.

Esta é a razão, acredito, pela qual a mulher tende a suportar melhor que o homem o trauma emocional do divórcio ou da viuvez. As mulheres conseguem estabelecer amizades

mais sólidas, com as quais dividem alegrias e problemas. Já os homens preferem ter conhecidos, sócios nos negócios ou companheiros de pescarias ou de esportes, isto é, pessoas às quais dedicam apenas uma parte de si mesmos, não o todo de suas identidades.

Quando meu livro anterior se tornou um best-seller, poderia ter abandonado minha congregação e tornar-me escritor e conferencista em tempo integral. A oferta era a de fama, viagens e mais dinheiro em troca de um trabalho menos envolvente, em termos emocionais. Preferi ficar com minha congregação, em parte porque sou um rabino,

mas também, num grau muito importante, porque percebi intuitivamente que precisava ter com essas pessoas um relacionamento permanente em minha vida. Como conferencista, conheceria muitas e muitas pessoas que jamais veria novamente. Faria minha palestra, receberia os aplausos e iria embora da cidade. Se fosse um conferencista de boa qualidade, poderia dizer coisas que ficariam com esta gente, ajudando-a por muitos anos. Mas não teria um relacionamento íntimo, continuo com ninguém. Como rabino

de uma congregação, continuaria oficiando casamentos de jovens cujo crescimento venho acompanhando desde o nascimento. E, como tal, aconselhando famílias que conheço há muito tempo e com as quais já dividi inumeráveis momentos felizes e tristes. Da mesma forma que nossos corpos precisam de ar e de comida, nossas almas precisam de laços com outras pessoas e não do cerco permanente de estranhos. Como costumava dizer um de meus professores, “não apreciamos o que recebemos, apreciamos o que dividimos”.

Um dos ensaios mais memoráveis no campo da Sociologia publicados nos últimos anos é Portnoy's Mother's Complaint ("O Complexo da Mãe de Portnoy"), de autoria de Pauline Bart. Uma jovem assistente social descreve seus encontros com uma mulher de cinquenta anos, recém-chegada ao hospital, vítima de depressão aguda. Trata-se de um caso extremo da "síndrome do ninho vazio". Seus filhos cresceram e se foram e ela se viu privada do único papel que dava algum sentido à sua vida. Sua depressão era tamanha que a levava à internação no hospital. Mas o que é fascinante a respeito das entrevistas é que a "Sra. Portnoy" (a mãe dedicada e rejeitada) se sente mal quando a assistente social lhe faz perguntas. Simplesmente não quer lhe contar a história da ingratidão e desconsideração dos filhos. Ela é que insiste em fazer as perguntas à moça: "Você é casada? Por que você está tão magrinha? Vive sozinha?"

Quem prepara as suas refeições? Você devia cuidar mais de si, comer mais frutas, viver mais ao ar livre! Quer um bombom?"

Quando a moça lhe pede que conte sua vida, a "Sra. Portnoy" fica apática e deprimida. Suspira, dá de ombros, não há entusiasmo em sua voz. Mas, quando pode inverter

os papéis e "entrevistar" a assistente social, se anima toda. Não consegue se entusiasmar com a idéia de uma visita dos filhos ao hospital ou de uma licença para passar o fim-de-semana em casa mas a idéia de levar a moça a uma loja para ajudá-la a escolher um vestido a anima.

A "Sra. Portnoy" precisa ser mãe de alguém. Esta é a única maneira que conhece para se sentir uma pessoa útil, competente. Necessita ter à sua volta gente que precisa dela e se mostre grata por seus conselhos. Quando o último filho saiu de casa, a "Sra. Portnoy" se viu "demitida" do único emprego. Uns quinze ou vinte anos antes do normal para um ser humano ela se viu "aposentada", sem querer, dos compromissos que davam sentido à sua vida e a depressão e o sentimento de inutilidade foram semelhantes às reações do velho trabalhador que é forçado a se aposentar. É por isto que reage de tal maneira à aparição da assistente social em sua vida. "Se quer mesmo me ajudar", ela parece dizer, "não me trate como um caso médico e não me venha com hobbies para velhos. Você pode me ajudar deixando que eu a adote como filha,

cuide de você, me preocupe com você, lhe dê conselhos. Sei fazer isso bem, preciso fazê-lo e, francamente, pela sua aparência, seria bom para você também. Então, jogue fora o caderno de notas, sente-se direito, use menos maquiagem, escolha cores mais vistosas para seus vestidos, me leve para casa que eu lhe faço uma boa canja. Você vê? - nós duas seremos mais felizes”.

Uma vida sem gente, sem a mesma gente todos os dias, gente que nos pertença, que seja parte de nossa vida, que precise de nós e de quem precisemos, 93

pode ser rica em muitos sentidos mas, em termos humanos, não chega a ser uma vida.

Num dia de verão, eu estava na praia, espiando um casal de crianças brincando na areia. Trabalhavam muito, construindo um complicado castelo de areia molhada, com torres e passarelas e ameias e passagens internas. Quando estavam perto do final do projeto, veio uma enorme onda e destruiu tudo, reduzindo o castelo a um monte de areia e espuma. Achei que as crianças iam cair no choro, depois de tanto esforço e cuidado. Tive uma surpresa. Em vez de chorar, correram para a praia, fugindo da água, rindo, de mãos dadas, e começaram a construir outro castelo. Compreendi que havia recebido uma lição importante. Tudo em nossas vidas, todas as complexas estruturas que gastam tanto de nosso tempo e de nossa energia para construir, tudo é feito de areia. Só o que permanece é nosso relacionamento com outras pessoas.

Mais tarde ou mais cedo, a onda virá e destruirá o que levamos tanto tempo para construir. Quando isto acontecer, somente aquele que tem as mãos de alguém para segurar

será capaz de rir.

Para sermos completa e autenticamente humanos, temos que nos preparar para despir a armadura com que geralmente nos cobrimos para evitar que o mundo nos magoe. Temos que estar prontos para aceitar a dor, ou então nunca ousaremos sentir a esperança ou o amor. Se não estivermos prontos para sentir, inclusive a dor, nunca conheceremos a alegria que o Eclesiastes classifica como uma das recompensas maiores da vida-Temos que abrir espaço em nossa alma para as tragédias da vida. Enquanto insistirmos em finais felizes, seremos ainda crianças, descontentes e zangadas com Deus, porque Ele não atende a nossos apelos e não faz com que tudo seja da maneira que queremos.

Não tenho muito a dizer a favor do sofrimento, a não ser que ele destrói nossas ilusões a respeito da maneira pela qual o mundo deveria funcionar.

Nosso filho Aarão nasceu na mesma semana em que o Presidente Kennedy foi assassinado e me lembro de Daniel Patrick Moynihan dizendo em lágrimas após o crime: “Se

você é irlandês, uma das primeiras coisas que aprende é que, mais cedo ou mais tarde, o mundo vai rasgar seu coração”. Como judeu, foi uma das primeiras coisas que aprendi também - e tive de aprender de novo, de uma forma mais pessoal, durante a curta vida de nosso filho. Não invejo as pessoas que chegam aos quarenta sem terem sofrido uma doença grave, uma tragédia ou um fracasso, porque sei que, mais cedo ou mais tarde, alguma destas coisas acontecerá e tenho medo de que elas não a saibam receber, sem ter tido, ainda jovens, uma experiência semelhante. A linguagem da dor e a dos sentimentos, é como todas as linguagens. É mais fácil aprendê-la quando somos jovens. A caxumba ou a catapora, não entusiasma em qualquer idade, rrus é 94

melhor passar por essas experiências quando somos crianças, podemos até desenvolver alguma imunidade contra outras doenças.

Por que é que centenas de jovens, que parecem ter tanto ainda a viver, atentam contra as próprias vidas, todos os anos? Por que é que há “epidemias” de suicídios de adolescentes, com tanta freqüência em famílias felizes, em comunidades abastadas, incidentes que não parecem resultar de desespero ou miséria, mas de tragédia

casuais, que destroem famílias e fazem com que escolas e comunidades se sintam amaldiçoadas? Mais que qualquer outra tragédia, o suicídio faz com que todos se sintam

responsáveis, culpados, perguntando a si próprios: “O que é que eu poderia ter feito para evitar que isto acontecesse?” E, contudo, estas coisas acontecem sempre mais. Os números - e as histórias por trás deles são realmente trágicos.

Já que estamos falando disto, por que é que pessoas de meia-idade, e até mais velhas, tentam contra a própria vida, freqüentemente, quando têm de encarar a perspectiva

de doenças graves ou escândalos? Acho que a resposta está ligada à atitude que

nossa sociedade tem em relação à dor. Desde a mais tenra idade estamos acostumados a ouvir dizer que para cada dor há um comprimido destinado a fazê-la desaparecer.

Na essência, ganhamos a promessa de uma vida sem dor. Quando isto não funciona, nossa incapacidade para lidar com qualquer sensação mais forte, principalmente a dor, nos deixa confusos e perdidos, e não gostamos de nos sentir assim. Quando acontece

alguma coisa que nos machuca doença, rejeição, sonhos que se desfazem - e desconhecemos como eliminar a dor, ficamos sem ação. Às vezes, tentamos ignorá-la, fingir

que ela não existe (a fábula das “uvas verdes”), que o caso não é conosco. Quando a dor continua, quando não conseguimos nos iludir, sentimo-nos perdidos. Sem jamais ter aprendido a conviver com a dor, algumas pessoas não conseguem enxergar outra saída senão desistir de viver. Muitas doenças mentais não passam de maneiras de escapar à dor da realidade. O alcoolismo crônico frequentemente é uma tentativa de atenuar a dor. Mas a tragédia maior é o suicídio de uma pessoa que é amada e talentosa,

que tem tantas razões para viver, mas que esquece tudo isto quando olha para o futuro e vê apenas uma dor maior do que a que seria capaz de enfrentar.

E, no entanto, a dor é parte da vida - temos que conscientizar-nos. A dor não dura para sempre, nem é necessariamente insuportável - temos que admitir. Os adolescentes têm de aceitar que um coração partido, como um osso partido, dói terrivelmente mas, mais cedo ou mais tarde, se recuperará e haverá uma nova vida depois da cura.

As pessoas portadoras de um segredo vergonhoso que está a pique de ser revelado, têm de saber que, além da condenação, há o perdão, que há gente e há um Deus neste mundo capazes de perdoar e amar até

mesmo os mais imperfeitos entre nós. A pessoa gravemente enferma precisa ter a certeza de que gastaremos com ela nosso tempo e cuidaremos dela com a mesma dedicação com que o fazíamos quando era saudável. Acima de tudo, temos de aprender a confiar em nossa capacidade de enfrentar a dor. Podemos suportar muito mais do que pensamos.

A experiência humana testemunho disto. Tudo que temos a fazer é aprender a não ter medo da dor! Aperte os dentes e deixe doer. Não tente escapar mas não se deixe abater. Não vai durar para sempre. Um dia, a dor terá ido embora e você continuará a ser o que era.

O último ingrediente da fórmula que nos capacita a dizer que “vivemos e nossa vida teve valor” é o sentimento de que fizemos algo importante e marcamos nossa presença no mundo. Em última análise, acho que foi isto que levou Paul Tsongas à decisão de viver sua vida com os filhos, abandonando o Senado. Na política, conseguiria no máximo, causar algum impacto duradouro. Em casa, ele sabia que sua influência seria substancial e permanente.

Naquele que é provavelmente o melhor estudo psicológico sobre os estágios que um homem atravessa ao longo da vida, o livro “As Estações da Vida do Homem”, o Dr.

Daniel Levinson escreve sobre o significado do papel do mentor. Um jovem, no início de sua carreira, será muito beneficiado se tiver um mentor, alguém mais velho - não velho o bastante para ser uma figura paterna mas, talvez, meia geração mais velho - que conheça os truques e lhe ensine como as coisas acontecem. Alguém com prestígio e influência suficientes para influenciar sua carreira. O jovem que tiver um mentor assim, terá mais chances de sucesso.

Mais adiante, Levinson fala sobre este processo sob o ponto de vista do mentor: Ser o mentor de um jovem é uma das experiências mais significativas que um homem pode ter em sua idade adulta. A satisfação especial do mentor é saber que está facilitando

o desenvolvimento do jovem, propiciando a realização de seus esforços e seus sonhos... Há mais que altruísmo nisto: o mentor atua para sua própria satisfação.

Faz

uso produtivo de seu próprio conhecimento e seus talentos. Aprende de uma forma única. Mantém ligações com as forças e energias da juventude, que estão no mundo e em si próprio. Precisa do pupilo tanto quanto este precisa dele .

Quando cheguei aos quarenta e oito anos, tomei a decisão de reestruturar meu trabalho e meu tempo. Convenci a liderança de minha congregação a reduzir minhas responsabilidades

e a designar um rabino-assistente, para divi-

dir comigo, em tempo integral, as tarefas pastorais e do ensino. Fiz isto por duas razões. Primeiro para ter mais tempo para escrever e fazer palestras, para estar com minha família de uma forma que é muitas vezes difícil para um rabino em tempo integral. Segundo, porque me daria a oportunidade de ser o mentor de um colega mais jovem, da mesma forma que tive a felicidade de ter um mentor quando iniciei a minha carreira. Teria alguém a quem passar meus segredos profissionais. Alguém cujo crescimento eu pudesse presenciar, verificando os resultados de meu investimento pessoal. Nossa-filha estava pronta a ingressar na Universidade a qualquer momento

e, como a “Sra. Portnoy”, eu precisava de outra pessoa para conduzir e modelar.

E todos nós precisamos. Todos nós ensinamos, de maneira formal ou informal: não somente o professor numa sala de aula, dirigindo-se a um grupo de estudantes, como o contador ou o operário, que transmitem sua experiência aos aprendizes, porque ter influência sobre outro ser humano, modelar sua vida de alguma forma, ainda que ligeiramente, é uma das experiências mais gratificantes, capazes de nos proporcionar satisfação imensa. Ensinamos porque precisamos dividir. Erik Erikson escreveu

que o desafio da meia-noite é escolher entre a produtividade e a estagnação, entre continuar a influenciar e ser útil ou sentar-se para esperar a morte. A incapacidade de produzir pode fazer com que uma pessoa se torne envolvida demais consigo mesma -

sua saúde, sua popularidade, suas memórias, suas decepções. A constituição do ser humano é tal que ele precisa se sentir necessário, para não sofrer a degeneração mental da auto-absorção. A produtividade se expressa na paternidade, mas também

no trabalho e no pensamento criativo. O homem precisa ensinar”, *Insight and Responsibility - “A Percepção e a Responsabilidade”*).

Se pensarmos na vida como num recurso limitado - um número “X” de anos a viver, “X” milhões de respirações ou de batidas do coração, antes que este finalmente pare - cada dia ou cada ano que passa nos faz chegar mais perto do

final. Não é de admirar que a perspectiva do envelhecimento nos desanime. (A personagem de um conto que li uma vez, quando lhe perguntam por que fala tão pouco, responde: “Cada um de nós nasce com uma quantidade certa de palavras a dizer. Quando usamos todas elas, morremos.”)

Mas, vamos supor que consigamos ver a vida, não como o ato de usar um recurso limitado, mas como o de acumular tesouros. Cada novo amigo, cada nova verdade aprendida

ou experimentada nos faz mais ricos do que anteriormente. Há mais na minha vida hoje do que havia há cinco ou há dez anos atrás, por causa de tudo que cresci e aprendi

nestes anos. A romancista Agatha Christie se casou, em segundas núpcias, com o arqueólogo Lord Mallowan. Alguém um dia lhe perguntou como era estar casada com um arqueólogo e ela respondeu:

“Maravilhoso! Quanto mais velha eu fico, mais ele se interessa por mim”. Não é preciso ser um arqueólogo para se sentir assim. Quanto mais velhos, mais interessantes

ficamos como seres humanos, porque as experiências dos anos passados nos tornam mais profundos e mais ricos.

Um amigo me disse um dia que a vida é como um bom vinho, que melhora com a idade.

Disse-lhe que não gosto da comparação, porque, a cada gole, há menos vinho na garrafa.

Prefiro pensar que a vida é como um bom livro. Quanto mais você lê, mais ele se torna familiar e claro. As personagens se desenvolvem melhor, o significado dos incidentes iniciais torna-se menos confuso. Quando, finalmente, chegamos à última página, há no livro um sentimento de satisfação e realização.

A vida é, se você quiser definir assim, uma obra de arte. Se prestarmos suficiente atenção a seus detalhes, seremos capazes de sentir orgulho do resultado final.

Como é que o artista pode pintar um quadro ou modelar uma estátua, sabendo que algum estranho os vai comprar e sem saber, sem ter maneira de saber o grau de prazer que a obra vai proporcionar? Como é que um escritor pode produzir um livro, que será lido por estranhos a centenas ou milhares de quilômetros de distância, sem jamais

saber o impacto que ele causará? Quando tivermos as respostas a estas perguntas, compreenderemos por que uma pessoa é capaz de se esforçar tanto para viver bem, para fazer de sua vida algo significativo, sabendo perfeitamente que um dia terá um fim, e que apenas “os outros” restarão para testemunhar se ela foi boa.

O Talmude diz que há três coisas a fazer durante nossas vidas: ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro. As três representam maneiras de investir nossas

energias criativa, produtiva, em coisas que sobreviverão e que simbolizarão o que de melhor existe em nós. São coisas que reafirmarão que nossa vida não foi em vão e que o mundo realmente foi melhorado pela nossa passagem por ele.

O que me dá mais prazer a respeito de meu livro anterior não é o fato de ter sido traduzido para nove outras línguas e ter-se tornado um best-seller em três outros países, nem o dinheiro que me trouxe. Romances de espionagem e biografias bisbilhoteiras tiveram êxito muito maior. O que me dá mais satisfação é chegar a uma cidade

onde nunca estive, onde não conheço ninguém, fazer uma palestra e ter depois oito ou dez pessoas a me procurar para dizer: “Seu livro mudou minha vida. Eu não teria agüentado estes últimos anos sem ele”.

Vamos pensar, mais uma vez, no autor do Eclesiastes. Seu medo de que a morte lhe fosse roubar a vida de significado, fazendo com que fosse como se 98

ele nunca tivesse existido, era tamanho que ele achava impossível encontrar prazer nas coisas agradáveis da existência. Não sabemos se teve filhos mas sabemos que ele plantou árvores e jardins, que fariam felizes pessoas muito após a sua morte.

E, é claro, escreveu um livro, que ainda hoje nos desafia e nos educa, milhares de anos já passados. Que satisfação maior que esta, que promessa de imortalidade mais grandiosa poderia alguém desejar?

10. UMA PERGUNTA

SEM RESPOSTA

“Entre todos os meus pacientes na segunda metade da vida, isto é, acima dos trinta e cinco anos de idade, não houve um só cujo problema não tenha sido, em última análise, o de encontrar uma razão religiosa para a vida. Posso dizer com segurança que cada um deles adoeceu porque perdeu aquilo que todas as religiões, em todos os tempos, dão a seus seguidores e que nenhum deles foi curado sem ter readquirido sua visão religiosa.”

CG. Jung, “O Homem Moderno à Procura da Alma”

Se houvesse terapeutas em Jerusalém há vinte e cinco séculos, o Eclesiastes bem poderia ter ido a um e dito: “Sou infeliz porque sinto que falta alguma coisa em minha vida. Sinto que não sou tão bom, o tempo todo, quanto deveria ser. Parece-me que estou desperdiçando muito de meu tempo e de meus talentos. Existo tentando viver à altura dos padrões que me imponho e, às vezes, quase chego até lá, mas nunca completamente. Percebo que, apesar de todos os privilégios com que nasci, estou

desperdiçando minha vida”. E o terapeuta poderia ter respondido: “você está sendo exigente demais consigo mesmo. Seja realista, baixe os seus padrões. Afinal, você é apenas humano”. O Eclesiastes teria saído da consulta sentindo-se ainda mais’desapontado consigo mesmo, por não encontrar nenhum consolo em conselho profissional

tão bem-intencionado quanto este.

Mas teria sido provavelmente a resposta errada. Um homem como ele precisa de padrões altos. Para que a vida tenha sentido, homens assim necessitam sentir que foram

chamados a uma missão importante. Sentimo-nos melhor quando posições morais significativas são exigidas de nós, pois assim estamos sendo levados a sério como criaturas

morais. Teria sido melhor dizer que Deus o per-

doaria por tentar e não conseguir do que dizer-lhe que ele deveria desistir de seus esforços e abaixar as expectativas em relação a si próprio.

Quando perguntaram a um jovem que fugiu de seu lar convencional de classe média, para ingressar na igreja do Reverendo Moon, por que fizera isto, respondeu: “Meu pai só fala em me formar e conseguir um bom emprego. O reverendo quer que o ajude a salvar o mundo”. Da mesma forma pela qual demonstramos compreender pouco sobre a missão de um pai quando procuramos tornar fácil a vida de nossos filhos, não permitindo que eles façam seus testes e tenham opções, revelamos que compreendemos mal a natureza humana quando julgamos estar ajudando as pessoas ao esperarmos muito pouco delas. “Apenas humano” não deve ser uma desculpa para a preguiça, o desleixo ou o egoísmo. Ser humano é uma coisa fantástica e Deus nos presta a homenagem fundamental quando exige de nós mais do que de qualquer outra criatura. Pode ser difícil

ser bom, quando temos à nossa disposição todas as distrações e tentações do mundo.

Mas é muito pior ter de ouvir que você não tem capacidade para ser bom, desculpando-o por não tentar.

O Eclesiastes perguntou: “O que dá importância à minha vida? O que faz dela mais que um fenômeno passageiro, que não merece atenção enquanto estou vivo nesta destina-

ção?” Sua resposta, em última análise, foi: “Não sei a resposta mas sinto, por instinto, que a vida humana tem de ser mais que a existência

meramente biológica. Quando me sinto feliz, no trabalho ou com a família, quando amo ou sou amado, quando sou generoso ou altruísta, sinto que acontece algo mais importante que estar simplesmente vivo. Sinto-me humano e este sentimento é mais convincente que a lógica ou a filosofia”.

Acho que ele está certo, só que não foi longe o bastante. Tendo quase respondido à pergunta sobre o que dava valor a sua vida, com base em instintos e

sentimentos vagos, ele deixa sem resposta uma grande pergunta: neste caso, quem precisa de Deus? Podemos tratar da questão do sentido último da vida sem nos referirmos a Deus?

O Eclesiastes se desapontou com a religião organizada, como se desapontou também com o prazer, a riqueza e o saber. Tentou, então, estabelecer sozinho uma base para sua vida - e quase conseguiu. Quando nos diz que devemos “comer o pão com alegria”, ele menospreza seu conselho acrescentando: “Pois tuas ações já foram há muito aprovadas por Deus”. Não haverá papel mais relevante para Deus que o de ficar aprovando à distância as nossas ações? O Eclesiastes nos foi útil como guia mas deixou

de cumprir um último passo necessário. Sem este passo, nossa busca por um significado para a vida pode chegar a não mais que uma questão de preferências pessoais

e pensamentos que refletem apenas nossos desejos. O Eclesiastes deu um corajoso salto de fé, na

ausência de qualquer indício de que a vida humana tinha algum significado, mas a fé com que saltou foi apenas a fé em si próprio. Qual será a base de sua fé ou do significado de sua vida, quando ele não mais estiver no mundo para a afirmar?

Será Deus a resposta para esta pergunta? Quando dizemos que Deus é a resposta para a pergunta sobre se há realmente alguém no Paraíso, estamos trivializando a religião e fazendo com que ela seja mais difícil de ser aceita pelas pessoas que lealmente pensam profundamente e procuram nela o apoio. A existência de Deus não é a questão.

A questão é a diferença que Deus pode fazer em nossas vidas. Quando vemos Deus como resposta à pergunta “há realmente alguém lá em cima, me mantendo em observação e anotando meus atos em um relatório moral?”, estamos ajudando a desenvolver uma religião baseada em medo e expectativas irrealistas.

O que faz Deus para que nossa vida esteja acima do nível da mera existência? Para começar, Ele nos comanda. Ele nos impõe um senso de obrigação moral. Nossa vida se faz mais importante porque estamos na Terra não apenas para comer, dormir e reproduzir, mas para fazer a Sua vontade. Os seres humanos têm necessidade de ser bons. Precisamos ser levados a sério como agentes morais e Deus revela que nos leva a sério quando espera que tenhamos um comportamento moral. Sentimo-nos desconfortáveis,

inautênticos, quando não vivemos à altura de nossa natureza moral. Pode ser esta a razão pela qual as crianças, quando quebram algo ou fazem alguma coisa errada, não se satisfazem até que sejam descobertas e punidas. Elas não querem que o ato passe em branco. Pode ser ruim receber uma repreensão ou uma punição mas é muito pior viver num mundo em que ninguém se importa se fazemos coisas boas ou más. Pode ser também esta a razão pela qual algumas congregações cristãs e judaicas parecem gostar de sermões do tipo que fala “na lavae no fogo do inferno”, quando o pregador admoesta os fiéis por serem tão réprobos e pecadores. Desta forma, ele os reconforta na certeza de que Deus e Seus ministros exigem deles altos padrões. É preciso muito para extinguir em nossas almas a centelha de Deus e nos tornar insensíveis à exigência moral de que sejamos humanos. Até as tropas SS de Hitler precisavam de “sermões”

periódicos, que lhes reafirmassem a convicção de que os instintos de compaixão não iriam interferir <*ni seu trabalho.

Nossa natureza humana exige que sejamos prestativos, atenciosos e generosos, tanto quanto precisamos comer, respirar e fazer exercícios. Quando comemos demais e fazemos exercícios de menos, sentimo-nos fora de forma. Até nossa personalidade é afetada. E quando somos egoístas e dissimulados, o efeito é o mesmo. Perdemos o contato com nossa verdadeira identidade. Esquecemos como é o sentimento de sentir-se bem.

102

Você se lembra da história de José na Bíblia? Aos dezessete anos, ele foi vendido como escravo por seus irmãos ciumentos. Sua vida confortável e segura como filho predileto foi, de repente, transformada numa vida de privações e insegurança.

Durante vinte anos, sonhou com o dia do acerto de contas com os irmãos. Suportou a solidão e a injustiça imaginando o dia em que faria com que seus irmãos se humilhassem e suplicassem misericórdia, como eles o haviam forçado a fazer. E, na imaginação,

gozava cada segundo da cena.

E um dia aconteceu. Houve fome na terra de Canaã. Somente no Egito havia grãos para a alimentação. José havia se tornado o Ministro da Agricultura do Faraó, responsável pela distribuição do trigo, e foi nesta posição que recebeu os irmãos. Ele os reconheceu mas os irmãos não sabiam quem ele era. Era aquele o momento com o qual sonhara

por vinte anos. Agora ele os tinha em seu poder. Era a hora do acerto de contas pelo que lhe tinham feito. Mas, quando começou a atormentá-los, ameaçando fazer de um deles seu escravo e acusando-os de espionagem, uma coisa muito estranha ocorreu.

José descobriu que não estava tendo o prazer que imaginara. Nos sonhos, sentia-se tão bem quando os feria, quando os fazia pagar pelo passado. Mas na realidade não conseguia sentir prazer. Não gostou da pessoa em que estava se transformando. Ele, que odiava os irmãos por serem cruéis e duros de coração, não conseguia se ver transformado em alguém cruel e duro de coração (e, portanto, merecedor do ódio) como eles (ou melhor, como eles haviam sido vinte anos antes e já não eram mais). José descobriu que a alma humana não foi feita para o ciúme e a vingança. Agindo contra sua própria natureza, foi se sentindo cada vez pior, até que não pôde mais suportar e se identificou para os irmãos, em lágrimas.

Pode ser que o egoísmo, o cinismo e a desconfiança não sejam apenas imorais e ofensivos a Deus. Pode ser que eles sejam também prejudiciais à saúde e até

destrutivos.

Um estudo realizado no Centro Médico da Universidade Duke, em 1984, procurou relacionar o “comportamento tipo A” (pessoas impacientes, dinâmicas, altamente competitivas)

com as doenças cardíacas. A hipótese era a de que as personalidades “tipo A” fossem mais propensas à incidência de problemas de pressão sanguínea e de coronárias que a média da população. O que descobriram, em vez disto, foi que algumas das pessoas “tipo A” estudadas tinham saúde melhor que a média e pareciam se regozijar com os desafios e com a competição em suas vidas. Mas as pessoas do “tipo A” que eram agressivas e competitivas por acreditarem estar cercadas de pessoas desonestas e mentirosas, viram-se forçadas a também mentir e trapacear, para não serem exploradas, e com isto tornavam-se tensas e preocupadas, além de belicosas, o que se refletia

em suas artérias e pressão sanguínea.

103

Da mesma forma que o corpo humano é propenso ao consumo de certos alimentos e a alguns tipos de atividades, também para a alma humana, de certa maneira, certos tipos de comportamentos são mais saudáveis que outros. O ciúme, o egoísmo, a desconfiança envenenam a alma; a honestidade, a generosidade e a alegria a revigoram.

Sentimo-nos melhor, de maneira literal, quando nos esforçamos para ajudar alguém.

Deus é a resposta à pergunta: “Porque devo ser bom e honesto quando vejo ao meu redor assassinos impunes?” E Deus é a resposta não porque vá interferir, punindo os maus e recompensando os justos, mas porque Ele fez a alma humana de forma tal, que apenas uma vida de bondade e honestidade nos faz sentir espiritualmente saudáveis e humanos.

O biólogo Lewis Thomas escreveu que a grande lei da Natureza, para todas as coisas vivas, não é a da sobrevivência dos mais capazes, mas o princípio da cooperação.

As plantas e os animais não sobrevivem derrotando seus competidores na luta por alimento e luz, e sim aprendendo a conviver com seus vizinhos de tal forma que todos prosperam. Deus é a força que nos move acima do egoísmo, para que ajudemos nossos vizinhos, ao mesmo tempo em que os inspira para que transcendam seu egoísmo e nos ajudem. Deus nos eleva acima de nós mesmos, da mesma forma que o Sol faz com que plantas e árvores se tornem mais altas. Deus nos conclama a que sejamos mais do que éramos no começo.

Há pouco tempo, o filho de amigos meus, de vinte e um anos de idade, descobriu que estava com um câncer ósseo. Seus pais tiveram de levá-lo a um hospital em Seattle, a quase cinco mil quilômetros de distância, numa tentativa desesperada de tratamento com uma terapia nova, experimental. Quando o problema se tomou conhecido, coisas

espantosas começaram a acontecer. Clubes e organizações assistenciais organizaram campanhas para custear as despesas. Um dos melhores hotéis de Seattle lhes ofereceu hospedagem gratuita enquanto o rapaz estivesse no

hospital; restaurantes serviam suas refeições e não aceitavam pagamento. O Governador do Estado de Massachusetts interferiu, recomendando que a companhia de seguros assumisse o custo de um tratamento que alguns viam ainda como experimental. Poderia surgir a pergunta: “Por que

Deus permite que um rapaz de vinte e um anos contraia câncer? Inclino-me a perguntar: “Quem mais, senão Deus, leva as pessoas a responderem com tal generosidade e compaixão a uma tragédia? O cético e o agnóstico são capazes de explicar o Mal no mundo pela negação da ação de Deus nos assuntos humanos. Mas como explicariam o Bem? Depois de explicarem a crueldade e o crime, como vão explicar a generosidade, a bondade, a coragem e o auto-sacrifício, a não ser pelo fato de que Deus atua

sobre nós da mesma forma que o Sol afeta a flor, fazendo com que ela cresça e floresça e revele o que tem de mais belo dentro de si?

104

Deus nos dá a esperança de tal forma que nenhum agente humano poderia fazê-lo.

Entre os humanos, funciona a Lei de Murphy: “Qualquer coisa que pode dar errado, dará

errado”. Mas no nível divino há outra lei, oposta a esta: qualquer coisa que precise ser consertada, mais cedo ou mais tarde, será consertada. Deus é a resposta à pergunta: “Por que tentar melhorar o mundo, se os problemas da guerra, da fome, da injustiça e do ódio são tão imensos e persistentes, que jamais, em toda a minha vida, conseguirei sequer lhes causar uma moosa? Deus nos assegura, de um jeito que mortal algum conseguiria, que aquilo que não conseguirmos em nosso tempo de vida será complementado depois de nossa partida, e em parte devido ao que tivermos feito. Os seres humanos podem ser mortais, passando apenas alguns anos na Terra, mas a vontade de Deus é eterna. O Eclesiastes - esse perguntava : “Qual o sentido de tudo de bom que eu faço, se quando morrer todas as minhas boas ações serão esquecidas?”

A resposta é que as boas ações nunca serão esquecidas ou desperdiçadas. O que não puder ser atingido numa vida será complementado quando outra vida humana suceder à nossa. Pessoas que nunca se conheceram em vida acabaram se tornando parceiros no desenvolvimento de coisas boas, porque o Deus Eterno deu a suas ações uma medida de eternidade.

Estive nas Montanhas Rochosas canadenses e observei as ravinas cortadas na rocha pelas torrentes de água. À primeira vista, nada na Terra parece tão duro quanto aquelas rochas e nada tão fácil de desviar quanto a água. E, contudo, ao longo dos séculos, a água vem vencendo a batalha, cortando e remodelando a rocha. Nenhuma gota d'água sozinha é mais forte que a rocha, mas muitas delas juntas conseguem a vitória final.

Quais as perguntas do Eclesiastes para as quais Deus poderia ter sido a resposta?

No outono de 1952 eu era calouro na Universidade de Columbia. Era jovem demais para votar mas acompanhei com interesse a campanha para as eleições presidenciais.

Embora Dwight Eisenhower fosse, na época, o reitor da Universidade de Columbia, a maioria de meus colegas de turma se inclinava para o Democrata Adlai Stevenson (em Princeton, berço da formação de Stevenson, os estudantes eram favoráveis a Eisenhower).

Mas a lembrança mais forte que me ficou das eleições de 1952 não foi a vitória de Eisenhower ou a derrota de Stevenson, mas a morte de Roberto Taft, imediatamente em seguida.

Para toda uma geração, o Senador Robert Taft, representante do Estado de Ohio, havia sido a consciência do partido Republicano, a personificação de seus princípios e a alternativa ao New Deal. A ambição de toda a sua vida havia sido a presidência dos Estados Unidos, seguindo os passos do pai, o presidente William Howard Taft.

Com o partido Democrata enfraquecido, abalado por uma série de escândalos, após vinte anos no poder, e por uma guerra impopular na

Coreia, 1952 parecia o ano certo para ele. Mas, no verão anterior, os Republicanos escolheram Eisenhower, um herói de guerra para milhões de veteranos da guerra e para o restante da população. Taft morreu logo após a posse de Eisenhower.

Lembro-me de ter pensado, na época, que era difícil aceitar que um homem como Taft pudesse

estar com saúde suficiente para a campanha presidencial no verão e doente, em estágio final de um câncer, poucos meses depois. Comecei a suspeitar de que havia uma

ligação entre a destruição do sonho de sua vida inteira e o colapso de sua saúde.

Como é que se continua a viver quando se sente que toda a sua existência foi um fracasso? Quando você é obrigado a admitir que o objetivo que perseguiu e com que sonhou está fora de seu alcance e jamais será seu. Quando você já está velho demais para tentar outro objetivo de vida e não tem mais nada a esperar, pelo resto de seus dias, a não ser a lembrança diária de seu fracasso, o que interessa continuar a viver? Se, ao longo de toda a vida, você não quis nada mais de que ser uma

boa mãe e esposa para as pessoas que amou e, na meia-idade, se vê divorciada ou viúva, sem ter nenhuma culpa por isso, ou os filhos se tornam completamente diferentes

daquilo que você esperou, onde é que você vai buscar forças para continuar indo de encontro ao futuro? Se o sonho de sua vida sempre foi o de obter mais sucesso que seu pai, ganhar mais dinheiro e atingir um status mais elevado que o dele, de forma que um dia ele fosse forçado a admitir que você era melhor que ele, e se de repente você enfrenta o fato de que nunca vai conseguir nada disto, como é que você convive com os fragmentos de seu sonho desfeito?

Será Deus, então, a resposta a estas perguntas? Entre tantas outras coisas está nele também a resposta para o problema de continuar a viver quando a vida foi um fracasso? “Pois o homem apenas vê o que é visível mas o Senhor vê o interior do coração” (Samuel I, 16 : 7). Na sociedade secular, o homem sem Deus só pode avaliar pelos resultados pelos êxitos. Você ganhou ou perdeu? Você conseguiu fazer ou fracassou? Teve lucro ou prejuízo? Mas somente Deus nos pode julgar pelo que somos, não apenas pelo que fazemos. Mas, na sociedade secular, somente os fatos têm valor, portanto as pessoas são dignas de elogios apenas se conseguem façanhas, se são reprodutivas e bem-sucedidas. Se alguém morre ou é aleijado por um acidente, como é que calculamos o seu prejuízo? Falamos da perda da capacidade de produzir. Os adolescentes e os velhos são um problema para nossa sociedade porque vivem, respiram e comem mas não produzem. Não fazem nada. Uma formação universitária é recomendável,

não porque vá aprofundar sua alma ou porque vá fazer com que você entenda melhor a vida, mas porque vai aumentar suas oportunidades de obter mais poder ou ganhar mais. Eugene Borowitz escreveu: “Temos medo de envelhecer porque deirare-106

mos de ser úteis, isto é, capazes de fazer coisas que demonstrem aos outros que temos valor. Medimos o valor pelo nosso desempenho”.

Quando não podemos medir as pessoas pelos padrões divinos, só podemos avaliá-las por padrões humanos: Elas são úteis! A mulher que deixou de ser atraente e passou da idade de procriar e o vendedor que não tem mais energia física para atingir seus alvos de vendas não são mais úteis e, portanto, mal existem como pessoas. Mas se nós só podemos ver o que é visível, mensurável,

Deus vê o interior do coração. Ele não apenas perdoa os fracassos, como enxerga o sucesso onde ninguém o vê, nem mesmo nós próprios. Somente Deus nos dá crédito pelas palavras raivosas que não dissemos, pelas tentações em que não caímos, pela paciência e pela gentileza que mal foram notadas e há muito foram esquecidas pelos outros. O simples fato de sermos humanos nos dá a Seus olhos algum valor e tentarmos viver com integridade nos transforma em sucesso para Ele.

Deus poderia ter dito a Robert Taft, em 1952, ou a Paul Tsongas, em 1984: “então você não vai ser presidente. A maioria das pessoas também não vai ser.

Mas veja os êxitos reais e substanciais de sua vida pública e pessoal. Eles devem fazer com que você se -sinta bem-sucedido. Perder a presidência não deve fazê-lo acreditar que é um fracasso. Perder a fé em si mesmo por não ter conseguido alcançar parte do que queria na vida, ou não ser capaz de ver seus êxitos em uma perspectiva adequada por causa de uma derrota, isto sim seria fracassar”.

Eugene Borowitz escreveu:

“Não previmos a possibilidade de fracasso importante ou duradouro. Não pudemos acreditar que nossas melhores idéias podiam ser acanhadas, nossos planos inadequados, nosso caráter mesquinho e nossa vontadelpervertida. Certímente não podíamos esperar que, sendo virtuosos, pudéssemos também gerar males, e alguns tão grandes que fosse obscurecer o bem já feito. O resultado não é apenas um estado moral doentio mas também o surgimento de uma era em que, em meio ao período de maior liberdade e afluência que jamais tivemos, o problema psiquiátrico coletivo passou da culpa para a depressão. Conhecendo nossos fracassos, não conseguimos acreditar, de verdade, em nós mesmos. Não conseguimos nem mesmo fazer o bem que está em nosso poder, porque o fracasso nos convenceu <“e que nada que façamos vale a pena. Se a religião pudesse ensinar nossa sociedade secular a aceitar o fracasso sem ficar paralisada, e a pedir perdão sem diminuir seu senso de responsabilidade, poderíamos acabar com o abatimento e a lassidão moral que atualmente permeiam nossa civilização. Se a religião pudesse

restaurar um senso de dignidade pessoal em nossa sociedade, estaria estabelecida a base para qualquer esperança de reconstruirmos o ânimo de nossa civilização”.
(of Ecumenical Studies, edição do verão de 1984).

Deus nos redime do sentimento do fracasso e do medo que dele temos porque nos vê de uma forma de que a visão humana não consegue. Algumas religiões nos ensinam que Deus nos vê com tanta clareza, que pode enxergar nossos pensamentos vergonhosos e segredos desonrosos. Prefiro acreditar que Deus nos vê tão claramente que pode identificar, melhor que qualquer outro, nossas feridas e dores e as cicatrizes que trazemos no coração por termos querido fazer mais e melhor e termos descoberto que o mundo nunca o permitiria.

Faz diferença a maneira pela qual eu vivo? Faz diferença que eu seja bom, honesto, fiel, compassivo? Não parece fazer qualquer diferença para meu saldo bancário ou minhas chances de fama e fortuna. Mas, cedo ou tarde, aprendemos, como aprendeu o Eclesiastes, que não são estas as coisas que realmente interessam. O que conta é que sejamos fiéis a nós mesmos, a nossa natureza inata, que exige coisas como a honestidade e a generosidade, e que se torna flácida e distorcida se as negligenciarmos.

É importante aprender a dividir nossas vidas com outras pessoas, fazendo-as, e a seu mundo, diferentes, em vez de querer toda a vida para nós. E ainda, que aprendamos a reconhecer nos prazeres de todos os dias, a comida e o trabalho e a amizade e o amor, encontros com o que é divino, que nos ensinam não só que Deus é real mas que nos também o somos. Estas coisas contam e fazem toda a diferença.

Seguindo a tradição judaica, celebramos todos os anos um feriado chamado Sukkot, a Festa dos Tabernáculos. É, em parte, um velho festival da colheita, originário de uma época em que os israelitas eram fazendeiros e agradeciam, no outono, a colheita realizada. Na realidade, é o protótipo das festividades americanas do Dia de Ação de Graças. E é, também, uma comemoração pela proteção de Deus a Israel durante os quarenta anos de exílio entre o Egito e a Terra Prometida.

Comemoramos o Sukkot erguendo um tosco barracão anexo a nossas casas, com apenas algumas tábuas e galhos de árvores, convidando os amigos e dentro dele bebendo vinho e comendo frutas.

O Sukkot é a celebração da beleza das coisas efêmeras; o pequeno barracão tão vulnerável ao vento e à chuva (em nossa casa ele desaba invariavelmente um ou dois dias após a construção) e que deve ser desmanchado no final da semana; as frutas frescas, que murcharão e se estragarão se não forem logo colhidas e consumidas; os amigos que talvez não fiquem conosco tanto tempo

quanto poderíamos desejar, e, nos climas de regiões mais ao Norte, a beleza das folhas que vão mudando de cor, antes de caírem secas das árvores. O Sukkot acontece no outono. O verão já acabou, e, às vezes, os fins de tarde já são frios, com os primeiros sopros do inverno. Ele nos vem ensinar que o mundo está cheio de coisas boas e bonitas, comidas, vinho, flores, pôr-do-sol e céu do outono e, ainda, as boas companhias com quem dividimos tudo isto, mas temos que as apreciar logo, porque não vão durar muito. Não vão esperar que terminemos de fazer outras coisas. É o tempo de “comer nosso pão com alegria e beber nosso vinho com o coração alegre”, não porque a vida não vai durar para sempre, mas, precisamente, por causa disto. É

o tempo de sermos felizes com aqueles que amamos e de compreendermos que estamos em um momento de nossas vidas em que ter prazer hoje significa muito mais que ter preocupações pelo amanhã. É o tempo de celebrarmos, pois que, finalmente, aprendemos o sentido da vida e a maneira de tirar dela o máximo proveito. O texto das Escrituras designado para estudos especiais nas sinagogas, durante a Festa dos Tabernáculos,

é o Livro do Eclesiastes.

109

A EDITORA NOBEL procura sempre publicar obras que atendam às necessidades e interesses dos leitores. Com o objetivo de satisfazer de forma cada vez melhor sua expectativa,

elaboramos este questionário. Solicitamos que você o responda e o envie para a Editora Nobel. Agradecemos desde já sua colaboração. P.S. Se você não quiser recortar o livro, transcreva o questionário em uma folha avulsa.

1. Título que adquiriu:

Autor:

Finalidade da compra:

2. Você já conhecia livros publicados pela Nobel? Sim D NãoD

3. Você já havia adquirido algum livro editado pela Nobel? SimD NãoD

4. Qual a sua opinião sobre os livros editados pela Nobel quanto à: Qualidade editorial DÓtima DBoa DRegular DMá

Qualidade gráfica DÓtima DBoa DRegular DMá

Apresentação visual DÓtima DBoa DRegular DMá

5. Quais são suas áreas de maior interesse? (Favor numerar, pela ordem de interesse, lembrando que o ne 1 corresponde àquela que mais lhe interessa.) J}

D Administração DAgricultura DAnimais Domésticos DArtes e Arquitetura D
Direito D

Ecologia

6.

8.

DAdministração D Economia DMarketing

DAgricultura D Engenharia DNegócios

DAnimais Domésticos D Fruticultura D Pássaros

DArtes e Arquitetura D Horticultura D Peixes Ornamentais Düireito
Djardinagem DPsicologia

DEcologia DLiteratura DVendas

D Veterinária e Zoologia

Na compra de um livro, o que mais leva em consideração? (Favor numerar pela ordem de importância.)

D Preço D Se há ilustrações D Editora

DCapa em cores DComentários da imprensa DTamanho da letra D Formato do livro
DNacionalidade do autor D Exposição em livrarias D Número de páginas
D Assunto abordado D Outros fatores D Editora DTamanho da letra D
Exposição em livrarias D Outros fatores D Preço D Se há ilustrações D Editora

DCapa em cores DComentários da imprensa DTamanho da D Formato do livro
DNacionalidade do autor D Exposição er D Número de páginas D Assunto
abordado D Outros fatort De que maneira você se informa sobre os novos
lançamentos da Nobel? Djornal/Revista D Folheto/Mala direta

DNa própria livraria DCatálogo

DTV/Rádio DOutros meios

Dados pessoais para cadastramento

Nome:

Sexo DMasculino DFeminino

Endereço:

Cidade: UF CEP

Fone: () R e-mail

UF_

.CEP_

. R..

Data de nascimento:.

_ e-mail

. Profissão.

Você já está cadastrado e receberá os catálogos e folhetos da EDITORA NOBEL com as novidades em sua(s) área(s) de interesse. Caso não queira que seu nome seja utilizado

para o recebimento de material promocional, escreva-nos comunicando seu pedido de exclusão.

EDITORA NOBEL - Central de Atendimento ao consumidor Rua Pedroso Alvarenga, 1046 -

9S andar - 04531 -004 - São Paulo - SP

Fone (11) 3706-1466 - Fax (11) 3706-1462 www.editoranobel.com.br-E-mail: ednobel@editoranobel.com.br-